SARDINHA: ABUNDÂNCIA NO ALGARVE E DESÂNIMO EM SETÚBAL (PÁG. 2)

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SÁBADO, 12 DE ABRIL DE 1969 N.º 16 635 ANO 49.º UM ESCUDO

COMPRE LOTARIA NO CAMPIÃO

O Pacto de Varsóvia envia tropas para a fronteira sino-soviética

— afirmam jornais europeus

BONN, 12 — (R.) — Os aliados do Pacto de Varsóvia estão a enviar tropas para as zonas de inquietação da fronteira sino-soviética, anunciou hoje o diário da Alemanha Ocidental «Frankfurter Allgemeine Zeitung».

Numa notícia de Viena, citando círculos bem informados, o jornal anuncia que os reforços têm aparentemente simples valor simbólico e representam uma expressão de solidariedade com a União Soviética, dada pelos seus aliados da Europa Oriental por causa dos incidentes de fronteira.

A notícia acrescenta que em resultado destes movimentos de tropas espera-se uma redução nos efectivos do Pacto de Varsóvia na Europa.

O jornal não especifica quais os países donde vão as tropas, mas o termo «ortodoxos» empregado parece significar tratar-se dos aliados soviéticos que tomaram parte na invasão da Checoslováquia.

VIAGEM DE SURPRESA

LONDRES, 12 — (R.) — O «Daily Mail» anuncia ho-

(Continua na 12.ª página)

O rei Hussein, cujo plano de paz para o Médio Oriente é criticado por Rádio Argel e posto em dúvida pelo jornal egípcio «Al Ahrame»

(Leia na pág. 12)

«A MOSCA» MAGAZINE do Diário de Lisboa

«Olá, moscas de todos os países!» Esta é a saudação de «A Mosca» dirigida a todos os nossos leitores. Retribuam a saudação com um sorriso, não utilizem qualquer espécie de insecticida, não deitem vinagre em pratinhos estratégicos... Deixem «A Mosca» voar por toda a parte, passear nos vidros das janelas, incomodar as pessoas adormecidas. Permitam, enfim, que «A Mosca» pouse nas calvas portuguesas e caia nas sopas domésticas. Até para que aconteça qualquer coisa...

Maja de Portugal 1969

Foi um êxito: o concurso para eleição da «Maja de Portugal 1969» terminou ontem, nos salões do Hotel Fénix, quando uma centena de individualidades escolheu Maria Emília Pinto (em cima) de entre as demais finalistas (aqui ao lado, pousando junto da estátua do Marquês de Pombal) apuradas no certame organizado pelo nosso jornal e pela Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha). **Leia reportagem nas páginas centrais.**

DOZE PÁGINAS VEDADAS PELA CENSURA

O VAIVÉM DA SARDINHA

Abundância no Algarve e desânimo em Setúbal

De acordo com decisão da Comissão Central de Pescarias, a safra da sardinha deveria ter começado, no dia 1 deste mês, em toda a costa portuguesa. Isso verificou-se no Algarve (com um ligeiro atraso para Vila Real de Santo António, devido ao estado da barra do Guadiana, como noticiámos) e, de um modo geral, em todo o Sul do País.

No Norte, porém, a partir da Figueira da Foz, a safra ainda não começou — contrariamente ao determinado pela Comissão Central de Pescarias, estabeleceu-se, para início da safra, o dia 1 de Maio próximo.

Tal medida (atraso de um mês sobre o resto do País) prejudica, de forma apreciável, a indústria das conservas do Norte. E julgamos saber que a Corporação da Pesca e Conservas está a tratar superiormente do assunto.

Boas pescas em Olhão e Vila Real de Santo António

Aproveitando as marés altas, os barcos de pesca de Vila Real de Santo António começaram a sair, embora correndo o risco de naufrágio à boca da barra. Felizmente, nenhum acidente se verificou até agora e os resultados da campanha têm vindo a ser animadores.

Também em Olhão, depois de alguns dias de pescas fracas («A sardinha está muito funda» — diziam os pescadores) ontem, inesperadamente, o peixe reapareceu, criando-se a esperança de que a safra venha a ser frutuosa. A sardinha, efectivamente, andava escassa nos últimos tempos em toda a costa, de Barlavento a Sotavento.

Para além de abundante, a sardinha pescada ontem era de boa qualidade, pelo que as fábricas iniciaram, em força, a sua laboração.

Desânimo em Setúbal

Entretanto, em Setúbal, onde todas as artes e traineiras se têm feito diàriamente ao mar, os resultados têm sido desanimadores. O máximo que cada traineira tem feito por dia oscila entre os dez e os trinta contos — quantidade de sardinha que mal dá para o consumo, não tornando possível o início da laboração de qualquer fábrica de conservas.

Qual o motivo desta escassez? Os pescadores atribuem-na à existência de grandes cardumes de «apára lápias», peixe pequeno, de cerca de oito a dez centímetros de comprimento, espécie de roaz, provido de um bico afiado, que afasta a sardinha, pois ataca os cardumes, pondo-os em debandada.

Já o ano passado o fenómeno se verificou, não se encontrando maneira de afastar o antipático «apara-lápias», peixe que não tem interesse para a pesca.

Claro que os motivos da escassez da sardinha em Setúbal podem ser outros — mas os pescadores culpam os «apara-lápias».

O ministro do Interior amanhã em Bragança

BRAGANÇA, 12 — Está anunciada para amanhã a inauguração oficial do novo posto da Guarda Nacional Republicana na vizinha freguesia de Parada, uma das mais populosas e progressivas deste concelho.

Presidirá à cerimónia o sr. ministro do Interior e estarão presentes o chefe do distrito, o comandante-geral da G. N. R. e o comandante do Batalhão n.º 4, com sede no Porto e outras entidades.

A bênção do novo edifício será dada pelo bispo de Bragança e Miranda, D. Manuel de Jesus Pereira.

RUA QUARTIN GRAÇA

No seguimento de uma proposta aprovada em recente sessão do Município, o general França Borges atribuiu a designação de Rua Eng.º Quartin Graça à Rua 2.ª T. D., à Estrada do Desvio.

Formas modernas e decorações atraentes nos novos modelos da Fábrica de Porcelana da Vista Alegre

UMA FÁBRICA NA VANGUARDA

NOVOS MODELOS DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE FORAM HOJE APRESENTADOS

Atender à evolução do país, seguir uma linha de gosto do público do nosso actualização necessária e corresponder à aceitação obtida além-fronteiras — tudo isso sem perder o carácter tradicional de uma produção que se tem prestigiado ao longo dos anos, é tarefa difícil que a si própria se impôs a Fábrica de Porcelana da Vista Alegre.

A demonstração de que aquela importante unidade fabril conseguiu, afinal, alcançar os melhores resultados na concretização desse objectivo, está patente, desde hoje, numa exposição destinada ao lançamento de novas linhas de serviços de porcelana.

Trata-se de um certame inaugurado em ambiente de franco optimismo e que foi já visitado pela maioria dos comerciantes da especialidade, os quais se manifestaram surpreendidos com os modernissimos serviços de jantar, chá e café e com as decorações apresentadas, pois são formas por que esperava grande parte do público e que situam, uma vez mais, a Fábrica de Porcelana da Vista Alegre — já, também, com a sua famosa linha Companhia das Índias — na vanguarda da indústria de porcelanas domésticas e artísticas.

De assinalar, ainda, a concepção mais funcional dos conjuntos de peças que formam os serviços da Vista Alegre, e, mediante uma técnica apurada as decorações de grande fogo, de extraordinário efeito decorativo e praticamente inalteráveis, permitindo a aplicação de qualquer detergente ou máquina de lavar, e que estão na linha mais moderna dos conceitos sobre a utilização da porcelana.

DE ONTEM PARA HOJE

«SAÚDE, TRABALHO E PRODUTIVIDADE»

«Saude, trabalho e produtividade» foi o tema desenvolvido ontem pelo dr. Artur Ernesto Moniz na Escola Nacional de Saude Publica e Medicina Tropical. Trata-se de tema escolhido este ano pela Organização Mundial de Saude nas comemorações do Dia Mundial de Saude. Definiu primeiro o prof. Artur Ernesto Moniz o pensamento de épocas precedentes e os padrões morais e outros valores. O artesanato, o comércio e os começos da época industrial situam-se no clima psico-social da estruturação das tendências instintivas na clássica concepção da hierarquia familiar. A adaptação ao novo condicionalismo extrema a divergência do plano idealista dos princípios humanitários com a finalidade materialista da produtividade — acentuou o orador, que considerou ser urgente rever a organização científica do trabalho no sentido de tornar convergente o interesse imediato dos que o executam com o aumento da produtividade que constitui o problema central da presente era tecnológica. E lembrou que a formulação da ideologia sob a qual se desenvolveu a industrialização, agravada pelo recurso aos métodos da produção em massa e a formação das grandes empresas, influenciou a própria orientação científica. Adoptando os mesmos conceitos, os programas de saude visaram o individuo e o ambiente, isoladamente, registando-se algumas aquisições de benefício inegável. A introdução de novos parâmetros de avaliação vem, todavia, revelar a enorme disparidade entre os níveis mais altos de conforto humano e a aceitação psicológica das exigências do trabalho. O inconformismo gera a frustração e influencia negativamente a produtividade. Mas a célebre experiência de Elton Mayo, na fábrica de Hawthorne, completada por outras investigações, abre perspectivas inexploradas e sugere novos rumos.

CONSELHO SUPERIOR DA DEFESA NACIONAL

No Palácio de S. Bento, reuniu-se, sob a presidência do prof. dr. Marcello Caetano, o Conselho Superior da Defesa Nacional, que se ocupou de assuntos das suas atribuições.

O Conselho resolveu promover, no Exército, ao posto de coronel médico dr. João Maria Gomes do Souto Soares e, na Armada, ao posto de comodoro, o sr. capitão-de-mar-e-guerra António Valeriano Gomes.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência os srs. prof. dr. Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros, que lhe apresentou cumprimentos de despedida; dr. António de Faria, embaixador de Portugal em Londres; deputado José Vicente de Abreu; enga. Horácio de Moura e Araujo Vieira, governador civil e presidente da Camara Municipal de Coimbra; dr. Azeredo Perdigão, Kevork Essayan e prof. eng. Leite Pinto, do conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian; brigadeiro Armando Girão, presidente da Junta Autónoma de Estradas; e Luís C. Lupi. Recebeu ainda o sr. Presidente da Republica, em audiência especial, os dirigentes do Clube Português de Buenos Aires e outros elementos da caravana que a Portugal veio em excursão comemorativa do 50.º aniversário da fundação daquela colectividade.

ELECTRICIDADE DE MORTE

Em Santa Bárbara de Nexe, andava a podar laranjeiras, o sr. António de Sousa Fitas, de 52 anos, casado. Inadvertidamente tocou num cabo de alta tensão e ficou completamente carbonizado.

DESPISTE DE MORTE

O sr. José da Costa Loureiro, de 21 anos, solteiro, funcionário da Repartição de Finanças de Vila Nova de Ourém, seguia no seu carro, perto de Cidral, junto a Rio Maior. O carro despistou-se e ele ficou gravemente ferido. Ainda o levaram ao hospital regional de Santarém; mas o desastre fora de morte.

NAUTICAMPO III

(Patente até ao dia 20)

Novidades em equipamentos de recreio náutico, desporto e de campismo

HORÁRIO

de hoje e amanhã — Das 15 às 24 horas

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

Urbano Tavares Rodrigues durante a sessão de autógrafos, ontem, na Quadrante: a presença viva do autor de «Os Insubmissos»

Cofres de aluguer

Av. Rebelo da Silva

BANCO DO ALENTEJO

Manuel da Costa Lobo fala no Elos Clube

Manuel da Costa Lobo, que se tem dedicado, com muito interesse, ao estudo dos problemas de Angola e, sobre eles e a história daquela nossa província ultramarina e que publicou já obras de muito mérito literário e de investigação, profere, na próxima segunda-feira, às 21 e 30, na sede do Elos Clube, na R. da Emenda, 10, 1.º, uma conferência sobre o tema «S. Paulo d'Assunção de Luanda — Sessa dos séculos de que vem renascendo Portugal».

A FORMOSA EM 1969

Por

VICTOR LOUIS

Serviço especial

«Washington Post»-«Diário de Lisboa»

Há quatro meses Victor Louis, cidadão soviético descendente de uma família francesa, conseguiu ser o primeiro russo em cerca de 20 anos a visitar a Formosa. Correspondente do «Evening News», de Londres, Louis foi o primeiro a anunciar certos acontecimentos internos, como por exemplo a queda de Kruchtchev. Nas suas frequentes viagens ao estrangeiro, efectuou missões delicadas que funcionários soviéticos não poderiam fazer abertamente. Deste modo, o seu relatório acerca da China Nacionalista, realizado a pedido do «Washington Post», é não só um relato das observações de um jornalista, como também dá indicações acerca das «opções» que se está possivelmente prestes a explorar nas mais altas instâncias do Kremlin

MOSCOVO (Abril) — Não estava lá muito certo de chegar um dia à Formosa, mas como tivera os mesmos receios antes da minha viagem ao extremo ocidental da Europa, adoptei uma atitude de prudente optimismo a respeito do país.

Durante a minha estadia em Tóquio, quando jogava aos dados com o embaixador do Paraguai, causei-lhe um choque ao sugerir que me poderia dar um visto para o seu país. Sem grande esperança de êxito, pedi então um visto para a China Nacionalista, alegando que, por me ser impossível ir à China Popular, lògicamente Taipé não podia recusar-mo. Passaram-me o visto na semana seguinte.

Quando escrevi o meu endereço de Moscovo na ficha do hotel, o empregado chinês olhou-me com espanto, mas na maior parte dos casos tomavam-me por um americano a pregar uma boa partida. A minha carteira do «American Express» só reforçava esta impressão.

Na Formosa disseram-me que podia ir aonde me apetecesse na ilha, e ver tudo o que quisesse. Encontrei-me com economistas, diplomatas e altos funcionários, e durante todo este tempo sempre me espantei ao verificar que os meus interlocutores eram chineses e podíamos encontrar uma linguagem comum. Discutimos e ouvimos discussões muito amistosamente.

Era um estranho contraste com os chineses de Mao, que não conseguem falar senão quando têm possibilidade de citar o seu famoso livro.

De automóvel ou de comboio, podem ver-se os camponeses a trabalhar nos campos. Não têm aspecto de possuir equipamento muito moderno que lhes permita ganhar tempo, mas são proprietários dos seus campos. A agricultura chinesa sofreu, durante séculos, tensões entre os proprietários e os rendeiros, mas disseram-me que a nova legislação da Formosa resolveu pelo menos este problema, ao encorajar a pequena propriedade.

Quando se chega directamente do Japão, fica-se muito naturalmente chocado pelo nível de vida mais baixo da Formosa. Os nacionalistas, porém, estão satisfeitos com o que fizeram até agora. Declaram, com verdadeiro orgulho, que o auxílio americano cessou há três anos. Não há dúvida de que foi graças a eles que a Formosa sobreviveu.

Os intelectuais da Formosa compreendem muito bem que os Estados Unidos vieram um tanto tarde em auxílio do «Kuomintang», e de facto só quando resolveram conservar este porta-aviões inafundável. A Formosa depende, para a sua defesa, dos Estados Unidos, mas nem por isso deixa de prosseguir uma política estrangeira independente, como mostra a sua recusa de tomar parte na guerra do Vietnam.

Chiang Kai Cheque, sogro duma russa

Durante a minha viagem pela Formosa foi divertido descobrir que as crianças das escolas e escuteiros faziam exactamente o mesmo que as crianças da sua idade fazem no mundo inteiro — excepto na China Popular. Era agradável ver os jovens a manifestar aos mais velhos o respeito tradicional tão famoso dos chineses.

A visita ao museu nacional é emocionante. Existem ali cerca de 250 mil objectos de arte chinesa e objectos históricos, que foram levados do Palácio de Pequim e do Museu de Nanquim no último momento.

No entanto, certo número de factos produziu-me um ligeiro abalo. Um deles é o grande número de retratos de Chiang Kai Cheque rodeado por crianças sorridentes. Talvez seja porque a minha visita coincidiu com o seu 81.º aniversário. Apesar de tudo, ver uma das ruas principais da capital decorada alternadamente com bandeiras e retratos a todo o seu comprimento parece um tanto excessivo.

Outro incidente estranho deu-se numa representação de ópera no Clube dos Oficiais, e surpreendeu mesmo o meu intérprete: a primeira ária foi «Happy Birthday to You», e um imenso bolo de aniversário foi cortado no palco por altos funcionários. Na Rússia, esta glorificação de Chiang Kai Cheque seria descrita como culto da personalidade.

Não se podem fazer acusações deste género contra o filho do presidente. Chiang Não se vêem retratos seus nos edifícios públicos, e ele deu-me a impressão de ser pessoa reservada, de espírito muito ocupado, quando o encontrei no fim da minha viagem de dez dias.

Na altura da apresentação, Chiang Kuo apresentou-se-me, num russo muito razoável, como «antigo operário da Fábrica Dynamo». Sabendo já que ele tinha passado 14 anos na U. R. S. S. e que sua mulher era russa, não deixei de ficar surpreendido.

Chiang Kuo fez-me inúmeras perguntas sobre Moscovo e repetiu-me a declaração bem conhecida do pai de que as suas forças armadas estavam prontas a desembarcar em qualquer ponto da costa chinesa seis horas após haver recebido um eventual sinal dos chineses do continente pedindo auxílio.

Declarou também que a situação no continente ajuda a causa dos nacionalistas contra Mao, e que os dois ou três próximos anos vão prová-lo.

Os nacionalistas sentem-se muito orgulhosos da sua zona franca na cidade de Kaoh Siung. Soube ali que, embora os principais capitais investidos sejam americanos e japoneses, os círculos oficiais não fariam objecções a que um comunista investisse capitais em Kaoh Siung. De facto, alguns países da Europa Ocidental efectuaram ali investimentos, a despeito da ausência de relações diplomáticas com a Formosa.

As exportações da ilha atingem presentemente cerca de 850 milhões de dólares, e a China Nacionalista necessita de novos mercados. Os economistas com quem conversei têm consciência das possibilidades que os mercados comunistas da Europa oferecem, e crêem sèriamente que as trocas comerciais poderiam ser florescentes.

Se os nacionalistas são hostis à ideia de uma representação das duas Chinas nas Nações Unidas, estão no entanto dispostos a estabelecer relações diplomáticas com todos, e não pediriam que os laços existentes com a China Popular fossem antecipadamente quebrados.

A Imprensa da Formosa não é mais hostil à Rússia ou aos países da Europa de Leste do que a Imprensa ocidental. Alguns artigos são mesmo escritos de uma maneira mais amistosa do que na Imprensa americana.

Nota do dia

AREJAR, AREJAR...

A MEXEDURA NA TELEVISÃO quererá dizer alguma coisa? Tantos são os queixumes, tantas as aparentes razões de queixa, tantas mesmo as razões de queixa não apenas aparentes mas verdadeiramente fundamentadas, que bem se pode desejar que, de facto, à mudança de responsabilidade superior corresponda a mudança nos critérios que têm inspirado a direcção desse tão maravilhoso como perigoso instrumento de difusão. Quanto a isto, parece-nos, não há duas opiniões: toda a gente se queixa dos programas, correntemente maus, onde o bom, que por acaso um dia se pode festejar, muito bem se percebe que não foi intencional, mas, como se diz nos programas dos espectáculos, pura coincidência.

Quantos aspectos diários nos são oferecidos parece que de propósito para pôr os cabelos em pé? E não é coisa a que se possa encolher os ombros, já que, mesmo que cada um se tranque em casa, portas e janelas com todas as frinchas bem calafetadas, os raios teimosamente furam e, mesmo sem licença, ali se plantam diante de nós, irresistível. É esta força tremenda que tem estado a ser utilizada para o que se vê nas condições que o País inteiro conhece, desde as crianças aos inválidos, sem poupar aqueles de nós que tenhamos a presunção de ser maiores e vacinados contra todas as maleitas mentais.

Parece legítimo insistir no que se refere às crianças, tão permeáveis ao mau como ao bom do que passa diante dos receptáculos da sua imaginação. Nesse capítulo, o que se tem visto é confrangedor, com a agravante de se poder dizer, sem exagero, que cada mudança tem significado passar a pior. Não sabemos se existe alguma comissão pedagógica ou coisa parecida com o encargo dessa selecção. É de presumir que não, pois que, se existe, então pior ainda. Quer dizer: do mau que se vê, quase sempre péssimo, pode apenas esperar-se a má desculpa de ser obra do acaso. Se não é, então nem se sabe o que valha a pena dizer.

Neste capítulo, a recente carta exposição dos pais de família, que especialmente se reuniram para levantar o seu alarme, diz-nos tudo e mais alguma coisa. Mas, sem querermos generalizar, que é um método muito praticado com resultados aparentes mas nem sempre reais, estamos a pensar nos outros telespectadores, que, sem serem crianças pela idade, correm todos os riscos da inexperiência, da imprepara-ção, da imaturidade? Quantos são no País os telespectadores? Está dito e redito. Estabeleça-se a respectiva relação com o que nos dizem as estatísticas do ensino e não custa apurar quais sejam os resultados e o sinal com que vêm.

É de esperar que a mutação agora decidida signifique ter lá chegado aquele espírito que o actual Chefe do Governo proclamou como sendo o seu e que, embora discreta e cautelosamente, tem vindo a ser praticado em alguns sectores da vida portuguesa. A Televisão, pelo que é, pelo que significa e pelo que vale, não pode ter a pretensão de alhear-se dessa atmosfera de pretendida congregação de esforços e vontades.

RECTÂNGULOS DA VIDA

PESSOAS DE VERBO COMPLICADO — II

Referimo-nos há tempos àquelas pessoas que se deslocam, usam de palavra, se debruçam sobre determinado assunto. Mas há mais pessoas de verbo complicado, ora se há! Não vou lembrar-me de todas elas, claro, como seria possível? Só de três ou quatro.

Aqui temos, por exemplo, as que «se fazem acompanhar» por A, B, ou C. Porque A, B, ou C não têm categoria mental ou social para resolverem de motu próprio acompanhá-las? Talvez tenham, mas o protocolo exige que. Então as outras, as tais, fazem-se acompanhar.

Há agora o senhor Fulano que não compareceu, claro está, mas «se dignou comparecer» em determinado lugar onde «preferiu algumas palavras». Note-se que não disse, «proferiu» e o «algumas» é um notabilíssimo eufemismo porque em geral essas palavras são muitas e até multíssimas. E o «dignar-se» tem muita categoria. Diz o Cândido de Figueiredo que dignar-se é condescender, fazer mercê ou favor, ter a generosidade ou a bondade. E, claro que está implícito, possuir aquela categoria que explica todo o resto.

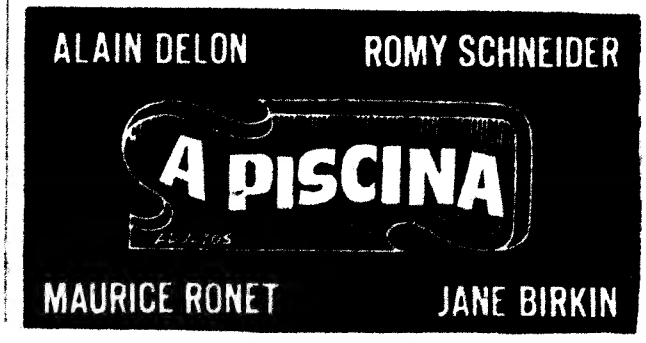
POR MARIA JUDITE DE CARVALHO

Há a pessoa que «ausculta» os problemas de uma cidade ou de uma empresa ou até simplesmente de uma família. Não ouve, não. Pega no seu imaginário estetoscópio, qual nem de estetoscópio precisa porque o seu ouvido é mais que perfeito. Ausculta, pois. Três, cinco minutos de atenção, já ouviu tudo, já compreendeu o que ouviu, já resolveu o que compreendeu.

Agora temos aquela pessoa a quem tentamos telefonar pela manhã ou à noite e que, diz-nos uma empregada «snob» por contágio, não pode atender porque ainda está (ou ainda está) a «descansar». Nada de dormir, que horror, dormirá mesmo a referida pessoa? Ressonará? Mas que ideia, uma tal pessoa a ressonar! Nem mesmo podemos estar certos de que se deite. Descansa, isso sim, reclina-se. Num maple, numa cama, num *lit de repos*? Quem pode sabê-lo? Só que está abstractamente a descansar e que àquela hora é impossível levarem-lhe o telefone.

Não vou mais longe, e, de resto, nunca mais voltarei às pessoas de verbo complicado.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO



No tribunal de Viseu
os perjuros no julgamento de um guarda-fiscal condenado por homicídio

VISEU, 12 — Começou no Tribunal Judicial desta comarca o julgamento de Conceição Rosária Baptista, casada com Américo Lourenço Macedo; Maria de Jesus Ramos Ferreira, solteira, de 31 anos e do marido da primeira, o referido Américo. Também responde mas é revelia, por ter fugido para França, Alberto Reena Trigueiro de 23, casado todos do concelho de Vilar Formoso e acusados de terem jurado falso no julgamento feito há anos no Tribunal Militar desta cidade em que foi condenado na pena de 16 anos de prisão maior o guarda-fisca, sr. Mário dos Santos Pinto. Este respondeu por ter morto a tiro de pistola o negociante Amadeu Trigueiro de 50 anos, casado, daquela localidade, e pai do réu acima indicado como foragido.

O Tribunal, ao constituído pelos srs. drs. corregedor Mello Bandeira, juiz do 1.º Juízo, Salviano de Sousa e na falta de outro juiz de carreira, doente, pelo conservador do Registo Predial, sr. dr. Aníbal Duarte Sucena e pelo juiz-ajudante, sr. dr. Marques Vidal. Na defesa o sr. dr. A. Abranches Soveral (para os três réus presentes) e os drs. João Lima, desta cidade e Bigote da Guarda para o que responde à revelia.

O julgamento terá a presença ao que conseguimos ouvir dos srs. inspector dr. Vaz Tomé, chefe de brigada sr. Vaz e do agente Macedo, da Polícia Judiciária do Porto visto constar que os réus virão dizer ao Tribunal que confessaram ter perjurado por a tal haverem sido obrigados naquela Polícia.

Ao que parece impõe-se uma diligência em Vilar Formoso, local do crime praticado pelas duas horas da madrugada de 21 de Outubro de 1963. Por isso a continuação do julgamento foi adiada sine die.

A GOLEGÃ VAI TER UMA PRAÇA DE TOUROS

GOLEGÃ, 12 — Não se compreendia que esta típica vila ribatejana, berço de grandes toureiros e aficionados da «festa brava» e cuidadosa de lidadores, não tivesse uma praça de touros. Desde Carlos Relvas que houve aqui algumas praças, construídas de madeira e que o tempo danificou, mas o certo é que nunca ninguém se abalançou a empreender uma construção definitiva, embora se trate de uma terra fulcro de toda a «matéria-prima» — touros, cavalos, toureiros e aficionados.

A iniciativa e o empreendimento surgiram agora, depois que o falecido benemérito dr. Rafael da Cunha Franco legou à Misericórdia uma grande propriedade, nas proximidades do local da Feira de São Martinho, onde há espaço bastante para se fazerem muitas construções, inclusive da praça de touros e ainda um amplo parque de estacionamento de veículos. Assim, a mesa administrativa da Misericórdia, em estreita colaboração com a comissão executiva daquele certame, vai dar começo brevemente, à construção da moderna praça de touros, que terá capacidade para cerca de 4000 lugares ficando a pertencer àquela benemérita instituição. E espera-se que em Novembro por ocasião da tradicional Feira de São Martinho já haja espectáculos taurinos no novo redondel.

Este ano construir-se-á definitivamente a arena e trincheira e os curros ficando provisòriamente com as bancadas de madeira. No futuro, e com o rendimento dos espectáculos far-se-ão construir-se, a pouco e pouco, as bancadas e os camarotes. Em resumo: a praça de touros de Golegã vai ser uma realidade!

Água e esgotos para várias povoações do concelho de Sintra

SINTRA, 12 — No prosseguimento do plano de abastecimento de água a todas as povoações do concelho, os Serviços Municipalizados vão muito em breve iniciar os trabalhos de abastecimento de água à localidade de Fontanelas.

Igualmente vai ser adjudicada a construção de um reservatório, com capacidade para mais de três mil litros de água, importando em 400 contos, no alto das Mercês, junto da estrada que liga Rio de Mouro (estação) ao Algueirão Velho, o que resolverá o problema de abastecimento a numerosas povoações situadas em cotas geográficas muito acima do nível do mar.

Os mesmos serviços vão abrir concurso para a instalação da primeira fase de esgotos em Pero Pinheiro, obra orçada em 2500 contos.

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

ora diga-nos...

— Frequenta bibliotecas?

«Os livros esperam-nos pacientemente no silêncio das bibliotecas.» (Convite à leitura).

● *Disse-nos o sr. Álvaro Ferreira da Cunha, repórter fotográfico:*

— Não costumo. Não costumo porque tenho em casa muitos e muitos livros. E se não tenho mais é porque os livros são caros... Olhe, tenho um caixote cheio de livros policiais! Não pense, porém, que é só essa a minha leitura... Não: leio os clássicos e os melhores escritores contemporâneos. É um vício que a vida familiar, às vezes um tanto rotineira, não me conseguiu tirar...

● *Agora as palavras do sr. Abel Fonseca, também repórter fotográfico:*

— Até agora, tenho utilizado as bibliotecas ambulantes. E com proveito: já li o «Êxodus» «O dia mais longo», etc. Em casa tenho alguns livros — e, de vez em quando, peço um livro emprestado... Leio, de qualquer maneira, leio

● *Finalmente, o sr. José Alexandre de Sousa Rocha, aluno da Faculdade de Ciências, declarou-nos:*

— Frequento a biblioteca da minha Faculdade.

— Só?

— Quase exclusivamente. De vez em quando, vou, por motivos de consulta à Biblioteca Nacional. Quanto a outra espécie de leitura, compro livros...

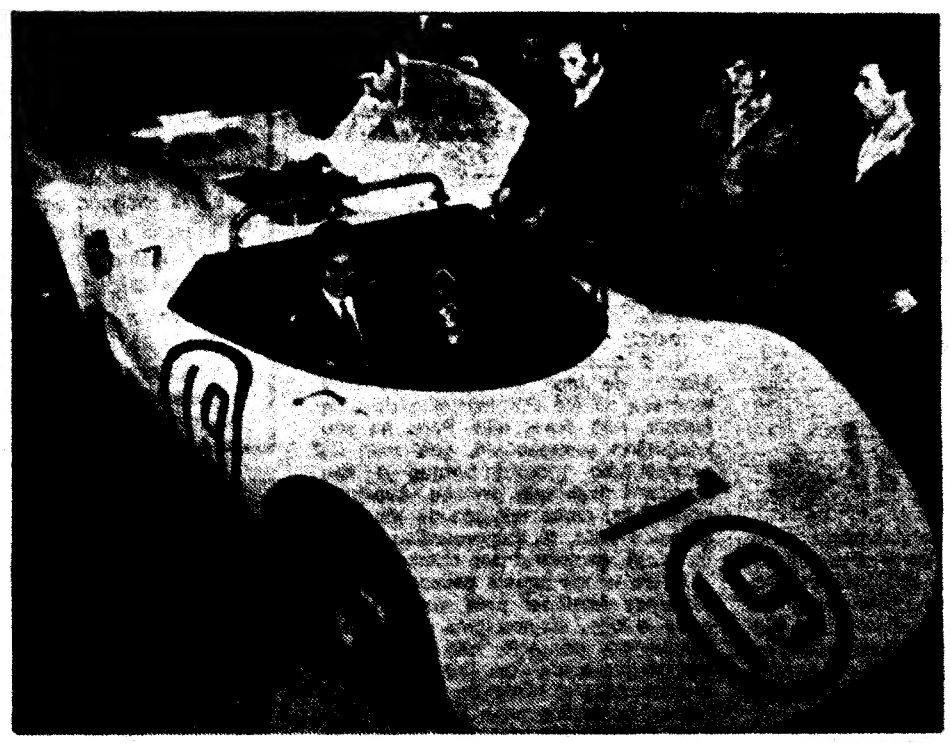
O aniversário do «Diário de Lisboa»

O bissemanário «O Norte Desportivo», do Porto, ao referir-se à passagem do 48.º aniversário do «Diário de Lisboa», com amigas palavras que muito agradecemos, afirma a certa altura: «Vespertino dos mais conceituados do País, caminha para o meio século com uma juventude invejável que lhe permite manter os seus velhos leitores e conquistar muitos novos, que se sentem atraídos pela forma ágil e independente como o jornal enfrenta os mais diversos acontecimentos». Também o semanário «Os Belenenses», órgão do clube de Belém, se refere ao nosso aniversário com entusiástica simpatia, credora dos nossos vivos agradecimentos.

Das inúmeras mensagens de felicitação e cumprimentos recebidas por motivo da entrada do «Diário de Lisboa» no 49.º ano de publicação, registamos hoje mais as seguintes:

Prof. dr. Caetano Leglise da Cruz Vidal, por si e pela direcção da Associação Comercial de Lisboa — Câmara de Comércio, de que é presidente; direcção do Centro Escolar Republicano «Almirante Reis»; direcção do Grupo Desportivo e Cultural dos Empregados de Pinto de Magalhães; Lúcio Neves Baltasar, pela direcção do União de Tomar; J. Rodrigues, delegado em Lisboa do «Diário do Alentejo»; António Coelho, director da «Belarte», Porto; pintor José Rodrigues; Carlos Bernardo; Albino Dias Pereira de Oliveira; António Pedro de Vasconcelos Lomelino; D. Maria Cristina Ventura de Oliveira, Rui Vila Nova de Milfontes; pintora Eduarda Lapa; António de Castro Pina, de Montargil; e Guilhermino Ramalheira, correspondente do «Diário de Lisboa», em Ílhavo.

Protótipo Datsun-Nissan em Portugal



Talvez não haja razão para acreditar que Manuel Gião se afastou definitivamente do desporto automóvel. A gravura mostra-o ao volante do protótipo R 381 construído pelo grupo japonês Datsun-Nissan para ensaios de estabilidade a altas velocidades e que obteve já grande sucesso em competições no país de origem, entre as quais é de salientar uma vitória no G. P. do Japão. Está equipado com um motor de 8 cilindros, de 450 HP e é capaz de 320 km/h. Trata-se do primeiro automóvel equipado com «ailerons» que entra em Portugal e está em exposição, desde ontem à tarde no salão do «Entrepostos», na Av. Duarte Pacheco. A foto mostra o automóvel nas oficinas do representante, quando lhe eram corrigidas as pequenas deficiências resultantes de uma grande viagem

A Campanha de Prevenção de Riscos Rurais

COIMBRA, 12 — Na freguesia de São Silvestre decorrerá na segunda-feira mais um colóquio dirigido por técnicos do Gabinete de Higiene e Segurança no Trabalho, em prosseguimento da Campanha de Prevenção de Riscos Rurais.

Esta campanha está a obter a melhor aceitação pelas populações rurais; e os colóquios já realizados, nas Casas do Povo de Ceira e de São Martinho do Bispo e no Centro de Recreio Popular de Souselas, despertaram o maior interesse.

Foram feitas trinta e oito inscrições no primeiro daqueles organismos, para o Curso de Prevenção e Primeiros Socorros que será ministrado nos meios rurais do distrito por componentes da Cruz Vermelha, em colaboração com o referido Gabinete.

DESENHADOR DE ARTES GRÁFICAS
Necessita Empresa de Nível
De preferência com o Curso da Escola António Arroio
Idade até 25 anos, inclusivé
Serviço Militar cumprido ou dele isento
Nacionalidade portuguesa
Responda a este jornal ao n.º 298

KARINA GEORGIAN VEM ACTUAR NO TIVOLI

Por iniciativa do Tivoli, decorre no dia 17, a partir das 18 e 30, o concerto de apresentação em Portugal da violoncelista russa Karina Georgian.

Trata-se de uma jovem artista que conquistou subita e surpreendente notoriedade mundial ao vencer, por unanimidade do juri, o famoso Concurso Tchaikowsky de Moscovo, de 1966. O grande violoncelista Gregor Piatigorsky, que se havia deslocado dos Estados Unidos para fazer parte do juri, afirmou: «Neste concurso tive ocasião de ouvir jovens extraordinàriamente talentosos, tanto soviéticos como de outros países, mas para mim, desde os primeiros momentos em que Karina Georgian fez ouvir o seu violoncelo, identifiquei-a imediatamente como indiscutível vencedora, como o melhor, o mais dotado de todos os candidatos».

Discípula de Rostropovitch, iniciou, logo a seguir, prolongada série de concertos nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Holanda, etc. Só, agora, graças ao Tivoli, o publico português vai poder conhecer uma das mais surpreendentes «virtuoses» do violoncelo, num programa que inclui obras de Bethoven Brahms e Rachmaninoff, com a colaboração de Vladimir Krainev.

«ANATOMIA DE UMA HISTÓRIA DE AMOR»

Está já marcado o dia da próxima estreia no Teatro Vasco Santana: quinta-feira, 17 de Abril. Peça: «Anatomia de uma história de amor». Autora: Maria Luzia Martins.

Depois de «Bocage, alma sem mundos», o Teatro Estúdio de Lisboa apresenta a segunda peça de Luzia Martins, que é, simultâneamente, a autora do texto e de alguns dos filmes projectados e, ainda, a encenadora. Também serão projectados alguns documentários das épocas em que decorre a acção da peça.

«Anatomia de uma história de amor», cuja estreia está a ser aguardada com o maior interesse, tem maquetas de Helena Reis e bailados de Ana Máscolo.

«Quem disse que a mulher portuguesa não se afirma intelectualmente?)

O 7.º ANIVERSÁRIO DO SERVIÇO DE PUBLICIDADE SUÍÇO-PORTUGUÊS

Como já é habitual, reuniram-se num almoço íntimo os sócios-gerentes do Serviço de Publicidade Suíço-Português com todo o pessoal que trabalha naquela empresa de publicidade, dentro do espírito de uma franca e total colaboração.

A reunião comemorativa do sétimo aniversário daquela, embora jovem já prestigiosa Agência de Publicidade, decorreu num ambiente de pura camaradagem e positivo espírito de cooperação.

De facto, o Restaurante «Muxito», foi cenário não só de uma confraternização conservadora e convencional, mas também e sobretudo, de um diálogo humano e profissional.

ABC
As 20.45 e 23 horas
AMANHÃ
«Matinée» às 16 horas
TEL. 36 67 45
(ADULTOS)

NICOLAU BREYNER

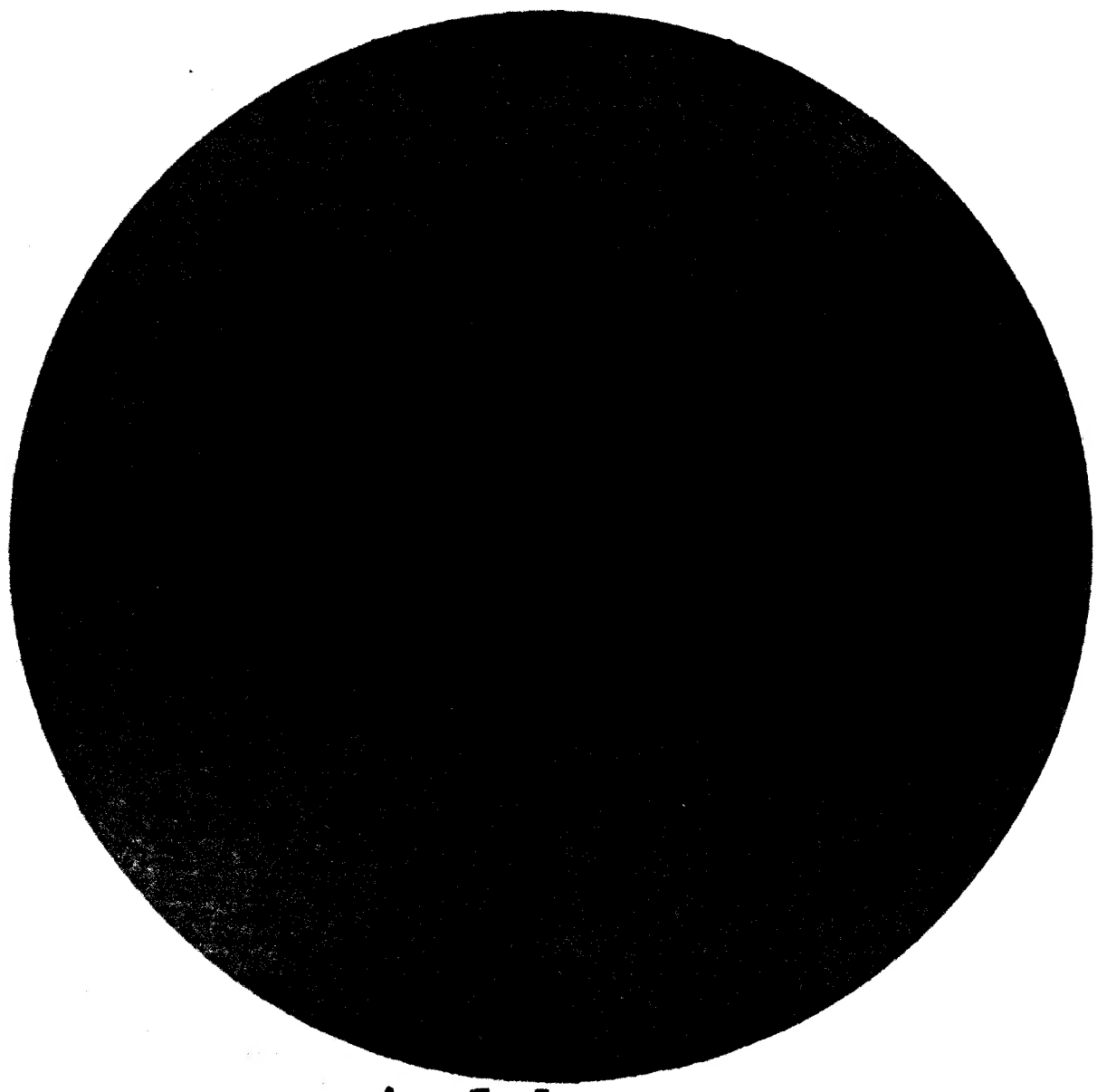
Eles é que sabem

REVISTA com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, José de Castro, Natalina José, Jill Christy, Carlos Gonçalves e Tony de Matos

VILA FRANCA
AMANHÃ, ÀS 16 HORAS
GRANDIOSA GARRAIADA dos
ESTUDANTES DE MEDICINA VETERINÁRIA

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

BLAUPUNKT



o sinal do espectáculo perfeito

Em casa, para toda a família, Blaupunkt – Ponto Azul representa o alegre sinal do espectáculo perfeito.
Abrir um televisor Blaupunkt é a certeza de ter a inegualável nitidez e riqueza da célebre "Super Imagem" automática e electrónica Blaupunkt.
É gozar um som de fidelidade absoluta. É ter a certeza de que se possui a última novidade no progresso da imagem e do som. Blaupunkt significa antecipação científica no campo da televisão.
Distraia-se melhor. Distraia-se com um Blaupunkt – Ponto Azul, o televisor do espectáculo perfeito.

Em sua casa, com Blaupunkt – Ponto Azul, cada um é o "espectador favorecido".

Nos televisores Blaupunkt use sempre antenas "BOSCH".

Recorte o cupão anexo e, indicando o nome e morada, endereçe-o a ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA. Av. António Augusto de Aguiar, 32 LISBOA ou Rua Júlio Diniz, 927 PORTO

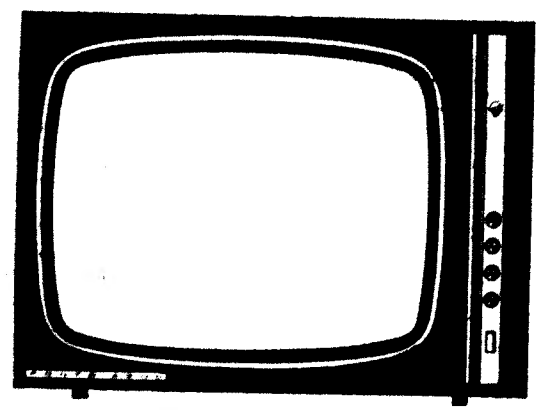
BLAUPUNKT toda a gama electrónica para diversão

Assistência técnica em todo o país.

com UHF desde 5 900$00

cupão 17
Quero mais informações técnicas sobre televisores BLAUPUNKT

produtos do Grupo BOSCH



televisores · rádios · auto-rádios

BLAUPUNKT
PONTO AZUL

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO SÃO LUIZ E NO ALVALADE

TITULO — «Bullit» («Bullitt»).
REALIZADOR — Peter Yates (1968).
INTÉRPRETES — Steve Mac Queen, Jacqueline Bisset, Robert Vaughan, etc.

T. Não deixa de ser sintomático o recente ressurgir do filme negro no panorama cinematográfico norte-americano. Na verdade, depois de «Harper, Detective Privado», de Jack Smight, datado de 1965 (e que marcou o regresso do detective privado, que teve em Philip Marlow e Sam Spade os arquétipos e em Humphrey Bogart a substância humana), várias foram os exemplos já vistos, e muitos são os que nos surgem agora a uma cadência cada vez mais obstinada. Relembremos alguns títulos com o propósito de melhor sublinhar o facto: «A Queima Roupa», de John Boorman; «Tony Rome Investiga», «The Detectives (ainda inédito no nosso País), «Uma Mulher no Cimento», todos de Gordon Douglas; «Peter Gunn», de Blake Edwards; «Tiro de Aviso», de Buzz Kulik; «O Massacre de Chicago», de Roger Corman; «Não se Trata Assim Uma Senhora», de novo de Jack Smight; «Bonnie e Clyde», de Arthur Penn, etc. Isto para não falarmos de alguns outros exemplos, imediatamente anteriores a «Harper» (entre eles «A Tentação do Dinheiro», de Burt Kennedy, ou «Contrato para Matar», de Donald Siegel), nem de alguns outros títulos directamente ligados ao filme negro, mas que não surgem puros nas suas características essenciais (casos de «O Presidiário», de Stuart Rosenberg, «No Calor da Noite», de Norman Jewison, ou «O Estrangulador de Boston», de Richard Fleischer).

2. Muitos têm sido os estudos dedicados ao filme de «gangsters». Os mais famosos são ainda os de Raymond Borde e Étienne Chaumeton («Panorama du Film Noir Americain»), de Armand-Jean Cauliez («O Filme Policial») e o de Salvyano Cavalcanty de Paiva («O Gangster no Cinema»). Todos eles, com maior ou menor acuidade, se debruçam sobre o significado sociológico deste tipo de filme. As conclusões são invariàvelmente idênticas: o filme negro surgiu nas épocas em que os E. U. A. atravessaram períodos de depressão económica ou de crise social e política. Bertrand Tavernier (in «Cinéma 69»), numero especial dedicado a U. S. A.) afirma: «É curioso constatar que os grandes momentos do filme negro coincidem sempre com os períodos de depressão ou de crise económica, nacional ou internacional, que intermitentemente sacodem a América. «Scarface», «The Public Enemy» ou «Little Caesar», sem falar dos inumeráveis Cagney e dos outros, Edward G. Robinson, surgem depois da depressão. «The Maltese Falcon, Murder, My Sweet» e «Laura» são realizados em plena guerra, e durante a caça ás feiticeiras e a guerra da Coreia inumeros filmes verão a luz do dia. E de novo o «thriller» conhece uma nova juventude, agora que os U. S. A. são sacudidos externamente pela guerra do Vietnam e interiormente pelo problema racial, pela revolta da juventude, pelos assassínios políticos (que nos lembram, por isso mesmo, que Hollywood foge muito menos da realidade do que aquilo que se diz).»

3. «Bullit» (ao que julgamos, primeira realização de Peter Yates) vem inscrever-se no filão mais puro do filme policial negro, reatando um caminho dos mais curiosos do cinema americano, Bul-

(Continua na 7.ª página)

VASCO MORGADO apresenta (ADULTOS)

TEATRO VILLARET

HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h.
AMANHÃ: «Matinée» às 16 h.
Noite: uma sessão, às 21.45 h.

SÓ ATÉ AO DIA 20

A PREGUIÇA

UMA COMÉDIA POPULAR com RAUL SOLNADO

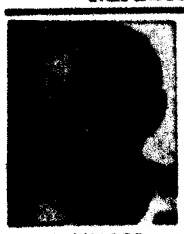
FERNANDA BORSATTI (a mãe) — ALINA VAZ (a mulher) — MÁRIO JACQUES Relações Públicas — ANTÓNIO MONTEZ (o colega) — DAVID SILVA (o patrão)

(estou a chegar ao fim)

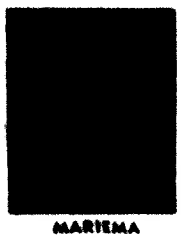
Teatro Capitólio
TEL. 52 03 79
HOJE
AS 16 (TARDE A PREÇOS REDUZIDOS)
E AS 21.45 H
A GRANDIOSA OBRA DE S. MROZEK
TANGO
M/ 17 anos

ALAIN DELON — ROMY SCHNEIDER
A PISCINA
MAURICE RONET — JANE BIRKIN

NO MARIA VITÓRIA — ADULTOS


SALVADOR

VIANA


MARIEMA

• Amanhã, sensacional ESTREIA de
ÀS 20.45 e 23 HORAS
UMA NOVA E SENSACIONAL REVISTA!
MÃOS À OBRA!
UMA GRANDE COMPANHIA, com:
• SALVADOR • VIANA • MARIEMA
• MAX • ANITA • DORA • VITOR MENDES
• HELENA CARDINALI • MARIANO FRANCO
• VICTOR ESPADINHA e a atracção MAY AVRIL com ALBERTO GRAZIANO
Um espectáculo de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
* As marcações só se respeitam até às 18 horas de hoje *

TRINDADE
— F. N. A. T. —
HOJE, às 21.45
o T. N. P. (sub pelo Fundo do Teatro) apresenta a sensacional peça de Samuel Beckett
À ESPERA DE GODOT
AMANHÃ — ÚLTIMO DIA
(M/ 17 anos)

TEATRO T. 555133
MONUMENTAL
ÚLTIMOS DIAS
VASCO MORGADO apresenta HOJE — 2 SESSÕES 20,45 e 23 h.
A farsa de CLAUDE MAGNIER tradução de Mariana de Morais
QUANDO ELA SE DESPIU...
com CAMILO, FLORBELA, CARLOS COELHO, Cármen Mendes, Yola, Linda Silva, Aldo Pinto, Alice Cunha
Encenação de SANTOS CARVALHO

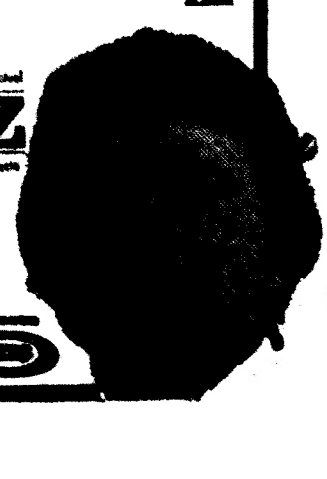
VARIEDADES
VASCO MORGADO APRESENTA HOJE às 21.45
EUNICE MUÑOZ, PAULO RENATO, FERNANDO GUSMÃO, na peça de BUERO VALLEJO
CARTAS NA MESA
com Fernanda Alves-Morais e Castro — Cenário de JOÃO VIEIRA — Encenação de FERNANDO GUSMÃO
(P.' Adultos)
Nos 2 teatros, AMANHÃ, À TARDE ÀS 16 H.

CORUCHE
(6 anos)
DOMINGO, 13 DE ABRIL
Às 5 da tarde
INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA
8 Gordos e Corpulentos Touros da Soc. Agrícola e Pecuária Santo Estêvão
Victor Ribeiro
Fernando A. Salgueiro
José Simões
Raul Garcia «El Moro»
Forcados Amadores do Colégio Nun'Álvares (de Tomar), chefiados por Manuel Fain
Sol, 30$00 — Sombra-Sol, 45$00 — Sombra, 70$00

• MÉRIDA •
DOMINGO, 13, AS 17 HORAS

CORRIDA LUSO-ESPANHOLA
6 CAVALEIROS 6
JOSÉ MALDONADO CORTES
ALFREDO CONDE
D. GREGÓRIO PIDAL
CONDE DE S. REMY
que matarão 6 touros a rejão
FORCADOS AMADORES DE LISBOA
— de —
NUNO SALVAÇÃO BARRETO
— que —
pegarão touros em pontas
6 — TOUROS DE FLORES TÁVARA — 6
(de Sevilha)

HOJE e AMANHÃ
O "fenómeno" de um povo ao ritmo da música actual
MANOLO DIAZ
Um tipo de canção invulgar e diverso
6.30 DA TARDE !
SHOW • RECITAL



O FORNO
BAR • BOITE
M/ 17 anos

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pag. anterior)

Bit é o nome de um tenente da Polícia de San Francisco. O filme não é, portanto, um inquérito particular, mas uma investigação «marginal» de um profissional. Este aspecto «marginal» confere á obra uma sinceridade e um poder de impacto invulgares. Não nos adiantemos, porem, e regressemos ao início: Bullit é chamado á residência de um senador, possivelmente chefe de uma comissão de inquérito ás actividades da «organização do crime», para proteger um tal Ross, «gangster» desligado do grupo e disposto a depor perante a comissão. Pouco depois, porém, o suposto Ross aparece assassinado e o senador procura por todos os meios incriminar Bullit, acusando-o de incompetência. Este, contudo, insatisfeito com alguns aspectos menos esclarecidos no caso, resolve prosseguir um pouco por conta própria. A investigação leva-o-á até um outro Ross que, entretanto, procura deixar o país, perante a passividade e complacência do senador. Estes os traços gerais de «Bullit», que vem mais uma vez pôr a descoberto as linhas que o império do crime tece no interior dos U. S. A., prolongando-as até ás mais altas esferas, inclusive até ao Senado e ás suas comissões. Porque, com a morte do verdadeiro Ross no final, o senador deverá ter atingido a sua única finalidade: deixar no sombra o que conviria deixar na sombra e cuidar ele próprio da sua promoção social, revelando-se «aparentemente» um senador empreendedor e inconformista. Este jogo de interesses tem como consequência directa um caudal de vítimas e de joguetes. O próprio Bullit não é outra coisa senão uma marioneta ao serviço do senador, que o manipula á distancia, até á jogada decisiva. E enquanto o senador se recosta num carro da Polícia, indiferente aos cadáveres que lhe cobrem o trajecto, Bullit, amassado pela engrenagem, tenta limpar das mãos o sangue que as tinge.

4. «Bullit» é uma película deliberadamente desagradável. Desde os enquadramentos dos planos (que nunca deixam de ser funcionais) até ao colorido de um castanho amarelado, esquálido e viscoso, passando pela escolha dos próprios actores, tudo se conjuga para fazer deste filme uma obra repelente, como é a morte ou a doença. Depois há nela um cuidado de realismo levado até ao pormenor. Uma bala que explode no ombro ou rasga os tecidos de uma perna nunca pode ser um espectáculo agradável e «Bullit» confirma-o. Confirma-o também no ambiente, no clima, no ar que nele se respira e se descobre viciado, repleto de ameaças. Quando Bullit desce com a companheira até á margem de um rio, onde ambos reafirmam a necessidade de «recomeçar» tudo do início, o que vemos, no plano seguinte, é uma monstruosa fila de carros e camiões, derrubando-lhes as palavras e os sonhos. No diálogo sucede-lhe também uma frase: «Tudo começou com uma faca». Estamos de novo no inquérito, terminou a pausa, reintroduzimo-nos no crime. Excelente, portanto.

5. Dizer de um filme que ele é repelente pode, á primeira vista, parecer um juízo irremediàvelmente negativo. Com «Bullit» não. Tornar o crime belo seria, pelo contrário, algo de bastante mais negativo. Mas «Bullit», enquanto espectáculo, possui elementos que lhe permitem empolgar a assistência, agarrando-a desde o início á sucessão dos acontecimentos, onde aqui e ali sobressai uma sequência de violência ou «suspense» irrespirável. Uma perseguição de carros, por exemplo. Também na interpretação «Bullit» possui fortes motivos para elogios. Steve MacQueen tem aqui um dos grandes papéis da sua carreira. Jacqueline Bisset revela-se não só uma actriz talentosa como uma jovem extremamente cativante. Quanto ao «Mister Solo», Robert Vaughan, ele é aqui um senador ambíguo e esquivo, um homem de duplo rosto.

6. «Bullit» é o espelho de uma América nada convidativa, o reverso do bilhete postal ou do cartaz turístico. Nas ruas soalheiras de San Francisco ou nos interiores mortiços de Chicago, Peter Yates bisturizou a decomposição de uma sociedade. Com coragem e sem complacência. Honra lhe seja feita, tanto mais que «Bullit» é um modelo daquela narrativa escorreita e linear que os americanos inventaram para o cinema. Indispensável, portanto, vermos «Bullit».

LAURO ANTÓNIO

INSÓLITO
1.º ANIVERSÁRIO
INSÓLITO
13 Abril 1968
INSÓLITO
PARA SI EM 1969
INSÓLITO
Avenida 5 de Outubro, 170-B
Telef. 77 52 14
LISBOA
(Fechado às 2.as-feiras)

A REVISTA «MÃOS À OBRA!...» ESTREIA-SE AMANHÃ NO MARIA VITÓRIA

Aníbal Nazaré, Salvador e José Viana escreveram e João Nobre e Carlos Dias musicaram a nova revista «Mãos á Obra!...», que os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam dentro de dias, em sensacional estreia, no Maria Vitória.

É grande a expectativa do público perante este novo espectáculo, trabalho de uma equipa com dois êxitos sucessivos, ambos distinguidos com o «Prémio da Imprensa», «Pão, Pão, queijo, queijo» e «Grande poeta é o Zé...»

A frente do elenco, continuam os populares artistas Salvador, José Viana e Mariema, com a atracção francesa May Avril e um brilhante conjunto com Max, Anita Guerreiro, Dora Leal, Helena Cardinalli (em estreia) Mariano Franco e Vítor Espadinha, além das jovens actrizes Nina Flores, Rosemary, Tânia Mota e Sara Rafael, e de um esplêndido «ballet» internacional, dirigido por Mariano Franco. A montagem é dirigida por Hermínio e Rui Martins, e os figurinos, de Mário Alberto, foram executados nos «Ateliers» Paiva, sob a direcção da «mestra» Josefina Soares.

No Maria Vitória ensaia-se, noite e dia, para que o novo espectáculo em nada desmereça dos anteriores e para que a revista «Mãos á obra!...», plena de alegria, comicidade, esplêndida montagem e ditos de flagrante oportunidade, seja mais um triunfo de que se orgulhem a empresa, os autores e a companhia.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Instituto de Crédito do Estado (Empresa pública)

CONDIÇÕES PARA OS DEPÓSITOS A PRAZO DE ENTIDADES PRIVADAS

PRAZOS — 6 MESES, RENOVÁVEL: 3,5% AO ANO
1 ANO, RENOVÁVEL: 4% AO ANO

MONTANTES: IMPORTÂNCIAS MÚLTIPLAS DE 1000$00 COM O LIMITE MÍNIMO DE 30 000$00

ISENÇÕES FISCAIS:

OS JUROS DOS DEPÓSITOS ESTÃO ISENTOS DE QUAISQUER IMPOSTOS, NOS TERMOS DA LEI

O Estado responde por todas as operações realizadas pela Caixa e assegura, em especial, a restituição de todos os depósitos nela efectuados, mesmo em casos furtuitos ou de força maior. (Decreto-Lei n.º 48 953, de 5 de Abril de 1969)

TODOS OS DEPÓSITOS CONSTITUIDOS NA CAIXA TEM A GARANTIA DO ESTADO

TOTAL DOS DEPÓSITOS: 20,3 MILHÕES DE CONTOS
FUNDOS DE RESERVA: 3,5 MILHÕES DE CONTOS

FILIAIS EM TODAS AS CAPITAIS DE DISTRITO

AGÊNCIAS OU DELEGAÇÕES EM TODOS OS CONCELHOS DO CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES

DELEGAÇÕES DA CAIXA ECONÓMICA PORTUGUESA EM TODAS AS ESTAÇÕES DOS CORREIOS

«CRANPOOL»
PISCINAS e FILTROS
EXPOSIÇÃO NA «NAUTICAMPO»
EDIFÍCIOS DA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

Prevista a constituição de «Institutos de Crédito» em Angola e Moçambique

O Decreto-Lei n.º 48 248, promulgado em 26 de Março findo veio estabelecer as condições em que os bancos comerciais do continente e ilhas adjacentes poderão realizar operações de crédito a médio prazo, mediante a aplicação de recursos diferentes dos capitais próprios.

Com o mesmo objectivo vai ser publicado em breve um novo diploma para as províncias ultramarinas, tendo presente, porém, que, quanto a este tipo de crédito, a orientação expressa no decreto-lei regulador da actividade bancária no Ultramar divergiu sensivelmente da seguida na legislação metropolitana.

Com efeito, ao promulgar-se o Decreto-Lei n.º 45 296, de 8 de Outubro de 1963, foi prevista uma situação especial para os bancos comerciais ultramrinos, que até hoje não foi estabelecida para os bancos do continente e ilhas adjacentes. Assim, com a preocupação constante de promover e facilitar, por todos os meios adequados, o maior financiamento das actividades económicas ultramarinas, inovou-se no sentido de consentir que, sob determinados condicionalismos, o exercício das funções de crédito pelos bancos comerciais viesse a compreender também a realização continuada e regular de operações de crédito a médio e a longo prazo, designadamente de crédito agrícola e pecuário, de crédito industrial e predial. Estas operações seriam, contudo, efectuadas exclusivamente por serviços especiais e autónomos desses bancos, denominados «departamentos financeiros».

O diploma a publicar brevemente visa precisamente regular a actividade desses departamentos. Assim, estabelece o processo a seguir para a sua criação; define como objecto dos mesmos departamentos a realização de operações de crédito a médio e longo prazo, compreendendo a concessão de recursos financeiros ou a prestação de garantias; regulamenta as operações a efectuar e respectivos valores em função das finalidades da aplicação dos recursos a conceder, conforme se trate de operações a médio ou a longo prazo e de crédito agrícola, pecuário industrial ou predial.

A promulgação deste diploma permitirá dar seguimento a alguns pedidos já apresentados por bancos comerciais ultramarinos para a constituição de departamentos financeiros.

E, porque se reconhece que a escassez de crédito a médio e a longo prazo no Ultramar constitui grave lacuna dos respectivos mercados financeiros serão publicados simultaneamente dois outros diplomas, permitindo a constituição, em Angola e em Moçambique, de estabelecimentos de crédito do Estado, com funções semelhantes às da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, denominados «Institutos de Crédito».

Com a constituição de tais estabelecimentos de crédito aperfeiçoa-se, naquelas províncias, o quadro actual de intervenção pública neste domínio da actividade financeira, que comporta a existência de uma instituição especializada na concessão de empréstimos à agricultura e de outra destinada a actuar junto dos restantes sectores da economia local.

Com efeito, os institutos de crédito agora regulados estão concebidos por forma a transformar-se em instituições financeiras poderosas, capazes de fornecer preciosa contribuição para o desenvolvimento económico das províncias onde vão exercer a sua actividade.

Os diplomas orgânicos a publicar contêm disposições suficientemente latas e maleáveis para permitir uma gestão eficaz, adaptadas às conveniências da situação local e das diferentes fases da conjuntura. Todos os tipos normais de operações próprias destes estabelecimentos tanto activas como passivas, se encontram explicitamente previstas — sem prejuízo da possível execução de outras, mediante intervenção dos governadores-gerais.

Dá-se assim, um passo importante para o aperfeiçoamento dos mercados financeiros ultramarinos, que se espera virá a ter continuidade com a próxima promulgação de outras medidas legislativas, se encontram explicitamente previstas — sem prejuízo da possível execução de outras, mediante intervenção dos governadores-gerais.

Dá-se assim, um passo importante para o aperfeiçoamento dos mercados financeiros ultramarinos, que se espera virá a ter continuidade com a próxima promulgação de outras medidas legislativas, conducentes a melhorar a estrutura institucional dos referidos mercados.

Encontra-se igualmente pronto para publicação um outro diploma visando a instituição em Cabinda de um novo regime aduaneiro, estabelecendo condições mais favoráveis ao fortalecimento das relações com os territórios limítrofes.

Casacos a varrer o chão —moda para o próximo Inverno apresentada por costureiros italianos

PAULO QUINTELA

FLORENÇA, 12 — (Por Brenda Rotzoll, da U. P. I. — exclusivo da A. N. I. em Portugal) — Vai ser um Inverno muito frio, o de 1969-70, a acreditar nos casacos apresentados nas passagens de modelos do pronto a vestir italiano.

Os maxicasacos chegam até ao chão e são debruados a peles ou confeccionados com elas, havendo ainda botas, chapéus e regalos de pele.

A «boutique» Caumont, de Milão, apresentou um casaco de cabedal para a chuva, que varria o chão, era apertado por um cinto e debruado a pele de raposa vermelha.

Caumont chamou à sua colecção «Expresso do Oriente», mas o aspecto era mais de «Transiberiano», com calças metidas em botas altas e jaquetões como os dos oficiais de marinha.

Para resistir às temperaturas siberianas, um fato de lã castanho aos quadrados, com um daqueles jaquetões, tinha a condizer uma capa a todo o comprimento, debruada de vison. Chapéus de pele de castor, golas de pele de castor e punhos da mesma pele apareciam noutros casacos. O escocês das mantas de viagem inspirou os padrões dos casacos, sempre enfeitados com pele.

Malhas cinzentas nos maxicasacos de estilo russo foi o que apresentou Lux Sport, de Parma.

Eguzquiza, de Milão, gostou tanto dos «maxis» que a maior parte dos seus modelos eram desse género, e em preto, torrado e branco. Uma saia preta acompanhava um «bolero» torrado e uma blusa branca de mangas compridas.

Lívio Desmone apresentou um casaco que chegava aos tornozelos, num escocês de «vinyl» que, embora quase varresse o chão, e se usasse com botas altas, não se destinava a climas frios.

Ao abrir o casaco, o modelo apresentou um dos mais mini-«bikinis» do dia. Uma das peças era quase exclusivamente um cinto largo de cabedal com uma fivela e a outra peça reduzia-se a dois círculos presos. Apresentou outros modelos explosivos: calças de «vinyl» creme às riscas carmesim.

O PROF. PAULO QUINTELA NOVO CATEDRÁTICO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Foi contratado para o exercício das funções de catedrático além do quadro (Filologia Germânica) da Faculdade de Letras de Coimbra, o prof. Paulo Quintela, que era até agora professor extraordinário da mesma secção, depois de ter sido, muito jovem ainda, professor auxiliar.

Licenciado e doutorado com elevadíssima classificação, antigo bolseiro e leitor de Português em Berlim, mestre de sucessivas gerações de germanistas, Paulo Quintela tem prestigiado como poucos a função docente. O seu contrato na qualidade de catedrático não é mais do que um reconhecimento tardio do invulgar trabalho produzido ao longo de trinta e seis anos, grande parte dos quais desdobrando-se na direcção artística do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra.

Estudioso profundo da matéria literária, deve-lhe já a «intelligentsia» portuguesa muita novidade. Recordem-se, entre outras, e só como apontamento, as traduções exemplares de Rilke, Hölderlin, Nietzsche, Keller, Hauptmann, Brecht, Nelly Sachs, Francis Thompson e William Blake. «Clerc» aberto às implicações circunstanciais, espírito atraído por várias formas de conhecimento (inclusive a poesia, de que só recentemente deu a estampa alguma coisa), Paulo Quintela merece mais que o simples apreço: merece a gratidão de toda uma cultura.

Necrologia

FALECIMENTOS

José Luís

Faleceu o sr. José Luís, de 77 anos, comerciante, natural de Bela (Monção), casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Barbosa. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, às 9 e 30, da capela da casa mortuária do Hospital de Santa Maria, para o cemitério de Berbetá (Monção).

FUNERAIS

Mário Ferreira Morais

ABRANTES, 12.—Foi muito concorrido o funeral do sr. Mário Ferreira Morais, de 74 anos, sargento reformado do Exército, natural de Lisboa e que aqui constituiu família, no regresso da primeira grande guerra. Deixa viúva a sr.ª D. Maria da Conceição Correia Paulo Morais; era pai da sr.ª D. Maria Manuela Paulo Morais Monteiro, casada com o sr. Manuel Lourenço Monteiro, professores oficiais na freguesia de Comenda-Gavião, e avô dos estudantes Jorge Manuel e Maria da Conceição, e cunhado do sr. António Leitão dos Santos, casado com a sr.ª D. Maria Virgínia Correia Paulo dos Santos, comerciantes nesta praça.

Duas dezenas de concorrentes no «Rallye» de Viseu

Uma vintena de inscritos começa esta tarde a disputar o I «Rallye» de Viseu, prova organizada pelo Aero Clube de Viseu e cujos resultados contam para o Campeonato Nacional de «Rallyes».

A competição consta de um percurso de estrada de cerca de 700 quilómetros e de três provas complementares.

Os concorrentes saem de Viseu às 16 horas e seguem por Tondela (16 e 20), Mortágua (17 h), Caramulo (17 e 30) e Vouzela, onde termina a primeira etapa, às 18 e 32.

A segunda etapa inicia-se às 21 horas (média de 60 km/h), seguindo os automobilistas por Lamego (21 e 40), Armamar (22 e 35), Moimenta da Beira (23 h), Régua (às 0 horas) e terminando em Viseu, às 2 e 11 de amanhã.

Às 3 e 16, tem início a 3.ª etapa, por Mangualde (3 e 40), Aguiar da Beira (3 e 52) e Celorico da Beira, onde termina às 5 e 54.

A 4.ª e última etapa começa às 7 e 31, seguindo os concorrentes por Gouveia (7 e 50), Seia (8 e 13) e estando as chegadas a Viseu previstas para as 9 e 23.

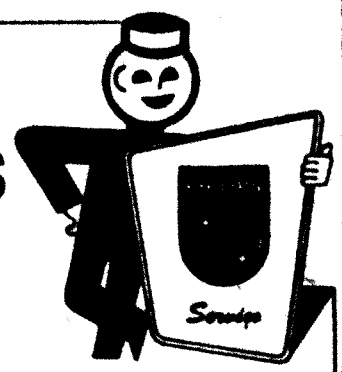
As provas complementares realizam-se, respectivamente, em Viseu, no Parque Municipal de Fontelo, em Vouzela (subida da Senhora do Castelo) após a primeira etapa, e novamente em Viseu, no recinto da Feira de S. Mateus, após a chegada.

São os seguintes os concorrentes inscritos: 1, Américo Nunes, em «Porsche 911 S»; 2, Emílio de Albuquerque, em «Porsche 911 S»; 4, Francisco Bandeirinho, em «Morris Cooper S»; 5, Policarpo de Brito, em «NSU TTS»; 7, Fausto Martins, em «NSU TTS»; 8, Rui Souto, em «Austin Cooper S»; 11, Luís Neto, em «Austin Cooper S»; 12, César Torres, em «Austin Cooper S»; 14, Carpinteiro Albino, em «Saab V4»; 15, eng.º Heitor Morais, em «Morris Cooper S»; 16, Adolfo Sampaio, em «Porsche 911»; 17, António Silva, em «Austin Cooper S»; 18, Eduardo Cid, em «Ford Cortina GT»; 19, Sarmento Rebelo, em «NSU TT»; 20, Martins Teixeira, em «Austin Cooper S»; 21, Manuel Reis, em «Austin Cooper S»; 22, Francisco Santos, em «Cortina Lotus»; 23, Sousa Miranda, em «Austin Cooper»; 24, Artur Santos, em «Austin Cooper S»; 26, Lopes Rebelo, em Morris 850»; 28, Herminio Venancio, em «Citroen Dyane».

CONFERÊNCIA SOBRE PROBLEMAS MONETÁRIOS INTERNACIONAIS

Hoje, às 18 e 30, no Hotel Flórida, o sr. L. B. Thunholm, administrador-delegado do Skandinaviska Banken, fará uma conferência sobre «The International Monetary Problems».

Serviço PHILIPS



AS SUAS ORDENS PARA:

CENTRO COMERCIAL DOS SERVIÇOS TECNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA

Montagens de: Auto-Rádios

Venda de: Acessórios

Reparações Rápidas

Avenida Luís Bivar, 69-A
Rua Professor Chagas, 4B
Telefone 53 62 09 — LISBOA

IRONWEED

Cortadoras eléctricas de plano inclinado com total aproveitamento de carnes

5 Modelos à sua escolha!

Lâminas de 220-250-275-300-350 mm de diâmetro

- Higiénicas
- Robustas
- Eficientes
- Rápidas
- Económicas
- Práticas

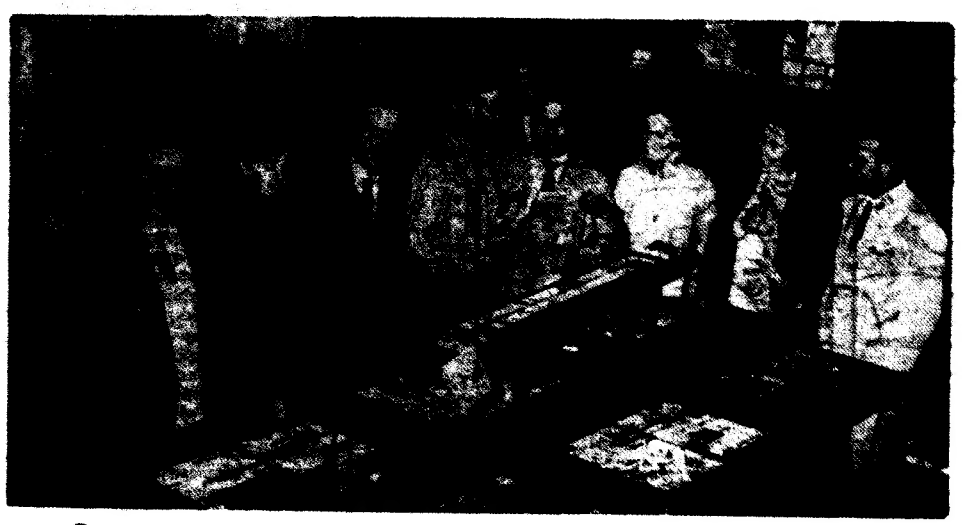
Se está comprador de uma cortadora, veja, examine, compare e... depois decida!

Grandes facilidades de pagamento
Demonstrações sem compromisso

Distribuidores Exclusivos:

Sra. de Fátima SOBA-OMEGA, Limitada

Rua dos S. Nicolau, 16-17 LISBOA



Os representantes do Clube Português de Buenos Aires na visita às oficinas do «Diário de Lisboa»

O CATITINHA FOI A ENTERRAR

Foi ao fim da tarde, em Avanca, que foi a enterrar, com 90 anos, o «Catitinha» — figura quase legendária para quantas crianças, nas praias, nas ruas, sentiram um dia a sua mão amiga, a sua presença carinhosa, algo insólita naquele corpanzil de bom gigante, há muito tempo com a farta cabeleira branca esvoaçando ao vento.

No préstito incorporaram-se muitas pessoas de projecção, e pràticamente todas as crianças da vila, que sem exagero, e até sem lirismo, se poderia dizer que representavam todas as crianças portuguesas de hoje e de ontem, de todas estas décadas em que a infância teve no «Catitinha» o amigo mais singularmente devotado.

De seu nome António Joaquim Ferreira, nascera em 1879 na freguesia de S. Tiago, concelho de Torres Novas, e faleceu ontem, de manhã, na casa do sr. António Moutinho, vitimado por doença cardíaca. Bastante doente desde há tempos, tinha ido para Avanca, manifestando o desejo de ficar enterrado á mesma sombra do que foi um seu grande amigo — o sábio prof. Egas Moniz.

Figura legendária, e lendária, parece que ao «Catitinha» lhe morrera uma pequena filha atropelada: e a partir daí o seu amor por uma criança que era sangue do seu sangue, transferiu-se para todas e a todas ele procurava no seu constante itinerário por terras de Portugal.

«ABRIL EM PORTUGAL» PARA 50 PORTUGUESES FIXADOS NA ARGENTINA

O Clube Português de Buenos Aires, movido pela saudade da terra distante e pela legenda turística do «Abril em Portugal», organizou uma excursão que, ontem, trouxe a Lisboa 50 portugueses fixados na Argentina.

Em colaboração com a TAP, este grupo de excursionistas desloca-se, a partir da próxima segunda-feira, ás seguintes localidades: Portimão, Faro, Coimbra, Figueira da Foz, Porto e Guarda, regressando a Lisboa no próximo dia 26, para visitar Queluz, Sintra, Cascais e os Estoris.

Pois foram os representantes do clube organizador que, ontem mesmo, visitaram o nosso jornal, onde, num acto de manifesta simpatia, entregaram, á direcção do «Diário de Lisboa», uma preciosa colecção do «Boletin del Club Português»; um curioso galhardete de seda, com destino ao Grupo Desportivo do «Diário de Lisboa»; e um belo exemplar do livro «Martin Fierro», poema clássico de José Hernandez, encadernado em couro dos Pampas.

Os visitantes eram acompanhados, além dos locutores do Voz do Club Português, sr.ª D. Norma Lugani e sr. José Carreira, pelo presidente do C. P., sr. Narciso Tomé, pelos vice-presidentes, srs. José Madeira e Francisco Rosa Gago, e pelo secretário, sr. Américo Dias.

Esta organização do Club Português pensa, segundo nos foi esclarecido, realizar periòdicamente uma excursão semelhante a esta, agora, efectuada, pois, em toda a Argentina vivem entre 60 a 70 mil portugueses, dos quais 20 mil, exactamente, em Buenos Aires e outros tantos em Comodoro, Rivadavia, perto da Antárctida, a grande zona de petróleo argentina.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS DE ANGOLA

LUANDA, 12 — (A. N. I.) — Foi distribuído o comunicado das Forças Armadas em Angola, referente á semana finda em 5 de Abril, com o seguinte teor:

«No Norte da província, os terroristas revelaram-se pouco activos, enquanto no Leste intensificaram a sua acção, sem, no entanto, terem produzido efeitos de relevo. As forças da ordem continuaram o esforço de vigilância e busca dos fora de lei, que constante e sistemàticamente evitaram o contacto, pelo que não foram obtidos resultados volumosos.

No Cuanza Norte, as nossas forças, em simultaneidade com a actividade militar, desenvolveram medidas de vigilância e ordenamento em prol das populações, em especial na região do Quiage. Por outro lado, os inimigos de Angola praticaram raptos de populações, no Sul do Quiculungo, nos dias 2 e 4.

Quanto ao distrito de Luanda, menciona-se o ataque efectuado no dia 3, pelos bandidos aos trabalhadores de uma fazenda situada na zona de Mucondo e aos elementos da guarda rural encarregados da sua protecção.

No Moxico, os bandoleiros montaram emboscadas ás forças da ordem, no dia 30, perto de Cangombe; em 31, a Leste do Luso, e no dia 2, no itinerário Gago Coutinho-Nanda. Implantaram, também, um engenho explosivo a Oeste de Lovua, que foi accionado pelas nossas tropas em 3. Finalmente, no dia 30, um bando de carrascos do povo assassinou uma pessoa nas proximidades de Gago Coutinho. As nossas forças, numa acção em 30 e 31, causaram um morto aos terroristas e destruíram um acampamento, a Norte de Luatamba, e durante patrulhamento a 29, na região de Tempue, capturaram granadas de mão e recuperaram catorze pessoas.

No Cuando-Cubango, registou-se, em 31, o rapto de duas mulheres e de três crianças, perpetrado a Sul de Mavinga. Em contrapartida, as forças da ordem, numa operação no dia 30, na área de Lupira, recuperaram mais de quarenta indivíduos.

As nossas tropas sofreram um morto e doze feridos, em combate, durante o período.

As milícias sofreram sete feridos, igualmente em combate, e verificaram-se ainda dois mortos e dois feridos entre a população civil.»

Guarda da P. S. P. morto em combate em Angola

Morreu em combate, em Angola, no dia 8 do corrente, o guarda da P. S. P. Manuel Lopes da Neta n.º 3555, da 9.ª Companhia Móvel da Polícia, destacada da Metrópole, natural da freguesia e concelho do Sardoal, filho de António Lopes da Neta e de Joaquina Ventura.

O sr. Lopes da Neta, alistado na P. S. P. de Lisboa em 20-12-967, seguira para Angola em 29 de Junho do ano findo.

Frigorífico PHILIPS

MN2425 275 L.

UM OÁSIS EM SUA CASA

O frigorífico que cabe na sua cozinha e no seu orçamento. Pequeno por fora, enorme por dentro. Nove modelos à sua escolha. Em todos eles a qualidade, o serviço e a garantia de uma marca famosa em todo o Mundo. Entre outras salientam-se as seguintes características:

- Economia de espaço e de consumo.
- Conservação ideal e por longo tempo dos alimentos.
- Distribuição racional e regular da temperatura desejada.

A refrigeração nos modelos «Combi», de duas portas, faz-se pelo sistema F-H (Frio Húmido) que não permite a desidratação dos alimentos e dispensa a descongelação.

MN2409 – 160 L. | MN2411 – 160 L. | MN2426 – 190 L. | MN2123 – 200 L. | MN2424 – 225 L. | MN2132 – 205 L.

ANDARES

VENDEM-SE

Em Benfica, Barcos, Amadora, Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Sassoeiros e Parede, c/ 3 a 5 casas [illegible], 2 casas de banho, cozinha, roupeiros, etc.

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO

FACILITA-SE PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO MALHA

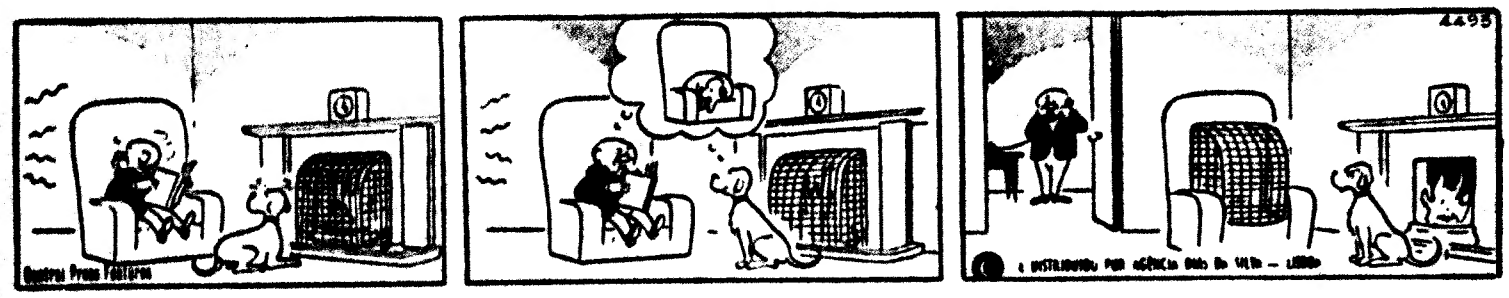
Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA

Telefs. 539200, 2910079 e 785200

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

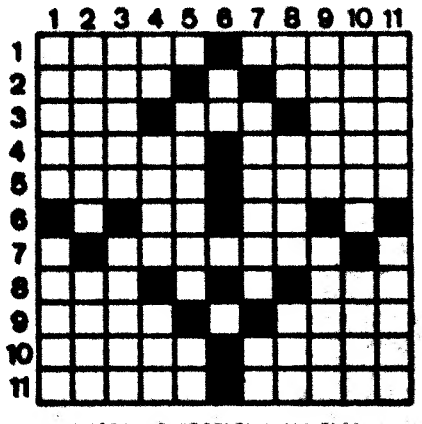
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5145

HORIZONTAIS: 1 — Dá entrada (o barco) Fausto. 2 — Aquele que. Ecoar. 3 — Larva das feridas dos animais. Ponto agudo. Senhora. 4 — Couraça ou escudo maravilhoso de Palas, coberto com o pele da cabra Amaltea e sobre o qual esta deusa tinha colocado a cabeça de Medusa. Apanham. 5 — Romancista inglês autor de vários obras adaptadas ao cinema e ao teatro, como As Quatro Penas Brancas. Alto. 6 — Basta. Pronome pessoal. 7 — Confrontara. 8 — Pau-ferro. Conjunção. 9 — Oferecera. Flexão de pronome pessoal se (em contigo). 10 — Plantio de amieiros. Justo. 11 — Fecharo as asas para descer mais depressa. Ave trepadora.

VERTICAIS: 1 — Da parte de cá. Fainas. 2 — Apagas por meio de penitência. Recem. 3 — Verdadeiras. Estabelecimento termal situado no concelho de Anadia. 4 — Ribeiro da Ásia Russa. Favorece. Rio da Suíça. 5 — Padeceru. Nota musical. 6 — Pronome pessoal. 7 — Dispor em camadas. Pêlo de certos animais. 8 — Artigo definido. Gaulês de nascimento, um dos melhores oradores latinos do século I. Ente. 9 — Sinal preto e postiço no rosto. Afiada. 10 — Estacionara. Mãe de Ismael. 11 — Guarnição de arames. Separa.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5144

HORIZONTAIS: 1 — AC. NATAL. EM. 2 — Bolas. Telmo. 3 — Usais. Atuar. 4 — Catro. Massa. 5 — Vá. Lá. 6 — Pá. Rim. Sm. 7 — Lá. Secam. Op. 8 — Estar. Tecer. 9 — Isem. Sova. 10 — Aos. Gap. Mac. 11 — Maomé. Grama.

VERTICAIS: 1 — Abuco. Leiam. 2 — CASA. PASCOA. 3 — Loivo. Teso. 4 — Naira. Sem. 5 — Asso. Rer. Ge. 6 — Sic. NA. 7 — Afam. Mat. Pa. 8 — Letal. Mês. 9 — Lucas. Cama. 10 — Emas. Moeram. 11 — Meres. PRAÇA.

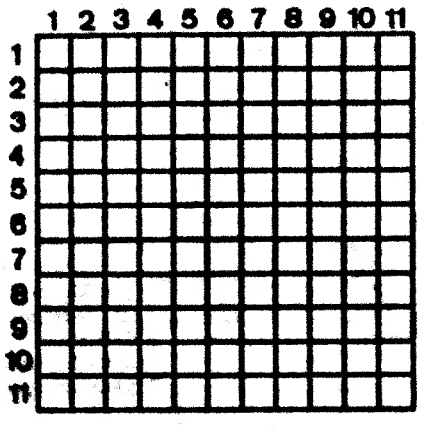
Provérbio: NATAL EM CASA, PÁSCOA NA PRAÇA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8988

HORIZONTAIS: 1 — Virgem e mártir, padroeira da ilha de Malta. Ilha do arquipélago dos Açores. 2 — Chuvisco (Bras.). Educar. 3 — Suave. Valete, nos baralhos de cartas. 4 — Actriz. Um dos estados do Brasil. 5 — Satélite de Júpiter. Adivinho. Viração. 6 — Irmão do pai. 7 — República da América meridional, à beira do oceano Pacífico. Montão. 8 — Irmão. Freguesia do concelho de Castelo Branco. 9 — Prendo. Cidade de França. Agora. 10 — Segunda. Estacionar. Aspecto. 11 — Virgulos dobrados. Ave palmípede.

VERTICAIS: 1 — Porto do sul de Marrocos sobre o Atlântico. Vila e concelho do distrito do Porto. 2 — Nome de um jogo. Pés de animal. 3 — Lavrem. O mesmo que caruma seca (Prov.). 4 — Camadas finas. Letra grega. Deus dos pastores. 5 — Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Pau-ferro. Fluido aeriforme. 6 — Ligue. Botequim. 7 — Trezentos em romano. Colorido. Página (abrev.). 8 — Cidade do estado de Pernambuco. Preposição. Batráquio. 9 — Insectos coleopteros tetrameros. Nome de homem. 10 — Vagabunda. No lado posterior. 11 — Arejara (Bras.). Ilha situada no Pequeno Belt.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8987

HORIZONTAIS: 1 — Charb. Boia. 2 — Rasão. Arrás. 3 — Bra. Rua. 4 — Tudo. Arai. 5 — Ana. Upa. Alá. 6 — Isara. 7 — Acena. Natal. 8 — Rol. Mão. Aso. 9 — Io. CM. 10 — Antes. Copas. 11 — Roera. Prosa.

VERTICAIS: 1 — Grata. Arear. 2 — Há. Única. Ná. 3 — Azeda. Alte. 4 — Rato. In. Aer. 5 — Boa. Usam. Sa. 6 — Epa. Au. 7 — Ber. Amo. OP. 8 — Aruá. Ao. Cor. 9 — Irara. Tempo. 10 — La. Elves. As. 11 — Asola. Serea.

NA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 12 de Abril de 1935 publicava:

«LONDRES, 12 — A ... [illegible] ... os ... [illegible] ... os ... [illegible] ... os

QUER RECEBER EM SUA CASA UM ESTUDANTE AMERICANO?

Para cumprimento dos programas de Verão e escolar do American Field Service em Portugal, estão abertas as inscrições para as famílias que desejem receber um/a estudante norte-americano/a durante o próximo Verão ou ano lectivo, respectivamente.

Os estudantes deslocam-se a Portugal por intermédio do American Field Service, com todas as despesas pagas, incluindo viagens e seguros. O seu tempo de estadia vai de 1 de Julho a 31 de Agosto, para o programa de Verão, e de 1 de Julho de 1969 a 1 de Agosto de 1970, para o programa escolar.

Os resultados obtidos ao abrigo destes programas têm sido animadores, quanto aos sentimentos que despertam ás consciências que esclarecem, e á boa-vontade que originam.

Procuram-se famílias amigas e generosas que queiram franquear o seu lar a estes «embaixadores da Boa-vontade».

Todas as famílias interessadas deverão dirigir-se ou escrever para: American Field Service em Portugal, Av. Estados Unidos da América, 94, 13.º-C, Lisboa-5 (telefone 715056); ou para Delegação do Norte do American Field Service, Rua de Santo Ildefonso, 282-A, 3.º, Porto (telefone 24258).

O prazo das inscrições termina a 30 de Abril de 1969.

As expressivas homenagens à memória de João de Barros na cidade da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 12 — A cidade prepara-se, como já dissemos, para prestar expressiva homenagem á memória do grande e saudoso figueirense dr. João de Barros, poeta e escritor eminente, que foi ministro da República e figura de prestígio entre os nomes ilustres do «Diário de Lisboa».

A Câmara Municipal marcou o dia 1 de Junho para essa justa consagração. O programa inclui a inauguração do monumento a João de Barros, que provisoriamente, fica colocado no novo Parque Dr. Joaquim de Carvalho, na zona das Abadias, para, mais tarde, ser transferido para o novo edifício do Ciclo Preparatório, que tem o nome do poeta de «Ateneu».

A Rua Dr. João de Barros, certamente inaugurada no mesmo dia, fica em frente do mar e da praia, na moderna zona turística da Ponta do Galante.

II Encontro da Imprensa das Beiras

Com o objectivo de se estudarem as possibilidades de decorrer aqui o II Encontro da Imprensa das Beiras, houve, na sede da Comissão Municipal de Turismo, uma reunião de representantes da Imprensa local, com o seu presidente, sr. Severo da Silva Biscaia.

Após troca de impressões, foi resolvido considerar muito útil para a cidade conseguir-se o apoio do Município para a iniciativa. Foram julgados viáveis para o encontro os meses de Junho e Setembro, mas melhor o de Junho por coincidir com as tradicionais festas de São João.

Comando militar

O comandante da II Região Militar, sr. general Fernando Viotti de Carvalho, visitou oficialmente, os quartéis de Artilharia Pesada 3 e C.I.C.A. 2. A visita começou pela primeira daquelas unidades, na companhia do comandante, sr. coronel Lúcio Jacinto Nunes; seguindo-se a segunda, cujo comandante, sr. tenente-coronel António José Ribeiro também com os seus oficiais, acompanhou o general, a quem foi oferecido um jantar de homenagem na messe do Regimento de Artilharia 3.

JANTAR DA TÁBUA RASA

No dia 16, às 20 e 30, a comissão delegada da Tábua Rasa promove mais um jantar no Restaurante Hong-Kong, para o qual se encontram abertas as inscrições dos associados. É convidado de honra o embaixador da Venezuela, dr. Rafael Armando Rojas.

DAR TREZENTOS PARA RECEBER 30...

Há certas coisas que só vistas, contadas, ninguém acredita. Ou, se alguém acredita, é por obra e graça dos génios humorísticos, capazes de dourar a pílula com o véu diáfano do Eça...

Aconteceu ontem. Um dos mais importantes estabelecimentos bancários da nossa praça comunicava a certo cliente seu que devia efectuar o pagamento de três tostões (30 centavos), relativos à cobrança de uma renda.

Até aqui, nada a objectar. A correspondência denota zelo no cumprimento de uma obrigação de forma nenhuma rentável. Certo.

Acontece simplesmente que na carta onde se participava um débito de três tostões gastou o estabelecimento em causa três escudos (300 centavos)...

Permanecem as razões para a troca de correspondência. Mas o zelo ultrapassa-se. Ao ultrapassar-se, muda de qualidade: transforma-se em excesso de zelo. E o excesso de zelo é uma das faces mais antipáticas desse bicho de mil caretas que se chama burocracia.

Para receber 30 centavos o banco emprega 300 em investimento de prestígio. O bom senso comezinho, este que tem os pés assentes no chão difícil, pergunta se não haveria investimentos mais produtivos e razoáveis. Mas o capital tem razões que o povo simplório desconhece... — C.

Projecto de um decreto-lei que regula as concessões para prospecção dos recursos minerais na plataforma continental

Reune-se hoje, sob a presidência do dr. Luiz Supico Pinto, o Conselho da Presidência da Camara Corporativa, a fim de iniciar os trabalhos de apreciação do projecto de decreto-lei que regula as concessões para prospecção, avaliação e aproveitamento de recursos minerais nas plataformas continentais.

O preambulo do referido decreto-lei chamou a atenção para o facto de a Convenção de Genebra de 29 de Abril de 1958, a que Portugal aderiu, estender os limites da plataforma continental até onde a profundidade das águas superjacentes permita a exploração dos recursos naturais.

A Lei n.º 2080, de 21 de Março de 1956, previu na sua Base II, dum modo genérico, concessões nas plataformas continentais até ao limite da linha de 200 metros de profundidade das águas, mas desde logo ressalvou lei especial dispondo de outro modo.

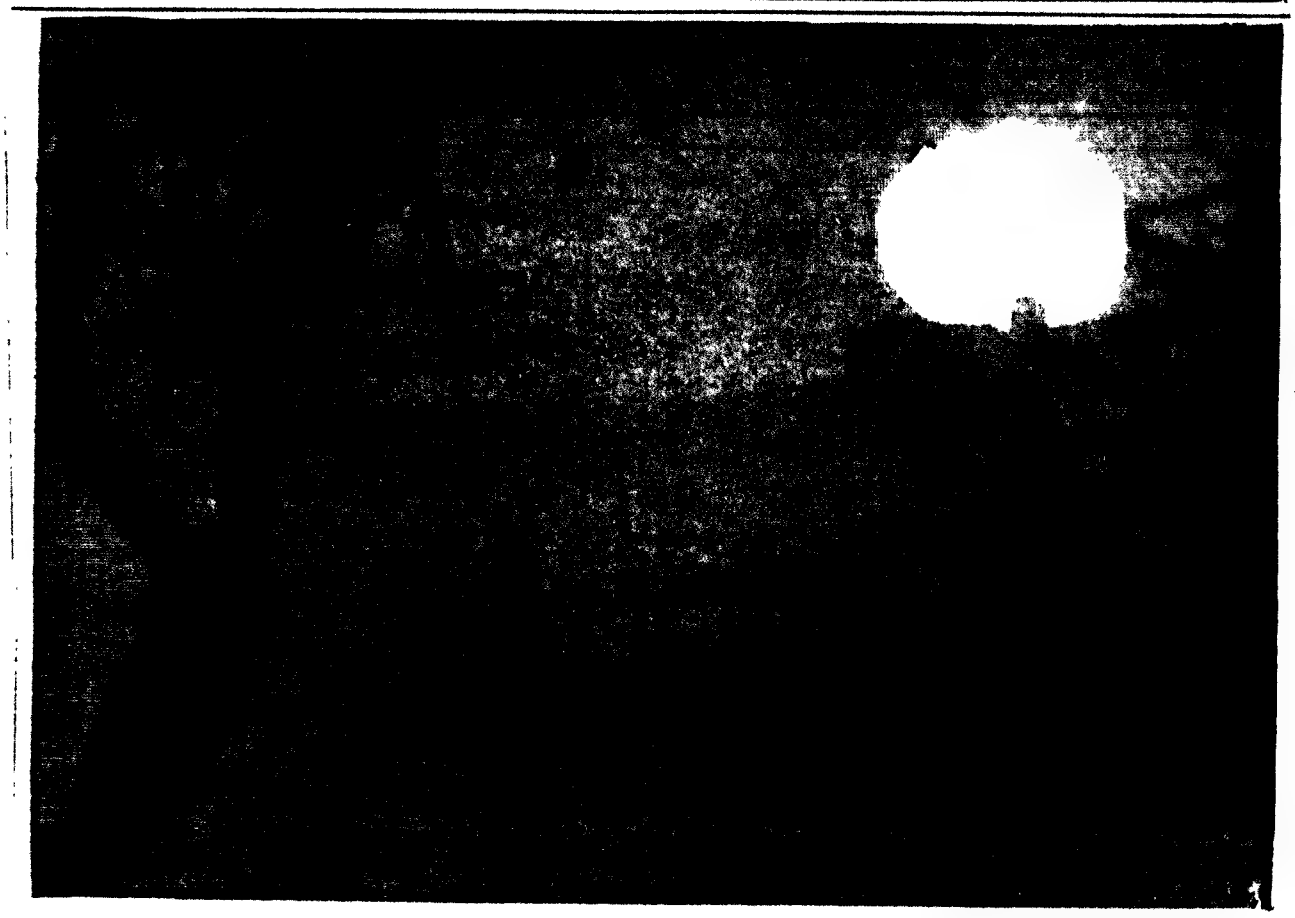
A moderna tecnologia frui já meios para a prospecção a profundidade que ultrapassa em muito o limite da batimétrica dos 200 metros, supondo-se que no presente ano se atinjam os 500 metros («Report of the *ad Hoc* Committee to Study the Peaceful Uses of the Sea-bed and the Ocean Floor Beyond the Limits of National Jurisdiction». United Nations, página 25).

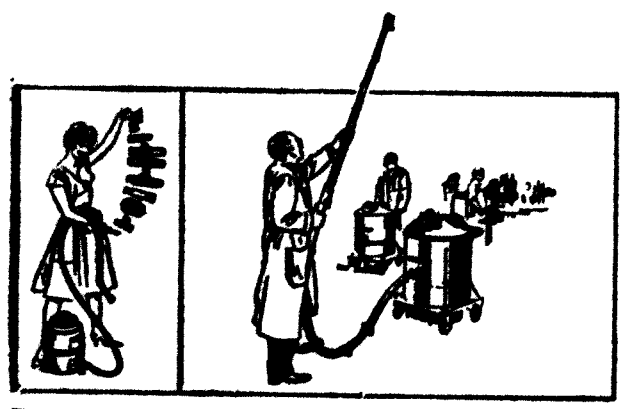
Estes avanços tecnológicos têm particular reflexo em matéria de recursos minerais, pelo que convém prever desde já, em lei especial, concessões para prospecção, avaliação e aproveitamento daqueles recursos para além do limite dos 200 metros de profundidade.

CONCURSO DE FOTOGRAFIA PARA ESCUTEIROS

A equipa cultural do clã 6 do Agrupamento LXVII do Corpo Nacional de Escutas promove o II Concurso de Fotografia a que podem concorrer elementos do Corpo Nacional de Escutas, da Associação dos Escoteiros de Portugal e da Associação das Guias de Portugal. Há três temas: Escutismo, Paisagem e Retrato.

Os trabalhos podem ser entregues até ao dia 15 de Maio. Qualquer esclarecimento e pedidos de boletins de inscrição podem ser feitos para II Concurso de Fotografia, Rua Capitão-Tenente Oliveira e Carmo, 8, 2.º esq.





no dia que começa NILFISK recomeça!

recomeça a limpeza de cada dia no lar ou na fábrica

NILFISK

ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMESTICOS

Fornecedores da Indústria, Grandes Companhias, Hospitais, Hotéis, Escolas, Estado e Forças Armadas.

VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95 - 97 LISBOA
No norte: VADECA — R. de Sto António, 218 — PORTO

Actualidade internacional

Tropas do Pacto de Varsóvia deslocadas para a Ásia?

(Continuação da 1.ª página)

je que os aliados da U. R. S. S. no Pacto de Varsovia estão a enviar forças para a fronteira sino-soviética, onde se registam perturbações.

Este jornal conservador britânico publica um telegrama de Bonn na primeira página, com o seguinte título: «A U. R. S. S. recruta tropas do Pacto para defrontarem a China».

George Vine, correspondente do jornal em Bonn, escreve ainda: «As tropas estão a seguir da Alemanha Oriental, Polónia, Hungria e Bulgária — os países que ajudaram a Russia na invasão da Checoslováquia no ano passado».

«Entretanto, circulam notícias em Bonn de grandes movimentos de tropas soviéticas na Europa Central. Relatórios dos serviços secretos ocidentais afirmam que os efectivos soviéticos na Checoslováquia foram reduzidos para 80 000 homens, formando sete divisões, em três meses».

Vine acrescenta que os movimentos de tropas foram revelados após o primeiro-ministro polaco Wladyslaw Gomulka efectuar uma viagem de surpresa a Berlim-Leste, durante o dia de ontem, a fim de se avistar com o marechal Andrei Gretchko, ministro soviético da Defesa.

CANÇÃO RUSGA

MOSCOVO, 12 — (F. P.) — «Ele não esteve em Leninegrado, nem em Berlim, nem em Estalinegrado, mas aguentou firme como uma muralha, á beira do Ussuri, onde temos Damansky» — assim começa a primeira canção popular soviética inspirada pelas lutas fronteiriças do Ussuri que ontem foi solenemente apresentada num espectáculo de gala, realizado em Moscovo.

A canção foi interpretada pela cantora folclórica Ludmilla Zykina, perante um auditório de seis mil pessoas, que assistiram no Kremlin ás comemorações do «Dia da Cosmonáutica».

«Dia da Cosmonáutica»

MOSCOVO, 12 — (F. P.) — No futuro, as estações orbitais habitadas terão um papel de grande importancia na investigação espacial — declarou ontem o académico soviético Mstislav Keldych, durante uma sessão solene comemorativa do «Dia da Cosmonáutica», que se realizou em Moscovo.

As estações permitirão aos cosmonautas ficar em orbita durante longos periodos, facilitando ao mesmo tempo a exploração dos outros planetas do sistema solar. É, com efeito, mais facil colocar uma estação na orbita de um planeta do que fazer pousar uma nave na sua superficie — disse o academico.

As estações orbitais poderão servir ainda de base para a descida de aparelhos não tripulados, destinados a estudar o solo e a efectuar estudos preliminares, com vista a uma possivel aterragem. Entre outras utilidades secundárias das estações, figuram as previsões meteorológicas e as retransmissões de telecomunicações.

LOJISTAS FRANCESES MANIFESTARAM-SE COM OS SEUS CARROS

BOURGOIN (FRANÇA), 12 — (R.) — Cerca de 20 pessoas foram hospitalizadas a noite passada nesta cidade, após a Policia lançar granadas de gás lacrimogeneo contra milhares de automóveis que bloqueavam Bourgoin durante uma manifestação dos lojistas locais contra o aumento dos impostos.

Os lojistas enfurecidos empregaram 3000 automóveis para bloquearem as entradas principais da cidade, situada a meio caminho entre Lyon e Grenoble. Mais de dois mil carros, seguindo para o norte, após férias da Páscoa prolongadas, aumentaram a confusão e a Policia de choque foi chamada para intervir.

SONDAGEM ACERCA DE DE GAULLE

PARIS, 12 — (R.) — Segundo uma sondagem publicada hoje, a maioria dos franceses gostaria que o general de Gaulle continuasse no Poder até ao fim do seu mandato, em 1972.

A sondagem, feita antes da entrevista concedida pelo general na Televisão, revela que 53 por cento são favoráveis á sua continuação no Poder até 1972, quando há dois anos havia apenas 49 por cento que manifestavam a mesma opinião.

O inquérito foi feito pelo Instituto Francês de Opinião Publica para o «France Soir».

O PLANO HUSSEIN É CRITICADO POR RÁDIO ARGEL

LONDRES, 12 — (A. N. I.) — O novo plano de paz do rei Hussein da Jordânia «não passa de mais uma conspiração forjada no escuro, e inspirada pelo imperialismo norte-americano» — afirmou Rádio Argel, em emissão captada em Londres.

A emissora declarou que o rei Hussein e «os outros chefes de Estado árabes não têm o direito de falar em nome do povo da Palestina».

DÚVIDAS

CAIRO, 12 — (F. P.) — Referindo-se ao plano de paz em seis pontos proposto pelo rei Hussein da Jordânia, o jornal «Al Ahram» contesta a autenticidade das propostas do soberano hachemita e acusa as agências de Imprensa de quererem explorar declarações atribuidas ao monarca jordano.

O Papa permanecerá dois dias em África

CIDADE DO VATICANO, 12 — (F. P.) — O Papa partirá para a África em 31 de Julho e não permanecerá senão dois dias no continente negro, foi oficialmente anunciado.

Suicidou-se a bailarina supostamente envolvida no assassínio de Robert Kennedy

LOS ANGELES, 12 — (R.) — Uma mensagem a «batom», escrita por uma bailarina moribunda no espelho do seu quarto de dormir, encerrou nesta cidade outro capitulo do enigma do assassinio do senador Robert Kennedy.

Kathy Fulmer, de 23 anos, uma bailarina que dançava sem corpete suicidou-se ingerindo uma dose excessiva de comprimidos num motel de Los Angeles, segundo comunicou ontem a Policia.

Kathy Fulmer afirmara ser a rapariga misteriosa, com um vestido ás pintas, que se disse ter sido vista a conversar com o alegado assassino do senador Bob Kennedy, pouco antes do crime, em Junho passado.

Contudo, a Policia soltou-a, após a interrogar, quando um criado de hotel admitiu que mentira ao afirmar ter visto uma rapariga a conversar com o imigrante jordano Sirhan Sirhan. Foi formulada nessa altura a teoria de que Kathy Fulmer aproveitara o caso para arranjar publicidade para si própria.

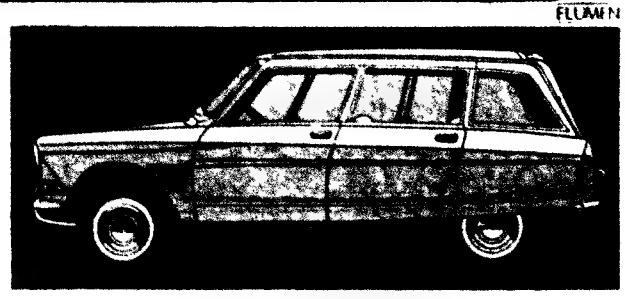
A bailarina garatujou uma mensagem a «batom» no espelho do motel, pouco antes de morrer na quinta-feira, á noite. A mensagem dizia: «Deus — desce-me uma montanha e vou gostar de a subir». A comunicação da Policia afirmava que Kathy Fulmer acrescentara: «fá-lo-ei numa caixa de madeira».

os amigos são para as ocasiões...

FLUMEN

Contamos com eles. No nosso trabalho ou quando temos que transportar uma profusão de embrulhos, as crianças e ainda o cão, encontramos um amigo prestavel. O AMI 6. Com o seu grande espaço interior, é o carro que resolve todos os problemas de transporte multiplo, e nos permite aproveitar inteiramente as férias, os fins de semana, a pesca, a caça, a simples ida às compras

Agora também numa versão de luxo: BREAK CLUB



CITROËN

BREAK ou BREAK CLUB

ami 6

O AMIGO DE TODAS AS OCASIÕES

AGORA!

"UMA NOVA GERAÇÃO DE MOTORES"

MAIS RÁPIDOS
MAIS NERVOSOS
MAIS POTENTES

AUTOMÓVEIS CITROËN, S.A.R.L.

Avenida Praia da Vitória, 9-11
Avenida Fontes Pereira de Melo, 47-A
Rua Filipe Folque, 5

Husak critica os outros dirigentes checoslovacos

PRAGA, 12 — (R.) — Gustav Husak, o chefe do Partido Comunista eslovaco, atacou a noite passada a chefia do Partido e o Governo da Checoslováquia por permitir que «elementos irresponsáveis» utilizem os serviços noticiosos para disseminarem opiniões contra o Estado.

Num discurso áspero que pronunciou numa sessão de funcionários de uma cooperativa agrícola em Nitra, no centro da Eslováquia, Husak disse ainda que os dirigentes do país tinham falhado em concretizar a política que tinham adoptado.

Após Janeiro de 1968, quando Alexandre Dubcek assumiu a chefia do Partido, fora permitido que forças anti-socialistas participassem na vida política, asseverou Husak, segundo comunicou a Ceteka, a agência noticiosa checoslovaca.

O discurso do dirigente eslovaco seguiu-se á introdução, por insistência do Kremlin, de novas e severas restrições contra a Imprensa, após as violentas manifestações contra os russos, no mês passado.

Essas manifestações, segundo disse Husak, levaram a Checoslováquia á beira da catástrofe e prejudicaram as suas relações externas.

Husak acentuou que a chefia checoslovaca reconhecia a liberdade de Imprensa.

Voltando a referir-se á política externa, Husak reiterou que a segurança da Checoslováquia dependia dos seus elos com os Estados socialistas — «e especialmente com a União Soviética».

Condições de Tito para cooperar com a U. R. S. S.

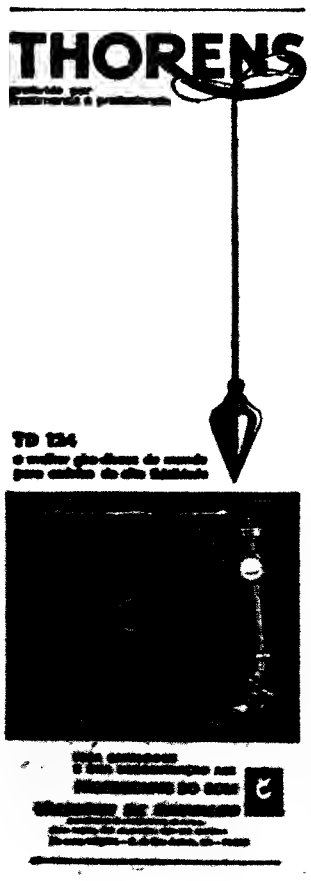
BELGRADO, 12 — (F. P.) — Foi anunciado esta noite nos meios jugoslavos bem informados que o presidente Tito afirmou a Ivan Benediktov, embaixador da União Soviética em Belgrado, que a Jugoslávia estava disposta a colaborar com a União Soviética sem renunciar aos seus princípios bem conhecidos sobre a independência e a soberania de cada partido e da cada país socialista.

A sr.ª Nguyen Thi Bing, delegada da F. N. L. ás conversações de Paris, presidiu há dias, na Trafalgar Square, em Londres, a uma manifestação contra a guerra do Vietnam, na qual participaram cerca de quatro mil pessoas

Tentativa frustrada de golpe de Estado em Bangui

Segundo informa a Agência France Press, uma tentativa de golpe de Estado foi descoberta e neutralizada em Bangui, capital da República Centro-Africana, na noite de quinta para sexta-feira. A notícia foi divulgada pelo próprio presidente da República, general Jean Bedel Bokassa. De acordo com o presidente, a conspiração foi chefiada pelo tenente-coronel Alexandre Banza, ministro da Saúde, que foi preso.

A República Centro-Africana, que foi colónia francesa com a denominação de território do Ubangui-Chari, é um país de 617 000 km² e 2 000 000 de habitantes, integrado na Comunidade francesa. Pela sua situação, a 1800 quilómetros do mar, entre o Tchade, o Sudão, o Congo-Kinshasa, o Congo-Brazaville e os Camarões, é verdadeiramente, uma encruzilhada da Africa Central, e uma posição estratégica importante. Embora a principal actividade económica seja a agricultura, o subsolo é rico, nomeadamente em diamante e em urânio. Uma mina deste último minério, cujas reservas foram avaliadas em 5000 toneladas, foi objecto, em 1968, de um acordo entre a R. C. A. e a França. Uma fábrica com a capacidade anual de 500 toneladas de urânio entrará em serviço em 1972. Cinco fábricas de têxteis, com participação e capitais franceses, foram inauguradas recentemente.



BREJNEV E KOSSYGUINE VÃO À ROMÉNIA

— SEGUNDO UMA AGÊNCIA SUECA

ESTOCOLMO, 12 — (R.) — Os dirigentes do Governo soviético Leonid Brejnev e Alexei Kossyguine deverão efectuar em breve uma visita á Roménia, segundo comunicou a noite passada de Bucareste a agência noticiosa sueca Tete.

Um correspondente da Tete, que acompanha o primeiro-ministro sueco Tag Erlander numa visita oficial a Bucareste, afirmou que os dirigentes russos chegariam «após a partida de Erlander». O primeiro-ministro sueco regressa á Pátria na segunda-feira.

Os chefes soviéticos foram convidados a deslocarem-se a Bucareste pelo ministro dos Negócios Estrangeiros romeno, Corneliu Manescu, durante a sua visita a Moscovo no princípio desta semana, segundo declarou há dois dias uma fonte comunista bem informada. Acrescentou que nenhuma data fora fixada.

O correspondente da Tete anunciou que o primeiro-ministro romeno Ion Maurer afirmara num discurso pronunciado a noite passada num banquete em honra de Erlander que todos os países deviam ter o direito de decidir o seu próprio destino.

PRIMEIRO CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA ALEMÃO OCIDENTAL

ESSEN (Alemanha Ocidental), 12 — (R.) — O Partido Comunista alemão ocidental, recentemente constituído, realiza hoje nesta cidade o seu primeiro congresso, para eleger dirigentes e adoptar um programa que tem como exemplo o do Partido Comunista da Alemanha Oriental.

Indica-se com insistência para ocupar a presidência do Partido Kurt Bachmann, um jornalista de 59 anos, que iniciou a constituição do Partido em Setembro passado, após uma proibição de 12 anos imposta ao seu predecessor, o Partido Comunista da Alemanha.

O agrupamento original, que se encontra ainda banido, era chefiado por Max Reimann, que mudou a sua residência de Dusseldorf para Berlim-Leste, no ano passado, e que se esperava que assumisse a chefia da nova organização. Contudo, recusou-se até agora a aderir a ela.

Os objectivos principais do novo Partido, esboçados numa minuta de programa apresentada ao congresso, são seguir os principais marxistas, dar ao trabalhador alemão um papel proeminente no Estado e criar a paz permanente na Europa.

Cerca de 700 delegados assistem ao congresso, mas ignora-se o numero de membros com que o Partido conta.

ANDARES
CASCAIS
Vendo com 3 assoa. 235 contos, c/ 4 assoa. 300 contos. Rua das Fontainhas, lote 14.

OPTIMISMO EM SAIGÃO QUANTO AO RESULTADO DA RETIRADA DE TROPAS DOS ESTADOS UNIDOS

SAIGÃO, 12 — (F. P.) — A retirada de 50 mil soldados do corpo expedicionário norte-americano do Vietnam não terá consequências muito sensíveis sobre o prosseguimento da guerra, pois o Exército sul-vietnamiano está há muitos meses apto a aceitar o papel principal nas operações militares — afirma hoje o jornal saigonês «Dong Ngai», citando fontes ligadas ao estado-maior sul-vietnamiano.

Segundo essas fontes, não foi ainda marcada data para a retirada das tropas norte-americanas, nem sequer está determinado ainda o numero exacto dos soldados a evacuar.

NOVO ATAQUE A VINH LONG

SAIGÃO, 12 — (A. N. I.) — Durante a noite de ontem e a madrugada de hoje os «vietcongs» bombardearam com foguetões e granadas de morteiro vinte e cinco bases militares e povoações no Vietnam do Sul, mas, segundo o informador militar dos Estados Unidos, as baixas e os danos materiais sofridos foram «ligeiros».

Entre os pontos atacados figura a capital provincial de Vinh Long, no delta do Mekong, onde, ontem á noite, explodiram granadas de morteiros de 82 milímetros em redor da esquadra da Polícia, matando um civil e ferindo três.

Foi o segundo ataque efectuado contra Vinh Long, a 93 quilómetros de Saigão, no período de 15 horas.

Na madrugada de sexta-feira tinha sido bombardeada com 105 granadas de morteiros, que mataram 21 pessoas e feriram cem, no mais sangrento episódio da ofensiva inimiga desencadeada há sete semanas, de acordo com o mesmo informador militar.

PROPOSTA REJEITADA POR THIEU

Entretanto, o presidente Nguyen Van Thieu rejeitou a proposta comunista para que fosse formado um «Governo de paz», de coligação entre os comunistas e o actual Governo.

«Como chefe do Estado, não posso aceitar tal proposta e como cidadão oponho-me-ei, de armas na mão, a que ele se concretize» — afirmou.

O «novo estilo» político português segundo um jornal de Nova York

NOVA YORK, 12 — (A. N. I.) — «O novo estilo político criado em Portugal por Marcelo Caetano, a sua franqueza, a sua boa vontade, tudo isso se tornou evidente desde o primeiro dia da sua actividade como chefe do Governo» — escreve em crónica de Lisboa o «Long Island Press».

Na crónica salienta-se que Marcello Caetano «liberalizou a Imprensa quase imediatamente depois da sua chegada ao Poder» e que, mesmo quanto aos estudantes contestatários, ele adoptou «uma atitude flexível», em contraste com o rigor que anteriormente era norma.

Além disso — prossegue o «Long Island Press» — Marcello Caetano, através das suas «conversas á lareira», tem-se esforçado por «estabelecer mais íntimos contactos entre o Governo e a Nação», ao mesmo tempo que procura atrair capitais estrangeiros, «num esforço para elevar o nível da economia nacional».

Trinta e nove membros do júri distinguiram Maria Emília Rodrigues Pinto

VESTIDA DE «CERISE» PELA FUTURA SOGRA

MARIA EMÍLIA PINTO (DEZOITO ANOS A 4 DE MAIO) É «MAJA DE PORTUGAL 1969»

A que horas terminou a noite romântica das cinderelas?

Ana Maria Cerqueira, mal terminou a eleição, subiu ao segundo andar do Hotel Fénix, despiu o vestido «prata», poliu a mala e as luvas, trocou de sapatos e partiu com a mãe: a conquista de Lisboa por uma portuense.

De braço dado com o irmão, militar em férias, Ana Maria Freitas Dória desceu a Avenida da Liberdade e comprou bilhetes para o cinema. *«Não me torno a meter noutra»* — disse. (Ficou em sexto lugar, mas jogava com confiança absoluta).

Muito alta, cabelos tranquila, habituada a desfilar pelos salões, Maria Fernanda Rodrigues Pereira — vestido verde, brincos de filigrana — teve de contentar-se com o segundo posto: um quase êxito arrancado ao «sprint», em luta directa com Maria Helena Martins e Ana Maria Lourenço Marques.

Por falarmos em Maria Helena Martins, a ex-«Rainha do Sado» trazia o «flirt» a tiracolo. Um rapaz baixinho, de barbicha e pêra. Maria Helena (mini-vestido azul sobre blusa branca, meias cor-de-rosa) voltou para Setúbal no barco das cinco para as onze. *«Não tenho dinheiro para farras»* — explicou o acompanhante. Mas a apregoada falta de «massas» não o impediu de convidar um grupo de amigos da última hora para uma «matinée» em Setúbal, amanhã.

— *Levem mantimentos* — acrescentou. — *Aqui a Maria Helena não tem nenhum restaurante.*

— *Que faz ela no dia a dia?* — lembrou-se alguém de indagar.

O rapazinho da barbicha foi pronto e breve:

— *Agora que se desempregou é só concursista de beleza.*

As «estrelas» votaram

Expliquemos, afinal, como se processou o sistema de eleição da «Maja de Portugal-1969». O «Diário de Lisboa» e a Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha) reuniram ontem, nos salões do Hotel Fénix, um grupo de convidados que funcionou como júri absolutamente soberano.

Fialho Gouveia apresentou as candidatas ao magnífico passeio a Espanha, as raparigas que, ultrapassadas sucessivas eliminatórias, tinham atingido o último degrau para o título de «Maja de Portugal-1969». Faltaram, por motivos particulares (noivados, namoros, negócios de «conversados») três das apuradas. Mas as doze que compareceram iriam desfilar com extrema elegância e confirmar os méritos que as tinham levado até à jornada decisiva. E enquanto decorria o «cocktail» fazia-se a votação: o mais democràticamente possível.

Cada convidado (logo: cada votante) tinha ao seu dispor dez pontos que distribuía por um máximo de três candidatas. E os votos começaram a tombar na urna, perante os aplausos de quem gostou de ver, ali mesmo ao alcance de um sorriso, o Solnado ou o José Viana, a Florbela ou a Milu, a Dora Leal ou o Américo Coimbra, o Tony de Matos ou o Carlos Cruz, a Maria José Balão ou a Mafalda Sofia, o Carlos Lacerda ou o Fernando Lopes, Baptista Rosa ou a escritora Maria Judite de Carvalho, nossa camarada de trabalho.

A pontuação das concorrentes

Maria Emília Rodrigues Pinto conseguiu 180 pontos. Depois classificaram-se Maria Fernanda Rodrigues Pereira (89) e Maria Helena Martins (86).

A pontuação máxima (10 votos) foi atribuída por sete convidados: uma vez a Ana Maria Lourenço Marques e duas a cada uma de três outras concorrentes — Maria Emília Rodrigues Pinto, Maria Fernanda Rodrigues Pereira e Maria de Lurdes Barata.

Além de ter obtido 180 pontos, Maria Emília Rodrigues Pinto foi também a candidata mais distinguida: recolheu votos de 39 membros do júri.

— *Acho que vai ganhar a mocinha do xaile* — previa Damasceno Covão. — *Jogou com uma arma que agrada aos convidados da «Ibéria».*

Esta manhã a menina do xaile dir-nos-ia não imaginar que no júri estivessem tantas individualidades espanholas. Desde o adido aeronáutico da Embaixada ao próprio conselheiro da Informação e Turismo, desde os correspondentes em Lisboa de vários jornais espanhóis — «Ya», «Vanguardia», «Pueblo», «ABC», «Diário de Barcelona» — a uma delegação da Rádio Nacional e da TVE, desde o conselheiro económico da Embaixada à senhora de D. António Besada, director-geral da Ibéria em Portugal. Dir-nos-ia a menina do xaile:

— *Não me apetecia levar casaco. Por isso, quando ia a sair de casa, deitei a mão do xaile.*

Até certa altura a «coisa» esteve intrincada. Mas de repente o arranque foi decisivo. E Maria Emília Rodrigues Pinto (nascida a 4 de Maio de 1951) foi eleita «Maja de Portugal-1969».

— *Quando ia a entrar no Hotel Fénix, de braço dado com o meu namorado* (João Paulo, desenhador) *tive um impulso para desistir. Achei que a reunião era muito «chique», que havia candidatas lindas. Cheguei a sentir vergonha. Afinal...*

Afinal Maria Emília entrou. O namorado ficou à porta. E a rapariguinha de Cascais (um metro e sessenta de altura, cabelos castanhos, olhos também castanhos) venceria concludentemente o concurso.

— *O vestido (de cor «cerise», não é como se diz?) foi feito pela minha sogra.*

Emenda rápidamente:

— *Futura sogra. O nome? Maria Fernanda Clemente Frazão dos Reis.*

A seguir:

— *Não caso tão cedo. Bem vê: o meu rapaz ainda nem foi à tropa...*

«E eu nem sequer jantei...»

Maria Emília (55.700 kg) gosta muito de viajar, mas nunca andou de avião nem saiu do Continente.

— *Sonho com grandes passeios. Sou uma sonhadora...*

Nunca tinha aparecido em concursos deste estilo. Quando a festa acabou, derreada, com dores de cabeça e um bocadinho nervosa, correu para casa, à Rua Joaquim Ereira, em Cascais, e meteu-se na cama.

— *A mãe não queria acreditar que eu vencera. O meu pai fartou-se de rir. E eu nem sequer jantei...*

Elas

Ana Maria Lourenço Marques (sapatos prateados, vestido florido), Ana Maria Ramires Ferreira (cabelo puxado para cima, mala prateada, vestido verde e sapatos cinzentos) e Maria de Lurdes Oliveira Barata (vendedora de livros da Bertrand: *«tenho de colocar quarenta contos por mês»*) ficaram amigas e foram dar um pé de dança ao «Relógio». Ermelinda Maria Ferreira (brincos pingentes de prata) ficou separada de Maria São José Melro (saia azul, blusa branca, figura fresca) e de Ana Maria Cerqueira apenas por um voto.

— *Chegar à final já é um pequeno triunfo* — dizia depois.

Maria Fernanda Rodrigues Pereira e Gisela Larrière Cardoso (cabelo cortado muito curto, penteado nada recomendável para o estilo de «Maja») fizeram grupo aparte:

— *Quando é que voltam a fazer outro concurso?* — interrogava Maria Fernanda. — *Não fiquei desanimada. Pelo contrário, talvez me torne reincidente...*

E abalou para a Avenida de Roma, enquanto Maria Luísa Martins (amarelo-laranja combinado com branco-branco) ficava um pouquinho desanimada:

— *Pensei que tam fazer um interrogatório. Indagar coisas sobre o Goya. Falar-se de Espanha. Andei a preparar-me...*

Vantagem do concurso: muito boa gente falou de Goya, *espreitou-lhe* a biografia e a obra. E no meio desses curiosos uma jovem ganhou um título. E uma viagem que esteve quase a fugir-lhe da mão.

— *Ainda bem que entrei...* — diz-nos Maria Emília Pinto. — *Agora, ao ataque!*

O noivo também sorri.

NEVES DE SOUSA

D. Milagros Besada, esposa do director da Ibéria, coloca a «pei neta» e a mantilha de «Maja de Portugal-1969» em Maria Emília Pinto. Aos lados, as concorrentes classificadas nos lugares imediatos: Maria Helena Martins (3.ª) e Maria Fernanda Pereira (2.ª)

As finalistas receberam, das mãos de Mafalda Sofia, discos da «Belter». Também a «Sonoplay» anunciou que, as concorrentes com dotes vocais, podem gravar para a sua etiqueta musical.

Além de diversas prendas oferecidas pela Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha) todas as jovens receberam orquídeas do conhecido Augusto Florista (do Mercado de 24 de Julho).

José Viana e Raul Solnado, dois dos onze populares intérpretes do nosso teatro responderam à chamada dos «cadernos eleitorais»; e, entre os apinhados da assistência, exercem o seu direito de voto

«A CIDADE E AS SERRAS» EM EDIÇÃO RENOVADA

A edição das Obras de Eça de Queirós, nos Livros do Brasil, prossegue em bom ritmo, para que o público não venha a sentir a falta desses volumes que marcam uma carreira literária magnífica, das mais altas de toda a nossa literatura.

«A Cidade e as Serras» foi a primeira obra publicada depois da morte de Eça de Queirós. Ele reviu-a apenas até determinada altura. Depois foi o amigo Luís de Magalhães, que seria ministro dos Estrangeiros com João Franco, que tomou, a pedido de Ramalho Ortigão, o encargo dessa revisão.

Os estudiosos e admiradores de Eça de Queirós recebem agora a surpresa de uma edição de «A Cidade e as Serras» revista cuidadosamente pelo original do autor. Por ele se verifica que a revisão dos amigos fora, em dados pontos, longe demais. «Mas será que a boa amizade dos seus companheiros não ficou só no preenchimento de lacunas, e alterou, no intuito de o melhorar, o próprio manuscrito?», pergunta a dr.ª D. Helena Cidade Moura na nota final aposta a esta edição.

O manuscrito existe, as edições anteriores também se encontram e a evidência impõe-se. Mas, finalmente que temos uma edição da autêntica obra de Eça de Queirós.

Os editores juntaram-lhe uma carta de Eça de Queirós para a esposa, datada de Santa Cruz do Douro, de 2 de Junho de 1898, em que o escritor fala da sua Tormes, daquele ambiente que daria «A Cidade e as Serras».

Edição cuidada, graficamente, com a capa de Lima de Freitas.

NOVA EMBAIXADA DA BÉLGICA EM LISBOA

Chega a Lisboa, na segunda-feira, dia 12 e 40, por via aérea, o sr. René Paris, novo embaixador da Bélgica em Portugal.

O sr. Paris, de 57 anos era, até há pouco, embaixador do seu país em Tunes, após uma brilhante carreira diplomática.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Colecção Educativa
"Um livro palpitantemente vivo, recheado de esclarecedores esquemas e ilustrações, redigido em linguagem a que sem particular esforço acede o grande público"
DR. J. SEABRA DINIS
psicologia recreativa por O. PLATONOV
Perfeito manual do saber moderno sobre a ciência da psicologia, este livro é um complemento indispensável a "As Prodigiosas Vitórias da Psicologia Moderna" do Prof. Pierre Daco
DO ÍNDICE
Volumes publicados na Colecção PSICOLOGIA PEDAGOGIA
Maria Montessori:
— A CRIANÇA (em reimpressão)
Pierre Daco:
— AS PRODIGIOSAS VITÓRIAS DA PSICOLOGIA MODERNA - I 40$00
— AS PRODIGIOSAS VITÓRIAS DA PSICOLOGIA MODERNA - II 60$00
Hadwidade Correia:
— O FILHO ÚNICO E O SEU AMBIENTE FAMILIAR 30$00
O. Platonov:
— PSICOLOGIA RECREATIVA 60$00
PORTUGÁLIA EDITORA

3 EDIÇÕES EM 10 MESES
1.ª edição Maio 1968
2.ª edição Outubro 1968
3.ª edição Março 1969
MORAES editores

TODO O ANO À SUA DISPOSIÇÃO
A PRAIA E A PISCINA DO TAMARIZ
Instalações Balneares do Estoril
BALNEÁRIOS E CABINES com duches de água quente e fria
RESTAURANTE · SNACK-BAR
Informações: telef. 261665-263512

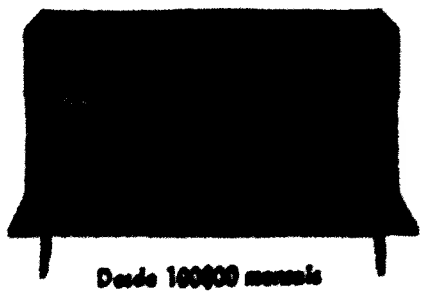
CHOCOLATES TAGOL'S
BARREIRO - LISBOA - QUELUZ

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

TELEVISORES GRAVADORES DIVAPORES RADIOS TELEVISORES GRAVADORES

Grande Campanha de Vendas

GRUNDIG



Desde 100$00 mensais

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91-A

sem entrada • sem fiador

BANCO DE ANGOLA

S. A. R. L.

Capital Esc.: 275.000.000$00

Sede — Rua da Prata, N.º 10

DIVIDENDO DO EXERCICIO DE 1968

10 %

Avisam-se os Srs. Accionistas de que, em todos os dias úteis a partir de 14 do corrente (inclusivé) se encontra a pagamento o dividendo, em epigrafe, na Sede deste Banco-Serviço de Títulos — na Filial do Porto e em qualquer das suas Dependências na Metrópole.

Para regularidade do serviço, pede-se o favor de utilizarem recibos próprios consoante a natureza das acções e, no caso de acções **ao portador registadas**, as fazerem acompanhar do duplicado das declarações de registo em seu poder

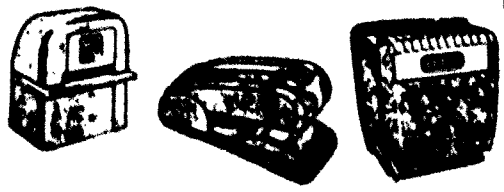
Lisboa, 11 de Abril de 1969

ITR

EQUIPAMENTOS DE CONTROLE DE TEMPO

RELÓGIOS BATEDORES DE PONTO CARTÕES MÃO DE OBRA ETC.

Anteriormente comercializados sob a marca I B M



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

J. GONÇALVES, Lda

53 32 70-4 70 06

LISBOA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede — Rua do Comércio, 85 — Lisboa

Capital 250.000 contos

DIVIDENDO DE 1968

São avisados os Srs. Accionistas que a partir do dia 14 de Abril e até 13 de Maio próximo, se encontra a pagamento o dividendo relativo ao exercício de 1968, na sede da Companhia e no Banco Totta-Aliança, Lisboa, em todos os dias úteis das 10 às 13 e das 14.30 às 16 horas, excepto aos Sábados.

No Porto o pagamento efectuar-se-á na nossa Sucursal, Rua Infante D. Henrique, 63, e na Filial do Banco Totta-Aliança, na forma estabelecida.

Passado este prazo, os pagamentos só se efectuarão às Quartas-Feiras, nos serviços da Companhia, onde também são exclusivamente pagos os dividendos em atraso.

Lisboa, 10 de Abril de 1969.

A ADMINISTRAÇÃO

Agora sim: acabaram-se os apertos lá em casa!

«Comprei uma GRANJA NOVA ODIVELAS, com 5 mil metros quadrados de terreno, mandei construir uma casa moderna e funcional, e agora minha família e eu nadamos em espaço e felicidade!»

— Faça como o sr. Alberto Gomes da Costa e tantos outros clientes da GRÃO-PARÁ que nestes últimos 20 dias adquiriram mais de 40 «Granjas» em NOVA ODIVELAS — e seja feliz a vida inteira!

70 ESCUDOS POR M² PAGOS EM 4 LONGOS ANOS!

PARA VISITAS OU INFORMAÇÕES BASTA TELEFONAR PARA

IMOBILIÁRIA CONSTRUTORA **GRÃO PARÁ** S.A.R.L.

AV. INFANTE SANTO, 56-A • TELFS. 661036 - 661869 - 672953 • LISBOA

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«LUANDA» a sair em 24 de Abril	Com escala por LEIXÕES para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES. Carga de 17 a 22 de Abril.
«PÁTRIA» a sair em 4 de Maio às 12 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carga de 25 a 28 de Abril.
«BENGUELA» a sair em 6 de Maio	Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SAÁNRE, LUANDA, PORTO ARROIOS, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carga de 1 a 4 de Maio.
«LOBITO» a sair em 17 de Maio	Com escala prévia por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carga de 11 a 15 de Maio.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 30 de Maio às 12 horas	Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carga de 24 a 28 de Maio.
LINHA DA AMERICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 28 de Abril e em 27 de Maio às 10 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, PUERTO SPANISH TOWN, S. JUAN PUERTO RICO, LA GUAIRA e CURAÇAU.

Chame-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagem

LISBOA — Rua do S. Julião, 89 — Telef. 30 [illegible]

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 3 — Tel. 2[illegible]

O caso de Alverca: mistério total

Não foi esclarecida ainda a identidade do homem encontrado morto, em 29 de Março passado, numa vala da Quinta das Drogas, em Alverca do Ribatejo, nas circunstancias que noticiámos.

Quem se lembra deste casaco de malha, com as bandas cosidas?

A Polícia Judiciária pede mais uma vez a colaboração do publico para o fornecimento de dados que possam conduzir ao esclarecimento do mistério.

Qualquer pessoa que tenha notado ausência estranha de familiar, amigo ou conhecido, medindo cerca de 1,66 m de altura, magro, de cabelos escuros e idade aparente entre os 30 e os 45 anos, trajando casaco de malha tipo «jersey» cinzento cor de chumbo, com as bandas cosidas nos pontos assinalados na fotografia junta, camisa branca, camisola de malha grossa verde-azeitona clara e sapatos de pala castanhos, deverá participá-lo, quer á Polícia Judiciária — pessoalmente, por escrito ou pelos telefones 53 31 31 e 53 53 80 — quer a quaisquer autoridades locais.

O mesmo apelo se faz, em especial, aos barbeiros que se recordam de ter atendido

Quem foi o barbeiro que fez este corte de cabelo?

um homem com as características indicadas, uma vez que se julga que a vítima tenha cortado o cabelo poucos dias antes do crime.

Começaram hoje em Oeiras os Seminários de Biologia para jovens

Dez estudantes universitários inauguraram, hoje, no Centro de Biologia da Fundação Gulbenkian, em Oeiras, os seminários de Biologia que aquele Centro promove para estudantes do ensino superior.

Como foi anunciado, cada seminário ocupará a manhã (das 9 e 30 ás 12 e 30) de todos os sábados até ao fim de Maio e consta de uma introdução teórica sobre o assunto em estudo e demonstração e execução dos métodos utilizados.

O seminário de hoje foi dedicado ao tema: «A aplicação da microscopia electrónica em Biologia». Outros se seguirão: dia 19: «Microscopia de contraste de fase e microscopia de fluorecencia»; dia 26, «A cultura de tecidos em Virologia»; dia 3 de Maio, «A organização ultrastrutural da célula»; dia 10, «A anatomia dos virus»; dia 17, «Tumores induzidos por virus»; dia 24, «Separação de fracções celulares»; dia 31, «Estrutura e função da pele».

Cada seminário comporta apenas dez participantes e, neste momento, todos os seminários têm já o máximo de inscrições. No entanto, o Centro de Biologia da Fundação Gulbenkian vai repetir estes seminários que despertaram muito interesse junto dos estudantes universitários.

As inscrições para essa «segunda série» podem ser feitas pelo telefone 2431454, das 14 ás 17 e 30 ou para «Seminários de Biologia — Laboratório de Biologia Celular — Instituto Gulbenkian de Ciência — Oeiras».

Confraternização anual dos empregados do B. N. U.

Com o mesmo objectivo dos anos anteriores (homenagear os empregados que completaram 40 e 50 anos de serviço) realizou-se hoje a festa anual de confraternização dos empregados do Banco Nacional Ultramarino.

O programa começou a ser cumprido ao fim da manhã, com uma palestra do dr. Manuel Duarte Pereira sobre «O Centro Electrónico e a gestão das dependências». Ao principio da tarde, realizou-se uma visita ao Centro Electrónico do B. N. U. que há dias foi inaugurado, seguindo-se missa na igreja de São Paulo, celebrada pelo rev. Francisco Antunes Santana, por alma dos membros dos corpos gerentes e dos empregados já falecidos.

A sessão de homenagem aos empregados mais antigos (38 no total, sendo 21 com 50 anos de serviço e 17 com 40) decorrerá ao fim da tarde, no Casino do Estoril onde, ás 21 horas, se realiza também o jantar de confraternização.

Tomaram parte nas cerimónias da festa o governador e vice-governador do B. N. U., respectivamente, dr. Francisco José Vieira Machado e D. Luís Pereira Coutinho, assim como os membros do conselho fiscal e direcção e cerca de mil empregados.

VIDA RELIGIOSA

Cerimónias na III Igreja Evangélica Baptista

A Terceira Igreja Evangélica Baptista de Lisboa, Rua Filipe Folque n.º 56-B (ao Saldanha), promove, no domingo, as seguintes actividades: ás 10 horas, escola biblica com classe para crianças, jovens e adultos; ás 11, culto devocional e, ás 21 e 30, culto de pregação do evangelho, com mensagem pelo pastor da igreja e hinos pelo coro.

A entrada é livre.

Culto Evangélico

Na II Igreja Baptista de Lisboa, á Rua Pau de Bandeira, 22 A, efectuam-se, amanhã, os seguintes serviços religiosos: ás 10 horas, escola bíblica dominical; ás 11, culto devocional e, ás 21 culto de evangelização, com mensagem pelo dr. José António Marques.

O Benfica ao ataque na 4.ª etapa do «Prémio Riopele»

ESMORIZ 12 — (*Do nosso enviado especial*) — Decorridos 45 dos 168 quilómetros da 4.ª etapa do Grande Prémio Riopele, os corredores passaram em Esmoriz em pelotão compacto. A etapa tem sido, no entanto, muito animada pelos constantes ataques do Benfica, aos quais o Sporting tem respondido bem.

Externato Sá de Miranda

Hoje, ás 15 horas, a Direcção e o Corpo Docente do Externato Sá de Miranda reuniu-se com os Encarregados de Educação dos Alunos da Secção Primária.

Esta reunião, que é a 3.ª do corrente ano lectivo, teve por fim dar conhecimento do rendimento escolar obtido e do plano de actividades escolares e circum-escolares para o 3.º período lectivo. Foram também discutidos outros assuntos de interesse para os alunos.

CHEGOU MORTO AO HOSPITAL

A sr.ª Herminia de Jesus Vieira Félix, de 45 anos, de Pedrógão, Torres Novas, e residente no Alto de S. João, em Lisboa, comunicou á P. S. P. que seu irmão, sr. António Vieira Félix, pintor de construção civil e residente no Caminho do Alto de S. João, 3-A, se encontrava no interior da residência e não respondia a qualquer chamamento: ela e os vizinhos não obtinham qualquer resposta, temendo, portanto, que ele estivesse doente. O oficial de serviço no comando distrital da P. S. P., no Governo Civil, participou o facto ao B. S. B., que enviou, então, ao local um piquete. Arrombada a porta, o sr. dr. António Félix jazia inanimado no interior. Conduzido ao Hospital de S. José chegou ali já morto. O cadáver seguiu para o Necrotério.

CONFRATERNIZAÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES DO I. E. S.

Alunos, diplomados e professores do Instituto de Estudos Sociais, reunem-se, amanhã, ás 14 horas, num almoço de confraternização que decorre na cantina dos estudantes de Agronomia.

ACESSO NORTE Á PONTE SALAZAR

Esta manhã, a partir das 9 horas, restabeleceu-se o trânsito, embora condicionado, no lanço da auto-estrada de acesso á Ponte Salazar afectado pelos grandes escorregamentos ocorridos em consequência das intensas precipitações verificadas no último Inverno.

ANTÓNIO CHAVES

HOMENAGEM A ANTÓNIO CHAVES

No Lisboa Clube Rio de Janeiro realiza-se esta noite uma festa de homenagem a António Chaves, conhecido vendedor de jornais. Intitulada «Grande Noite de Fado», nela actuam nomes como Francisco Martinho, António Rocha, Natalino Duarte, Alfredo Duarte Junior, Nuno de Aguiar, Manuel Henriques, José da Cruz, Manuel Bogalho, Joaquim Geraldes, Jorge Braga, Rogério Fernandes, Vítor Nunes, Luís Costa, Veríssimo Coutinho, Jorge Pereira, Odete Maria, Artur Batalha, Alfredo Teixeira, Américo Dias, João Silva, Jorge Dias, Leopoldo Amoedo, José Amoedo, António Coimbra, Vítor Santos, Arlindo Marinho, Lucília Rodrigues, Noémia Santos, Mira Teles, Manuel Novais, Aníbal Dias, Sérgio Artur, José Carlos, António Salazar, Mariana Silva, Esmeralda Amoedo, Judite Teixeira, Maria de Fátima, Amélia Maria, Adriana Franco e Maria Julia.

Também participa nesta festa, que será dirigida pelo popular artista Armando Fontoura, o famoso Carlos dos Jornais.

Um curso no Sindicato dos Profissionais de Serviço Social

A partir de amanhã e todas as segundas, quartas e sextas-feiras, decorre, no Sindicato dos Profissionais de Serviço Social, um curso com a duração de 42 horas, obedecendo ao seguinte programa: «Planeamento social a macro nível», pelo sr. eng.º Bruto da Costa, do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho; «Acção programada a nível de serviços», pelo sr. eng.º Myre Dores, da Profabril; «Serviço social e planeamento a macro nível», pela assistente social sr.ª D. Maria de Lurdes Medeiros, técnica das Nações Unidas. «Programação em serviço social de casos», pela assistente social sr.ª D. Maria Margarida Abreu, directora pedagógica do Instituto de Serviço Social de Lisboa; e «Programação em serviço social de grupo e comunidades», pela assistente social sr.ª D. Maria de Lurdes Medeiros.

As inscrições fazem-se na sede do Sindicato, na Calçada da Glória, 39 (telefone 366139), por 250 escudos (sócios) e 350 escudos (não sócios).

Serviço religioso pelo gen. Eisenhower

O serviço religioso por intenção do general Eisenhower que estava marcado para as 21 horas, do dia 14, no Shaare Tikva Synagogue, na Rua de Alexandre Herculano, 59, foi antecipado para as 20 horas.

As comemorações do aniversário do Coral dos Estudantes de Letras

COIMBRA, 12

Em prosseguimento das comemorações do XI aniversário da fundação do Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra, o director do afamado agrupamento artístico, sr. dr. Francisco de Faria, fez num anfiteatro da Faculdade de Letras uma conferência subordinada ao tema: «Possibilidades e alcance cultural de um coro universitário», que suscitou invulgar interesse.

Esta tarde, no Teatro de Gil Vicente, o Coral deu um sentação de Lopes Graça e da sua obra, pelo Círculo de Estudos Musicais; debate; actuação do Coro.

recital, oferecido a todos os estudantes pré universitários seguindo-se uma reunião de confraternização entre antigos e actuais componentes do Coral, na sala de ensaios da Tuna Académica, na sede da Associação Académica.

O problema das análises clínicas

Por despacho do ministro da Saude de 21 de Março foi constituída uma comissão presidida pelo dr. Rosa Paixão, inspector superior de Medicina da Direcção-Geral dos Hospitais, e formada por mais dois representantes da Ordem dos Médicos e dois da classe farmacêutica, a fim de estudar problemas relacionados com a execução das análises clínicas e cobertura hospitalar desta especialidade.

CONFRATERNIZAÇÃO DO PESSOAL DO «NOITE E DIA»

O pessoal do restaurante «Noite e Dia» reúne-se, amanhã, num almoço de confraternização, antecedido de um encontro amigável de futebol no campo do Palmense.

Merritt falou na Faculdade de Medicina

O célebre neurologista norte-americano Houston Merritt falou hoje de doenças cerebrais-vasculares aos seus colegas portugueses e a muitos alunos da Faculdade de Medicina de Lisboa cuja Aula Máxima quase encheu completamente.

Fez a apresentação do orador o prof. Almeida Lima, um dos membros da equipa que tratou o presidente Salazar. O prof. Merritt alcançou popularidade no nosso País, precisamente devido á sua vinda para observar o presidente Salazar, confirmando o diagnóstico e tratamento que os seus colegas portugueses haviam preconizado.

Assistiram á conferência de hoje — «Diagnóstico e tratamento de doenças vasculares-cerebrais» — o dr. Abreu Faro, presidente do I.A.C., vice-reitor da Universidade Clássica, prof. Kurt Jacobson, o director da F.M.L., prof. Virgílio de Morais e o embaixador dos E.U.A., Tardley Bennett.

O professor referiu-se ás doenças vasculares-cerebrais como das que mais vítimas causam na vida moderna, ilustrando isto com quadros e estatísticas; falou então das formas que essas doencas podem ter, o seu diagnóstico, tratamento e profilaxia.

Entre a assistência estava o dr. Vasconcelos Marques, o neuro-cirurgião que operou o presidente Salazar.

A vinda do prof. Merritt — que parte amanhã de regresso aos E.U.A. — é, como se sabe, a convite do Instituto de Alta Cultura.

FULMINADO POR UMA DESCARGA ELÉCTRICA

BARREIRO, 12 — Quando, ontem, de manhã, desligava um condutor eléctrico de alta tensão, na área do Lavradio, o electricista da Sociedade Industrial do Bonfim, Lda., sr. Carlos dos Santos Galhós, de 25 anos, casado, natural e residente nesta vila, na Praceta da Verberena, 5, 1.º, recebeu uma descarga que o fulminou.

Tanto no local, como no hospital, procuraram reanimá-lo, mas sem efeito. A descarga foi de morte.

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

VIDA POLÍTICA

● Ministro do Exército

Na quinta-feira vai a Abrantes o sr. ministro do Exército, que se reunirá com a oficialidade da II Região Militar e do Campo Divisionário de Santa Margarida.

EM TRÊS LINHAS

Foi criado o lugar de vice-presidente do Conselho Superior de Obras Publicas que será provido pelo ministro entre os directores-gerais, presidente da Junta Autónoma das Estradas, engenheiros inspectores gerais e inspectores superiores de obras publicas.

///

O dr. Osório Vaz, antigo governador civil de Lisboa, foi nomeado delegado do Governo junto do Metropolitano de Lisboa.

EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

Sede: RUA DO BOLHÃO, 72-3.° — PORTO **Delegação: AV. INFANTE SANTO, 15-1.° — LISBOA**

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

EXERCÍCIO DE 1968

SENHORES ACCIONISTAS:

Cumprimos o dever de apresentar à vossa consideração o Relatório, Balanço e Contas do exercício findo — e é sempre um dever grato de cumprir quando, como neste caso acontece, o balanço e contas, e o relatório, podem registar simultâneamente uma situação actual consolidada e uma expansão promissora, uma e outra enquadradas no inteiro domínio da orientação da gestão.

1 — Concessão e autorização de estudo

Nos termos do caderno de encargos da concessão geral de produção térmica da empresa, aguarda-se o seu alargamento em 1969 à central de Rio Maior — que se projecta realizar em regime de integração vertical do complexo mina-central, o que está facilitado pela recente publicação do Decreto-Lei n.º 48 828, de 2/1/69 — e também a próxima futura integração na concessão da primeira central nuclear cuja concretização, no seguimento da autorização de estudos dada à empresa, deverá agora verificar-se em relação com o plano de actividade geral promovido pela Junta de Energia Nuclear para o conjunto do sector.

Recorda-se também que a empresa detém já uma autorização de estudos para a segunda central térmica, a fuel-óleo, no Sul do País, a instalar em data oportuna em conformidade com as necessidades do planeamento da produção de energia eléctrica.

2 — Exploração

Foi a exploração da rede eléctrica nacional condicionada, em 1968, por uma fraca hidraulicidade especialmente nos primeiros meses do ano: os coeficientes de hidraulicidade relativos ao ano hidrológico e ao ano civil foram assim inferiores à unidade, cifrando-se respectivamente em 0,83 e 0,95, pelo que a produção térmica atingiu o maior valor de sempre. As centrais da empresa produziram no total 647,7 milhões de kWh — o que correspondeu a 11% da produção de energia eléctrica das empresas sob a disciplina do Repartidor Nacional de Cargas — cabendo 353,6 milhões de kWh à central da Tapada do Outeiro e 294,1 milhões de kWh à nova central do Carregado.

A primeira unidade desta central, com a potência de 125 MW, foi pela primeira vez ligada à rede em 26 de Janeiro de 1968 como anunciado no último relatório. Após um período de serviço experimental de certa duração, sempre necessário em instalações industriais complexas como são as centrais térmicas, foi o grupo posto à disposição do Repartidor Nacional de Cargas, em início de Abril para integração no apoio à rede nacional quando necessário, o que veio a verificar-se em Junho. A segunda unidade, também de 125 MW (a que adiante se fará mais desenvolvida referência), foi ligada à rede pela primeira vez em 11 de Outubro de 1968, tendo sido efectuados, desde então, os ensaios normais, e estando iminente, na ocasião de redigir este relatório, a sua entrega à disciplina de exploração do Repartidor Nacional de Cargas.

2.1 — Central da Tapada do Outeiro

O funcionamento desta central, como geradora, concentrou-se especialmente em dois períodos do ano: o primeiro, localizado nos meses de Janeiro e Fevereiro — em que se produziu cerca de 1/3 do montante anual da energia correspondente a esta central — e que foi motivado pela continuação da estiagem severa que se vinha verificando já em 1967; o segundo, localizado nos meses normais de estiagem (Julho a Outubro), em que se tornou igualmente necessário recorrer a esta central como medida para se poderem satisfazer os consumos com a necessária segurança. O tempo total de funcionamento da central, como geradora, elevou-se a 4 177 horas.

A energia eléctrica emitida para a rede de transporte da Companhia Nacional de Electricidade atingiu o valor de 317 milhões de kWh.

Deve-se igualmente salientar o papel que esta central desempenhou ao fornecer energia reactiva à rede — ajudou assim a manter os níveis de tensão dentro de limites convenientes, contribuindo notàvelmente para a melhoria da qualidade do serviço prestado — no montante global de 268 milhões de kVArh (valor da emissão) dos quais 150 milhões de kVArh emitidos aquando do funcionamento das máquinas como compensadores síncronos. Neste regime de funcionamento a central totalizou 4 379 horas.

2.2 — Central do Carregado

A maior parte da energia produzida nesta central foi fornecida pelo 1.º grupo (264,8 milhões de kWh) tendo o 2.º grupo apenas fornecido 9,3 milhões de kWh. No funcionamento do 1.º grupo podem distinguir-se três períodos distintos:

— O primeiro período, desde o primeiro paralelo até inícios de Abril, foi determinado fundamentalmente pelos ensaios próprios do arranque duma instalação desta complexidade e consequentes afinações e regulações. A energia produzida — cerca de 7% da sua produção anual — não implicou, todavia, descarregamentos turbináveis nos aproveitamentos hidroeléctricos tendo servido pois de apoio térmico antecipado.

— O segundo período (em que se produziram 267,4 milhões de kWh) iniciou-se em Junho e prolongou-se até Novembro e foi imposto fundamentalmente por necessidades de apoio à rede, tal como sucedeu com a central da Tapada do Outeiro.

— O terceiro período localizou-se no mês de Dezembro e embora com pequena produção — 2,4% da produção anual — o seu funcionamento foi determinado pela necessidade de apoiar a rede, e em especial a zona Sul do País, para efeitos de regulação de tensão e de cobertura da ponta do diagrama, problema que se reveste de acuidade nos meses de Dezembro e Janeiro.

De referir ainda que a energia útil emitida para a rede se cifrou em 277,3 milhões de kWh e que a energia reactiva produzida atingiu 83,5 milhões de kVArh.

3 — Central do Carregado — Construção

2.º Grupo

Concluiu-se a montagem no fim da estiagem de 1968, como previsto no relatório anterior, tendo já sido atrás referida a data da sua primeira ligação à rede (11 de Outubro).

O primeiro acendimento do gerador de vapor fora feito em 8 de Agosto. O serviço experimental tem-se processado desde então, tendo sido facilitadas as condições de integração do grupo na rede, sempre nos períodos diurnos de maior carga, pela circunstância de, mesmo após findo o período de apoio em energia, ter sido necessária a contribuição da central do Carregado para melhorar as condições de regulação da zona Sul. Ficam por realizar as medidas de rendimento necessárias à recepção definitiva do equipamento que se adiaram para a próxima estiagem, porquanto, como já tem acontecido em diversos casos anteriores, não é oportuna a sua efectivação na estação húmida por se exigir um funcionamento contínuo demorado.

Ficaram assim praticamente concluídos os trabalhos de construção relativos à primeira fase (1.º e 2.º grupos), incluindo o cais do Tejo necessário à descarga do fuel-óleo a consumir na central.

Fez-se agora, em referência ao fim de 1968, uma comparação, quase definitiva, entre o custo real do investimento na primeira fase da central e o custo estimado em Junho de 1964, quando se elaborou o anteprojecto (orçamento que servia de base aos contratos de financiamento com o Banco Mundial e foi estabelecido com valores médios normais). Foi agora verificado que é reduzido o desvio em relação à estimativa inicial: encontra-se uma diferença da ordem de 5% o que merece registo pela envergadura do empreendimento e até porque nem todas as obras correram, na execução, isentas de dificuldades.

Este resultado — dado que a comparação é feita com preços de 1964, como se disse — é significativo como confirmação do interesse da aplicação dos rigorosos critérios de gestão que têm vindo a ser seguidos.

3.º Grupo

Tendo sido decidida a execução do 3.º escalão da central, inscrito no 3.º Plano de Fomento, de harmonia com as necessidades de evolução do consumo, rectificou-se o projecto do 3.º grupo e passaram-se as principais encomendas de equipamento electromecânico aos fornecedores que apresentaram condições de preço mais interessantes, tendo sido também possível obter boas condições de financiamento externo a longo prazo.

Apesar de o financiamento obtido estar directamente ligado às referidas adjudicações trata-se, na realidade, de um financiamento puro que, embora apresentado em concorrência antes da decisão de adjudicação, em nada condicionou os preços feitos no concurso prèviamente aberto (ainda sob as regras do Banco Mundial e cujos termos das propostas foram mantidos válidos com o acordo de todos os concorrentes).

Assim, não obstante ter havido alteração da origem do crédito — visto que anteriormente houvera financiamento do Banco Mundial, para a 1.ª fase da central — temos a grande satisfação de poder informar os Senhores Accionistas de que as novas condições financeiras, juros e amortizações, não são menos interessantes que as daquele Banco. Por outro lado, foi possível — dentro das regras de preferência constantes do concurso — incluir nos fornecimentos uma forte participação da indústria nacional, na prática a nível semelhante ao verificado em anteriores adjudicações, como sempre tem sido critério, intransigentemente seguido, de procurar conciliar os interesses próprios da empresa com os interesses da economia nacional em geral.

A experiência adquirida com a 1.ª fase da central permitiu ampliar a intervenção da engenharia portuguesa no estudo e projecto da 2.ª fase, quer no que se refere aos serviços próprios da empresa, quer no que se refere a gabinetes nacionais especializados, facto que igualmente nos apraz registar.

Adjudicou-se durante o ano a obra de construção civil correspondente à 2.ª fase da central cujos trabalhos tiveram início no mês de Agosto e se vêm desenvolvendo a ritmo satisfatório.

Foram também abertos concursos para as fundações especiais de mais dois reservatórios de fuel-óleo, de 20 000 t e para a estrutura metálica e de revestimento da sala das máquinas, relativa ao prolongamento da central.

De acordo com o programa de trabalhos estabelecido, em conformidade com o planeamento nacional de novos centros produtores, espera-se que a nova unidade possa entrar em serviço na estiagem de 1971.

4 — Estudos de novas centrais térmicas clássicas

4.1 — Central de Rio Maior

Concluiu-se o estudo complementar do jazigo de lignite, tendo sido completada uma importante campanha de sondagens geológicas, conduzida sob a orientação e com activa participação da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos. Efectuou-se também a correspondente campanha de análises de lignite, com a participação activa da Direcção-Geral dos Combustíveis.

Fez-se igualmente o estudo hidrogeológico da bacia mineira e o estudo geotécnico do terreno de fundação da central.

Efectuou-se em Outubro uma missão de estudo à Alemanha, com a participação de qualificados técnicos da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, a fim de se tomar contacto com os problemas ligados à exploração a céu aberto de importantes minas de lignite (que no referido País asseguram cerca de 30% da produção de energia eléctrica).

Conduziu-se um inquérito junto dos construtores de equipamento mineiro mais representativos, apoiado em visitas a fábricas e a minas em exploração.

Tendo em consideração, por um lado, as necessidades de novas centrais térmicas e, por outro, os condicionamentos ainda pendentes de resolução no que se refere à integração vertical das concessões mina-central térmica, pensa-se que a central de Rio Maior poderá vir a entrar em serviço na estiagem de 1974. Nestas condições, vai dar-se seguimento ao respectivo programa de trabalhos.

4.2 — Ampliação da central do Carregado

A evolução dos consumos da rede eléctrica nacional tem-se feito, como é sabido, a uma taxa de aumento anual da ordem dos 10 a 11%, excepcionando o ano de 1968 que acusou nítida recessão. O planeamento de novos centros produtores deve acompanhar, consequentemente, a expansão do mercado energético e integrar centrais hidráulicas e centrais térmicas dentro do equilíbrio energético-económico mais adequado (isto é, por razões técnicas, económicas e até financeiras).

Tendo em consideração pois as necessidades de expansão do sistema produtor térmico nacional daí decorrentes, preocupa-se a empresa com o seu próprio planeamento e procura estudar soluções que técnica e economicamente sejam as mais vantajosas.

Nestes termos, tendo em vista as necessidades de expansão a curto prazo, estão os Serviços Técnicos da empresa a concluir o estudo da possibilidade de ampliar a central do Carregado para 6 grupos geradores, totalizando 750 MW, ampliação essa que representa pois mais 50% de potência instalada em relação à potência inicialmente programada. É importante notar que a referida ampliação, pelo que aproveita das infra-estruturas actuais (designadamente terreno, acessos, escritórios, armazéns, oficinas e circuito hidráulico bem como facilidades e infra-estruturas correspondentes ao abastecimento de fuel-óleo e à ligação à rede eléctrica nacional) representará uma solução deveras económica, sobretudo quando comparada com o investimento global necessário à construção de uma nova central térmica que venha a ser instalada em outro local do País.

A convicção do interesse económico da ampliação da central agora em estudo (a homologar oficialmente em termos de extensão da concessão da central, o que se irá requerer) é outro motivo de satisfação no exercício da função informativa do relatório para os Senhores Accionistas — e por isso se desejou que a notícia fosse revelada, em primeira mão, por este meio — e é certamente motivo de louvor aos Serviços Técnicos da empresa, em especial ao seu Director, que aqui nos apraz exarar.

4.3 — 2.ª central térmica a fuel-óleo do Sul

Concluíram-se os estudos de prospecção do local da Ponta das Corvas, perto da Base Naval de Alfeite, o qual se reconhece com interesse para a implantação de uma futura central térmica com características semelhantes às da central do Carregado. Na devida oportunidade se concretizarão as diligências necessárias à realização do empreendimento, no seguimento dos contactos já estabelecidos com o Estado-Maior da Armada.

5 — Estudos com vista à primeira central nuclear

No prosseguimento do inquérito feito no mercado internacional para uma central de 300-350 MW, fez-se uma primeira análise das respostas recebidas, estando em curso de elaboração o respectivo relatório.

(Continua na página seguinte)

EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da pág. anterior)

Como nos anos anteriores, deu-se particular atenção às relações, neste domínio, com entidades especializadas estrangeiras, tendo-se acompanhado com assiduidade a actividade do grupo de trabalho nuclear da UNIPEDE.

Prevê-se que a colaboração com a Junta de Energia Nuclear se venha a acentuar ainda mais, no âmbito da esclarecida orientação que presidiu à sua recente reorganização. Já a empresa foi chamada a colaborar nos estudos que estão a ser empreendidos pela Junta, e agora há motivo para prever uma concretização — designadamente com base no relatório entregue em 1966 para apreciação superior — da realização da primeira central nuclear que deverá caber à empresa na oportunidade adequada, em função das necessidades da rede eléctrica e demais condicionamentos de ordem nacional.

6 — Tarifas, receitas de exploração

Os consumos permanentes de energia eléctrica, que até Outubro se vinham a processar a uma taxa de crescimento, relativamente ao ano anterior, da ordem dos 11,2%, vieram a registar uma quebra no último trimestre pelo que, no conjunto dos doze meses, o acréscimo se cifrou em 10%, superior portanto ao verificado no ano transacto (9%).

Tal como no ano anterior, a partilha das receitas da venda de energia pelo «pool» das empresas da rede primária foi estabelecida por despacho do Senhor Secretário de Estado da Indústria de 31 de Janeiro de 1969, por força do estabelecido no § 2.º do art. 4.º do Decreto-Lei n.º 46 917, de 27 de Março de 1966.

7 — Abastecimento de combustíveis

7.1 — Central do Tapada do Outeiro

Por despacho do Senhor Secretário de Estado da Indústria de Junho de 1968, foi fixada em 200 GWh a produção mínima da central da Tapada do Outeiro no ano de 1968, tendo sido possível consequentemente acordar com as minas abastecedoras um contingente de 170 000 toneladas para o ano transacto. A recepção cifrou-se, no fim do ano, em 155 200 toneladas, das quais 79 700 toneladas foram entregues pela Companhia das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova e as restantes 75 500 toneladas pela Empresa Carbonífera do Douro.

Em face dos consumos verificados (283 600 toneladas), a reserva do parque baixou das 491 700 toneladas no início de 1968 para as 363 300 toneladas no fim do ano.

Para 1969, e apesar de os contratos com as minas terem sido denunciados já em 1966 pelas empresas fornecedoras, prevê-se que o abastecimento se venha a cifrar em 170 000 toneladas dentro das regras estabelecidas nesses contratos as quais continuamos a aplicar sem prejuízo da sua denúncia.

7.2 — Central do Carregado

O abastecimento de fuel-óleo à central do Carregado, que se cifrou em 76 600 toneladas, processou-se em 1968 ao abrigo dum regime provisório que permitiu a intervenção do Fundo de Abastecimento na regularização do preço daquele combustível. Consumiram-se na central 71 100 toneladas, entrando o restante na composição da reserva existente.

Em Agosto de 1968, por despacho conjunto dos Senhores Secretários de Estado do Comércio e da Indústria, foi definido o princípio de concessão duma autorização de importação de fuel-óleo a esta empresa e esclarecido que seria extensivo a outras centrais da empresa o sistema de preço que vigorasse para a central do Carregado.

Finalmente, por despacho de 16 de Dezembro de 1968, o Senhor Ministro da Economia determinou que cessasse a intervenção do Fundo de Abastecimento na regularização do preço de fuel-óleo devendo no entanto providenciar-se no sentido de os preços que vierem a ser praticados não onerarem os encargos variáveis da produção térmica. Em face destas disposições oficiais, já requereu esta empresa — e obteve — alvará para importação especial de fuel-óleo, nos quantitativos previstos como necessários para 1969, estando a procurar conseguir condições de abastecimento que se enquadrem na orientação estabelecida, por via legal e administrativa, quanto à política nacional da energia, designadamente com vista à não oneração dos custos de produção.

Apraz-nos registar neste lugar a boa colaboração prestada pelas empresas fornecedoras do fuel-óleo, SACOR e SONAP, a qual permitiu — não obstante o carácter provisório do regime vigente em 1968 — que fossem supridas as dificuldades a ele inerentes.

8 — Financiamento de 1968

Ao dar-se nota, no relatório anterior, da previsão do financiamento para 1968, indicou-se um valor de 390 000 contos que, por uma questão de ordem, visava igual montante do investimento.

Este, porém, sofreu uma redução por causas já apontadas noutros pontos do relatório e assim não foi necessário que os financiamentos para investimentos atingissem o montante previsto. Houve com efeito uma diminuição do ritmo de utilização dos empréstimos do Banco Mundial por não se ter chegado à verificação das condições necessárias para efectuar a recepção provisória dos equipamentos electromecânicos do 2.º grupo da central do Carregado.

Em Outubro, foi assinado um contrato de empréstimo da ordem de 2 600 000 libras, ou seja cerca de 180 000 contos, com a organização Lazard Brothers & Co., Ltd., de Londres, em representação dum grupo de bancos britânicos, para efeito do financiamento, em condições interessantes, da parte principal do equipamento electromecânico — gerador de vapor e turbo-alternador — do 3.º grupo do Carregado. No exercício não chegou, porém, a ser feita qualquer utilização deste empréstimo.

Os financiamentos efectivamente realizados foram, segundo as suas fontes, os seguintes:

Acções — Procedeu-se à emissão prevista do 7.º aumento de capital de 120 000 contos, realizado em duas prestações de 50% cada uma.

Crédito externo — A utilização dos dois últimos empréstimos do Banco Mundial foi de 138 460 contos.

Autofinanciamento — As subvenções recebidas para investimento, nos termos do Decreto-Lei n.º 46 031, atingiram 18 183 contos e dos fundos gerados internamente foram utilizados, para igual efeito, 24 777 contos.

Desta forma, o financiamento total do ano foi de 301 420 contos.

9 — Plano de financiamento para 1969

Como habitualmente, indica-se o programa de investimentos para 1969, com base no qual se prevê e estabelece o recurso aos meios financeiros.

Os empreendimentos a realizar e os respectivos valores a investir, foram calculados conforme a seguir se indica, depois de tidos em conta os mais recentes estudos do planeamento da produção de acordo com a evolução dos consumos:

Central da Tapada do Outeiro:	
3.º grupo (conclusão de pagamentos)	17 000 contos
Central do Carregado	
1.º grupo (pagamentos em relação com as recepções definitivas)	72 000 contos
2.º grupo (pagamentos em relação com recepções provisórias)	71 000 contos
3.º grupo (construção civil e equipamentos)	112 000 contos
Central do Rio Maior:	
Estudos e estaleiro	8 000 contos
Total	280 000 contos

Estudados os meios de fazer face ao investimento acima referido estabeleceu-se um programa de financiamento composto da seguinte forma:

Acções (utilização, no exercício, da emissão a efectuar no valor de 120 000 contos)	80 000 contos
Crédito externo	154 000 contos
Autofinanciamento (subvenções para investimento nos termos do Decreto-Lei n.º 46 031 e utilização de fundos próprios)	46 000 contos
Total	280 000 contos

10 — Colaboração aos órgãos colectivos da Indústria

Continuou a empresa a dar a sua colaboração activa aos órgãos colectivos da indústria, que, no ano findo, desenvolveram franca actividade no sentido de uma coordenação dos problemas comuns.

Continuou o Repartidor Nacional de Cargas — de que esta empresa é membro da Comissão Directiva — a desempenhar com acerto e eficiência o seu papel de coordenador da exploração das centrais da rede eléctrica nacional. Igualmente, no âmbito da rede primária, é de registar um intenso esforço, e sensíveis progressos, no sentido duma mais eficiente acção de convergência de propósitos, como é indispensável, o que, no ano findo, se pode traduzir designadamente pelo bom entendimento verificado no seio da Comissão Técnica de Exploração da Rede Primária e pelo estudo e conclusão dum plano de contas comum para as respectivas empresas que vai passar a ser adoptado, já em 1969.

Também foi notável a actividade desenvolvida pelo Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade em especial no que se refere às negociações que levaram, no fim do ano, à assinatura, em conjunto com os sindicatos interessados, do Contrato Colectivo de Trabalho do Pessoal da Indústria da Electricidade. Deste documento, que consagra princípios inovadores nesta matéria no nosso País e que foi fruto de demoradas e laboriosas negociações, muito há a esperar, no futuro, no que se refere às relações, que se desejam harmoniosas, entre as entidades patronais e os seus empregados.

Continuou também a sua acção altamente meritória o Centro de Formação Profissional tendo sido lançados os cursos de aperfeiçoamento profissional do 2.º grau.

11 — Acção Social

Dentro do espírito de plena coordenação que consideramos indispensável firmar na rede primária, concretizou-se uma forma de acção social, do maior alcance para o pessoal, com a criação dos serviços médicos da empresa enquadrados na organização já existente. Com efeito, com a melhor compreensão da Hidro-Eléctrica do Cávado e da Companhia Nacional de Electricidade, optou-se pela extensão dos seus serviços médicos ao nosso pessoal, respectivamente na zona Norte e na zona Sul, em lugar de criar toda uma nova estrutura de serviços privativos, solução que permitiu, além de outras vantagens, atingir os objectivos de ordem social em vista com sensível economia, no aproveitamento, aliás, dos esquemas da Previdência Oficial.

Fica assim o pessoal a contar com um apoio clínico e de enfermagem e de assistência medicamentosa e hospitalar, em condições mais favoráveis — dada a participação da empresa nos encargos.

12 — Balanço e resultados do exercício

Ao proceder à apreciação das contas é sempre aconselhável dispor de algumas notas de esclarecimento de certas rubricas e valores e do critério seguido quanto à sua apresentação. (*)

Começa-se por referir o aspecto de equilíbrio económico com que se desenvolveu o exercício e também a solidez da situação financeira que ressalta da análise das contas, parecendo oportuno dizer que os compromissos e encargos imediatos da empresa encontram, nos saldos das contas de Caixa e Bancos, os meios necessários para lhes fazer face. O desenvolvimento do programa de financiamento apresentado atrás — obedecendo como habitualmente a uma política de utilização de meios adequados às necessidades que se vão apresentando — permite encarar com tranquilidade, embora atentamente, as naturais preocupações que se suscitam sempre na realização dos programas anuais duma empresa, como esta, em fase de marcada expansão e intensa actividade.

No Activo Disponível apresenta-se um valor de 89 959 contos.

Dado o elevado valor que representa a conta de Existências, e seguindo na esteira dos relatórios anteriores, impõe-se a necessidade de dar a conhecer as principais parcelas em que se desdobra e que, fundamentalmente, respeitam ao considerável volume de combustíveis em parque e ao custo das peças de reserva que a natureza do serviço das centrais obriga a ter à disposição.

Assim temos:

— Carvão	60 157 contos
— Óleos combustíveis	26 376 contos
— Peças de reserva	7 088 contos
— Material de consumo corrente e diversos	8 536 contos

Parece de interesse salientar, por comparação com o balanço anterior, a subida verificada no montante do Activo Imobilizado, como significativo da marcha da empresa nas suas realizações de investimento e da correspondente intensidade de trabalho realizado.

O acréscimo verificado de 351 180 contos, que eleva o investimento a 1 999 355 contos, está em relação com a aproximação da conclusão da 1.ª fase da central do Carregado (1.º e 2.º grupos).

No Passivo Exigível a Curto Prazo, figura em Contas Correntes (saldos credores) um montante bastante elevado em relação ao exercício anterior. A diferença corresponde essencialmente à última prestação das encomendas de equipamento e empreitadas para o 1.º grupo da central do Carregado, cujo vencimento tem lugar na data da recepção definitiva, isto é, decorrido o prazo de garantia, depois das instalações terem sido entregues à empresa. O valor correspondente a estes pagamentos será coberto na sua maior parte pela utilização de empréstimos a longo prazo, visto que se trata de investimentos financiados pelo Banco Mundial.

A posição dos empréstimos revela, por comparação com o balanço anterior, a amortização de 13 876 contos dos empréstimos internos, conforme previsto nos respectivos planos, e a elevação de 138 460 contos nos empréstimos externos (Banco Mundial) correspondente à utilização destes, no decurso do exercício em apreciação. No mesmo período pagaram-se as anuidades de amortização de empréstimos anteriores da entidade financiadora referida, no montante de 13 513 contos.

A necessidade de cobertura de impostos respeitantes ao exercício, ainda não liquidados, leva à constituição da provisão de 3 500 contos, valor que se teria que considerar insuficiente se a utilização da provisão anteriormente constituída não tivesse deixado o saldo de 1 429 contos. A necessidade da provisão resulta, aliás, mais evidente se compararmos o desenvolvimento da conta Lucros e Perdas de 1967 e 1968 em que se nota uma redução no pagamento de impostos daquele para este ano.

Também em virtude do intenso trabalho a que foram submetidas as nossas instalações de produção de energia da Tapada do Outeiro e do Carregado, impõe-se a constituição de uma provisão de 4 000 contos para conservação e reparação. Esta providência é indiscutível em face da natureza dos encargos da produção térmica, tal como se encontram oficialmente considerados: é através dos encargos variáveis (e não dos fixos) que têm de ser pagas as despesas de conservação e reparação e,

(*) Como já se referiu nos relatórios anteriores, as contas da empresa estão a ser examinadas pelos auditores Barton & Mayhew & Co. que acompanharam os nossos serviços com regularidade.

(Continua na página seguinte)

EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da pág. anterior)

portanto, é do maior ou menor funcionamento das centrais que resulta a obtenção dos meios para efectuar os trabalhos necessários que normalmente têm de se realizar durante o exercício seguinte.

Aparece este ano no balanço a conta Subvenções Recebidas para Investimento que substancialmente representa a que tem figurado como Dotação para Investimento nas contas respeitantes a exercícios anteriores. Trata-se de uma alteração de designação em seguimento da orientação definida no estudo da uniformização dos planos de contas das empresas da rede primária, a que atrás se fez já referência. O montante desta conta atinge 143 336 contos, cabendo ao exercício findo a quantia de 18 183 contos. Deixam de figurar no balanço os valores de compensação de reintegração e de reconstituição do investimento visto que a conta de Subvenções Recebidas passa a figurar pelo seu valor líquido por débito, da própria conta, das compensações devidas.

O saldo da conta de Exploração é de 102 572 274$33.

A conta de Lucros e Perdas acusa o lucro líquido de 50 325 242$24 que, adicionado ao saldo de 476 733$92 que transitou do exercício anterior, perfaz o total de 50 801 976$16.

Entende-se que deverá ser de 5% o dividendo a distribuir, dentro das possibilidades do apuramento dos resultados e na compreensão do que constitui, na conjuntura actual, uma justa remuneração do capital accionista numa empresa da natureza da nossa.

Nestes termos, temos a honra de propor que ao saldo da conta Lucros e Perdas seja dada a aplicação seguinte:

— Para Fundo de Reserva Legal	2 517 000$00
— Para Dividendo (80$00 por acção — capital de 600 000 contos)	48 000 000$00
— Para Conta Nova	284 976$16

13 — Considerações finais

Antes de concluir este relatório, apraz-nos deixar registado quanto nos congratulamos por que se tenham desenvolvido em inteira normalidade os importantes acontecimentos ocorridos na vida política do País, no ano findo, no seguimento da grave doença do Senhor Presidente Oliveira Salazar cujo sofrimento todos sentimos e por cujas melhoras formulamos os nossos votos. Ao Senhor Presidente do Conselho de Ministros apresentámos na ocasião da investidura, e aqui reiteramos, a expressão da confiança que depositamos no exercício da sua acção governativa.

Ao manifestarmos ao Governo da Nação o nosso reconhecimento por todo o apoio dispensado à empresa, é-nos grato destacar o interesse com que a nossa actividade foi seguida, mais directamente, por razões de ordem funcional, pelos Senhores Ministros de Estado e das Finanças — actuais e anteriores titulares das pastas — e pelos Senhores Ministro da Economia e Secretário de Estado da Indústria, assim como pelo Senhor Subsecretário de Estado do Tesouro, não esquecendo igualmente o anterior titular deste alto cargo. Merece referência especial a visita que o Senhor Secretário de Estado da Indústria se dignou fazer à central do Carregado, após a ligação à rede do seu 2.º grupo, em demonstração concreta do seu muito interesse pelo nosso trabalho.

Agradecemos também aos departamentos oficiais, com que mais directamente contactamos, todo o apoio dispensado, sendo de individualizar, em relação ao ano findo, na Presidência do Conselho, o Secretariado Técnico e a Junta de Energia Nuclear (designadamente através da novel Direcção-Geral dos Combustíveis e Reactores Nucleares Industriais), e igualmente, as Direcções-Gerais dos Serviços Eléctricos, dos Combustíveis, de Minas e Serviços Geológicos, a Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais e outros departamentos do Ministério da Economia, e também a Inspecção-Geral de Crédito e Seguros e outros departamentos do Ministério das Finanças, e ainda os principais departamentos dos Ministérios das Obras Públicas, das Comunicações e das Corporações e Previdência Social.

Destacamos também, com reconhecimento, as facilidades concedidas pelo Banco de Portugal quanto à orientação das operações de crédito externo e bem assim todo o apoio prestado pelas instituições da Banca Comercial com que trabalhamos.

Ao Conselho Fiscal desejamos significar os nossos agradecimentos pelo criterioso e franco apoio que sempre nos dispensou.

A terminar, é inteiramente justa uma palavra de louvor pela dedicação dispensada pelo pessoal e pela sua compreensão, cada vez mais necessária, do verdadeiro conceito de empresa.

Porto, 7 de Março de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Fernando Ivo Gonçalves — Presidente
Francisco Alberto Corrêa Figueira, pela C.ª El.ª do Alentejo e Algarve — CEAL
Pedro Manuel de Oliveira Reis, pela C.ª Nacional de Electricidade
Armando Stichini Vilela, pela Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal — SACOR

BALANÇO, RESULTADOS DO EXERCÍCIO E CONTA DE EXPLORAÇÃO

Balanço em 31 de Dezembro de 1968

ACTIVO

DISPONÍVEL			
Caixa	1 289 055$90		
Bancos	88 670 665$59	89 959 721$49	
REALIZÁVEL			
Participações Financeiras	1 306 600$00		
Contas Correntes (Saldos Devedores)	57 460 944$84		
Existências	102 157 598$71	160 965 143$55	
IMOBILIZADO			
FIXO			
Valores Afectos à Concessão:			
Central da Tapada do Outeiro	812 252 365$96		
Central do Carregado	805 327 734$14		
	1 617 580 100$10		
Reintegrações:			
Central Tapada do Outeiro	116 900 084$89		
Central do Carregado	15 959 374$70	— 133 859 459$59	1 484 720 640$51
Valores não Afectos à Concessão:			
Edifícios	14 283 834$30		
Material de Estaleiro	2 812 021$30		
Material de Transportes	1 936 941$30		
Móveis e Utensílios	9 681 342$42		
Bibliotecas	619 646$50		
Instalações	968 297$80		
Outras	49 131$50		
	30 351 214$92		
Reintegrações:			
Edifícios	285 676$70		
Material de Estaleiro	443 232$30		
Material de Transportes	983 587$22		
Móveis e Utensílios	2 720 635$05		
Biblioteca	151 960$56		
Instalações	134 063$79		
Outras	8 936$81	— 4 728 065$42	25 623 149$50
DE TRANSIÇÃO			
Imobilizações em Curso	340 636 424$58		
Estudos para a Central de Rio Maior	2 177 156$00		
Estudos para a 1.ª Central Nuclear	8 264 496$57		
Estudos para Novos Centros Produtores	356 372$10	351 434 453$94	1 861 708 248$95
			2 112 713 107$00

CONTAS DE ORDEM

Cauções Estatutárias	300 000$00	
Garantias Bancárias	158 865 960$08	
Material Encomendado	570 506 637$20	
Créditos Abertos	300 942 898$75	1 030 615 496$03

PASSIVO

EXIGÍVEL A CURTO PRAZO			
Contas Correntes (Saldos Credores)	150 773 134$22		
Juros de Obrigações a Pagar	3 105 986$85		
Obrigações Sorteadas	3 394 000$00		
Dividendos a Pagar	273 774$47	157 496 897$94	
EXIGÍVEL A MÉDIO E LONGO PRAZO			
Obrigações	144 020 000$00		
Financiamentos:			
— Empréstimos Internos	128 735 964$20		
— Empréstimos Externos (Banco Mundial)	727 308 133$41	856 044 097$61	1 000 064 097$61	1 157 560 994$95
SITUAÇÃO LÍQUIDA			
INICIAL			
Capital		720 000 000$00	
ACUMULADA			
Fundo de Reserva Legal	9 234 000$00		
Fundo de Estabilização de Dividendos	11 500 000$00		
Reconstituição do Investimento	8 155 464$96		
Provisões:			
— Conservação e Reparação	7 205 464$96		
— Impostos	4 929 000$00	12 134 464$96	41 023 929$92	
CONDICIONADA			
Subvenções Recebidas — Para Investimento		143 336 206$94	
ADQUIRIDA			
Lucros e Perdas:			
Saldo de 1967	476 733$92		
Lucro do Exercício	50 325 242$24	50 801 976$16	965 162 113$94
			2 112 713 107$00

CONTAS DE ORDEM

Credores por Cauções Estatutárias	300 000$00	
Credores por Garantias Bancárias	158 865 960$08	
Credores por Material Encomendado	570 506 637$20	
Credores por Créditos Abertos	300 942 898$75	1 030 615 496$03

O CHEFE DA CONTABILIDADE

Júlio Ribeiro

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Fernando Ivo Gonçalves — Presidente
Francisco Alberto Corrêa Figueira, pela C.ª El.ª do Alentejo e Algarve — CEAL
Pedro Manuel de Oliveira Reis, pela C.ª Nacional de Electricidade
Armando Stichini Vilela, pela Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal — SACOR

(Continua na página seguinte)

EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA

Desenvolvimento da Conta «LUCROS E PERDAS»

EXERCICIO DE 1968

DÉBITO		
Despesas Gerais		5 137 087$03
Taxas, Contribuições e Impostos		6 391 471$29
Encargos Financeiros		39 224 650$61
Provisões (Constituição):		
— Impostos		3 500 000$00
Reintegração de Valores não Afectos à Concessão:		
— Edifícios	285 676$70	
— Móveis e Utensílios	1 019 711$10	
— Biblioteca	49 571$90	
— Instalações	94 820$14	1 449 779$74
Saldo de 1967	476 733$92	
Lucro Líquido do Exercício	50 325 242$24	50 801 976$16
		106 504 964$33

CRÉDITO	
Saldo de 1967	4 0[illegible]$92
Exploração Eléctrica — Saldo	102 572 274$33
Resultados Diversos	550 898$31
Provisões (Utilização):	
— Impostos	2 821 000$00
Transportadores de Carvão c/ Exploração:	
— Pejão e Instalação de Desvio — Saldo	75 053$27
	106 504 964$33

O CHEFE DA CONTABILIDADE
Júlio Ribeiro

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Fernando Ivo Gonçalves — Presidente
Francisco Alberto Corrêa Figueira, pela C.ª El.ª do Alentejo e Algarve — CEAL
Pedro Manuel de Oliveira Reis, pela C.ª Nacional de Electricidade
Armando Stichini Vilela, pela Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal — SACOR

Desenvolvimento da Conta «EXPLORAÇÃO ELÉCTRICA»

EXERCICIO DE 1968

DÉBITO		
Combustíveis		103 627 695$18
Despesas Gerais de Exploração		18 430 118$53
Despesas de Conservação e Reparação		5 873 524$84
Provisões (Constituição):		
— Conservação e Reparação		4 000 000$00
Reintegrações:		
— Central da Tapada do Outeiro	19 758 046$00	
— Central do Carregado	14 363 437$20	34 121 483$20
Reconstituição do Investimento		2 736 673$52
Subvenções Recebidas:		
— Para Investimento		18 182 538$90
Saldo		102 572 274$33
		289 544 308$50

CRÉDITO	
Participação na Receita do «Pool»	289 544 308$50
	289 544 308$50

O CHEFE DA CONTABILIDADE
Júlio Ribeiro

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Fernando Ivo Gonçalves — Presidente
Francisco Alberto Corrêa Figueira, pela C.ª El.ª do Alentejo e Algarve — CEAL
Pedro Manuel de Oliveira Reis, pela C.ª Nacional de Electricidade
Armando Stichini Vilela, pela Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal — SACOR

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

No cumprimento das disposições estatutárias o Conselho Fiscal verificou, regularmente, as contas da empresa, tendo encontrado tudo em perfeita ordem.

A acção da Administração da empresa durante o último exercício caracterizou-se pela continuidade na realização, sem margem para reservas, das políticas e dos objectivos prèviamente fixados.

Deve assim concluir-se que a gestão tem sido conduzida em termos da maior eficácia em obediência aos interesses da empresa e ao interesse geral do País.

A forma clara e circunstanciada como o Conselho de Administração apresenta o seu relatório leva o Conselho Fiscal a entender dispensável assinalar qualquer facto em especial de entre aqueles que poderão ser considerados como mais significativos na vida da mpresa.

No entanto, não deseja o Conselho Fiscal deixar de secundar inteiramente as considerações oportunas e judiciosas constantes do relatório do Conselho de Administração quanto às naturais preocupações suscitadas pela doença do Senhor Presidente Oliveira Salazar.

Em conclusão, o Conselho Fiscal dá a sua concordância ao Relatório apresentado pelo Conselho de Administração e tem a honra de propor:

— a aprovação do Relatório, Balanço e Contas;
— que seja aprovado um voto de apreço pela acção do Conselho de Administração no período correspondente ao último exercício;
— que seja consignado um voto de louvor ao pessoal da empresa tendo em atenção o interesse manifestado no desempenho das suas funções;
— que se aprove a aplicação do saldo da conta de resultados proposta pelo Conselho de Administração.

Porto, 7 de Março de 1969

O CONSELHO FISCAL
Presidente
Agnelo Galamba de Oliveira
Vogais
José Nicolau Pires Correia — (Hidro-Eléctrica do Douro)
Manuel Magalhães Mexia — (Comp.ª das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova)

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65=100)

	2/4/69	11/4/69	Desvio %
GERAL	113,8	115,3	+ 1,6
[illegible]	111,1	112,4	+ 1,2
[illegible]	104,0	108,3	+ 3,4
[illegible]	94,6	99,1	+ 4,6
[illegible]	103,1	96,4	— 6,7
[illegible]	111,5	112,4	+ 0,8
[illegible]	108,7	113,2	+ 4,3
[illegible]	109,0	112,9	+ 3,6
[illegible]	98,5	111,1	+12,8

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO HISTORIADOR FORTUNATO DE ALMEIDA

NELAS, 12 — A Câmara Municipal deste concelho e a Junta de Turismo das Caldas de Felgueiras, em colaboração com o governador civil do distrito, promovem, no dia 15, cerimónias comemorativas do centenário do nascimento do historiador dr. Fortunato de Almeida.

As comissões de honra e executiva são presididas, respectivamente, pelo ministro da Educação Nacional e pelo presidente do Município.

Do programa constam: em Nelas, às 15 horas, conferência, no salão nobre da Câmara Municipal, pelo prof. dr. Manuel Lopes de Almeida; em Vilar Seco, às 16 e 30, descerramento de um busto e de uma lápida comemorativa na casa onde viveu e morreu o historiador; às 18 e 30, missa na igreja matriz e romagem ao túmulo do homenageado; e às 20 e 30, jantar no Hotel Urgeiriça.

Os Serviços Florestais e a morte da caça em Castro Verde

CASTRO VERDE, 11. — Segundo os técnicos dos Serviços Florestais, que aqui operam, o produto utilizado na desinfecção dos montados desta região é susceptível de se tornar mais tóxico com o aumento da humidade causado pelas chuvas.

Essa seria a explicação para a morte da caça que aqui assinalámos em notícia que levou aqueles técnicos a procurar o correspondente local do «Diário de Lisboa», esclarecendo que há já vários anos que empregam o produto em idênticas operações e desinfestação, sem que a respectiva toxicidade se tenha manifestado excessiva.

EXONERAÇÃO

Foi exonerado da presidência da Câmara Municipal de Alcoutim o sr. Luís Cunha.

DON FÉLIX GONZÁLEZ DEL RIVERO Y SANZ

(FÉLIX GONZÁLEZ DEL RIVERO, JUNIOR)

MASTER OF ARTS PELA UNIVERSIDADE DE EDIMBURGO

DIRECTOR GERAL DE DUN & BRADSTREET LUSITANA, LDA. (R. G. DUN & CO.)

PARA PORTUGAL CONTINENTAL E ULTRAMARINO

FALECEU

NO DIA 1 DE ABRIL DE 1969 EM CASABRANCA (MARROCOS)
VÍTIMA DE ACIDENTE DE AUTOMÓVEL

Seus aflígidos pais Don Félix González del Rivero y Kiffer (director-geral jubilado de R. G. Dun & Co. para Portugal Continental e Ultramarino) e Doña Juana Sanz Garcia de González del Rivero, sua irmã Doña M.ª del Carmen González del Rivero y Sanz de Olivié e marido Dr. Don Manuel Olivié González e filhas M.ª de Las Mercedes e M.ª del Carmen Olivié e González del Rivero, seus tios Don Francisco Sanz Garcia e esposa, primos e mais família, os Altos Directivos de Dun & Bradstreet, Inc., de New-York, U. S. A. e o pessoal dos Escritórios em Portugal e Espanha e respectivos Directores e Gerentes cumprem o doloroso dever de comunicar a seus amigos tão triste acontecimento e que o funeral se realiza no domingo, dia 13 de Abril de 1969, às 11 horas, da Igreja de São João de Deus, Capela A, para jazigo no cemitério do Alto de São João. Às 10,30 horas será rezada missa de corpo presente no referido templo.

AGENCIA SALGADO

MONÇÃO

JOSÉ LUÍS

FALECEU

Maria da Conceição Barbosa e família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido marido e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 13, pelas 9.30 horas, da Capela da casa mortuária do Hospital de Santa Maria, para o cemitério de Barbeita (Monção).

AGÊNCIA SALGADO

COMENDADOR

MANUEL JOSÉ CARVALHO

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Sua família, participa com profunda mágoa o seu falecimento e que o funeral se realize, amanhã, às 10 horas, da Igreja de S. João de Brito para o cemitério de Carvalheira — Terras do Bouro.

AGÊNCIA MAGNO — TELEF. 534167

COMENDADOR

MANUEL JOSÉ CARVALHO

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

PASTELARIA BENARD, participa o falecimento do seu sócio-gerente, Ex.mo Snr. Comendador Manuel José Carvalho e que o funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da Igreja de S. João de Brito para o cemitério de Carvalheira — Terras do Bouro.

COMENDADOR

MANUEL JOSÉ CARVALHO

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

OS EMPREGADOS DA PASTELARIA BENARD, participam com profundo desgosto o falecimento de seu patrão e amigo, Ex.mo Snr. Comendador Manuel José Carvalho e que o funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da Igreja de S. João de Brito para o cemitério de Carvalheira — Terras do Bouro.

COMENDADOR

MANUEL JOSÉ CARVALHO

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

PASTELARIA MARQUES, participa o falecimento de seu sócio-gerente, Ex.mo Snr. Comendador Manuel José Carvalho e que o funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da Igreja de S. João de Brito para o cemitério de Carvalheira — Terras do Bouro.

COMENDADOR

MANUEL JOSÉ CARVALHO

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

OS EMPREGADOS DA PASTELARIA MARQUES, participam com profundo desgosto o falecimento do seu patrão e amigo, Ex.mo Snr. Comendador Manuel José Carvalho e que o funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da Igreja de S. João de Brito para o cemitério de Carvalheira — Terras do Bouro.

Um folheto da C. P. sobre circuitos turísticos

A C. P. acaba de publicar um folheto alusivo aos serviços que a rede «Europa-bus» pode proporcionar aos turistas na presente temporada onde consta, além de uma descrição pormenorizada das excursões e circuitos portugueses, a relação de todas as linhas, circuitos e excursões nos outros países.

Pede folheto e esclarecimentos nas secções de informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos despachos centrais e nas agências de viagens.

GUILHERMINA DA SILVA INÁCIO

FALECEU

Ana da Silva Inácio da Costa, seu marido, filhos e restante família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua muito querida mãe, sogra, avó, irmã e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 13, pelas 12 horas, da Igreja de Santos-o-Velho, para o cemitério do Benfica.

AGÊNCIA BAPTISTA (FILHO)
Calçada da Tapada, 2 — Telefs. 638128-638884

DR. FÉLIX GONZALEZ DEL RIVERO JR.

FALECEU

O Presidente, a Direcção e os Sócios do Rotary Clube de Lisboa têm o desgosto de anunciar o falecimento do seu querido Amigo, consócio e membro da Direcção, Dr. Félix Gonzalez Del Rivero Jr. e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 11 horas da Igreja de S. João de Deus para o Cemitério do Alto de S. João.

dia a dia

HOJE PODE VER...

O FUGITIVO: UM CASO DE AMNÉSIA

APÓS UM INTERREGNO motivado pela Semana Santa, «O Fugitivo» volta à R. T. P., personificado, como se devem lembrar, por David Janssen na pele do dr. Richard Kimble. Neste episódio, que será transmitido cerca das 23 e 15, e se intitula «Um caso de amnésia», o dr. Kimble é vítima de uma explosão e é levado para um hospital, onde se verifica que tinha perdido, temporàriamente, a memória. Um psiquiatra convence-o de que podia ter sido ele o assassino da esposa. Richard Kimble hesita: irá entregar-se às autoridades, ou continuará a perseguir o verdadeiro criminoso?»

Jerry Hopper, o realizador desta série, reuniu, ao lado de David Janssen, os actores de Hollywood Betty Garrett, Ivan Dixon e Barry Morse.

David Janssen é (toda a gente o sabe) o fugitivo dr. Richard Kimble. Esta noite, o problema é a amnésia.

HARMONIA E BOM GOSTO

PELAS 18 E 50, France de Vasconcellos estará no pequeno «écran» com o seu programa de decoração «Harmonia e bom gosto». Hoje teremos imagens relativas á decoração e arranjos efectuados, nas Aldeias Melhoradas de Trás-os-Montes. Além disso, a autora-apresentadora do programa extrairá daí sugestões para a decoração de habitações das aldeias da região.

CIÊNCIA COLECCIONISMO AVENTURAS E FESTA BRAVA

«ENCICLOPÉDIA» versará o **«Projecto Mohole», ou seja, o sistema de preparação na crosta terrestre para reconhecimento dos segredos do nosso planeta.**

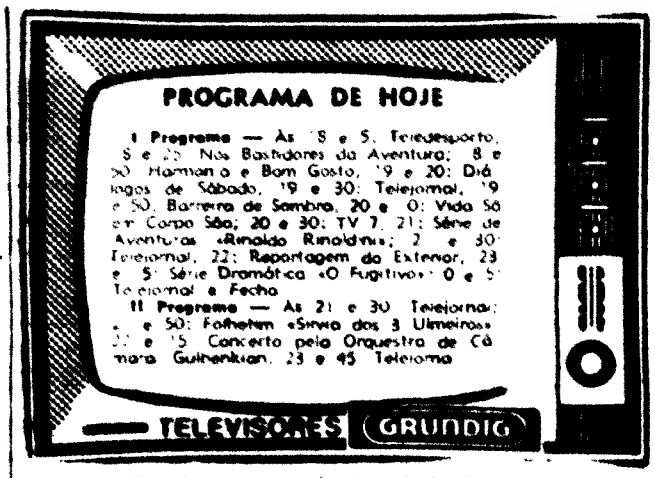
Logo de seguida, vem **«Clube dos Coleccionadores», um programa coordenado e orientado por Jaime Pinto Coelho que, desta vez, escolheu a interessante colecção de postais ilustrados de um coleccionador lisboeta.**

Pelas 18 e 25, com «Nos Bastidores da Aventura», seguiremos a preparação de cavalos para o Concurso da Escola de Guias de «Alta-Montanha». Cerca das 19 e 50, os aficionados da Festa Brava terão o programa «Barreira de Sombra» com amplo noticiário, reportagem da primeira tourada desta temporada no Campo Pequeno e outros temas de interesse. Coordenação e orientação de João Moreira.

A anteceder a 2.ª edição do Telejornal, vem um filme de aventuras de filiação germânica. Trata-se de mais um episódio da série «Rinaldo Rinaldini». «Serpentino, sucessor do marquês de Cavalcanti, utiliza Julieta como sua cúmplice e espia para captar a simpatia de Rinaldo para o vender ao ambicioso general».

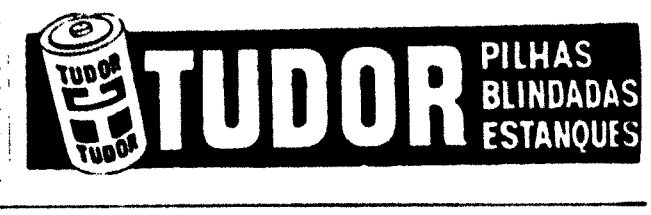
2.º PROGRAMA

TRANSMITE-SE esta noite o 3.º episódio de «Sílvia dos Três Ulmeiros», com Evelyn Dandry, Hélene Mausson, Fréderic de Pasqualle, Paul Ville e Patricia Jeantet, nos principais papeis. E termina a emissão de hoje com um concerto, já transmitido em 7-3-1968, pela Orquestra de Camara Gulbenkian sob a direcção do maestro Alvaro Cassuto. É solista Lila Lalavni. Inclui: de Mozart, Sinfonia n.º 18 e Concerto em lá maior para piano e orquestra; de Joly Braga Santos, Variações concertantes para orquestra de arcos e harpas; e ainda de Mozart, Sinfonia n.º 19, em lá maior. Este concerto foi realizado na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, por Luís Andrade.



AMANHÃ — **I Programa** — Às 12 e 15: Telejornal, 12 e 30: Missa de Domingo, 3 e 25: Concerto para Jovens; 14 e 0: Expedição; 14 e 35: Dia do Senhor; 15: Telejornal; 15 e 10: Desenhos Animados; 15 e 35: TV Educativa; 16: Daktari; 16 e 50: Passatempo Infantil — Grassot, 17 e 55: TV Educativa; 18 e 20: Informação Desportiva; 18 e 30: Folha e 9: TV Rural; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: TV Mundo, 21 e 30: Telejornal, 21 e 55: Folhetim «David Copperfield»; 22 e 25: Variedades, 23 e 25: Domingo Desportivo; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal, 21 e 50: TV 7, 22 e 15: Os Campeões, 23 e 10: TV Clube; 23 e 40: Telejornal e Fecho.



canal da crítica

A TELEVISÃO DESTE PAÍS FALA AOS PAIS SEM TELEVISÃO

Na rubrica «Nós e o Público», apêndice de «Cartas TV», referiu-se «Nós» aos esforços desenvolvidos por um grupo de pais no sentido de se melhorarem os programas infantis e juvenis.

«Nós» declarou que a produção de tais programas constitui grande preocupação da RTP. Elementar regra da convivência convida-me a respeitar aquela declaração. No entanto, não deixaria de ser boa táctica suportar a mesma declaração com suficientes provas. O que, infelizmente, não se fez. Por esquecimento, estou em crer. Que não tardará a ser oportunamente remediado.

Entretanto, a RTP acha que deve já principiar a alijar responsabilidades. E eis que salta «Nós», na convicção sem mácula que o caracteriza, com a afirmação de que a responsabilidade pertence aos pais: estes é que devem decidir do que aos pequenos deve ou não deve ser permitido ver-se...

Os pais, ao tomarem a iniciativa já conhecida, não enjeitam a responsabilidade, e por isso procuram levar á melhoria de programação. Com a sua argumentação, porém, a RTP, pela boca de «Nós» (enfim, cada qual fez da sua boca o uso que entendeu...) pretende dizer aquilo que, fundido em termos de compreensão aceitável, dirá mais ou menos o seguinte: compete aos pais deixá-lo ou não ao alcance dos pequeninos...».

Na verdade, é isto que há longos anos acontece. E é por este e por outros que muitas famílias não querem televisor em casa. Será essa a opção que a R. T. P. deseja suscitar?

O mais estranho é que tal argumento parte de quem possui o exclusivo da utilização da TV; parte de quem aufere dezenas de milhares de contos de lucro ao fim do ano, podendo, por isso, exercer uma relevante acção educativa; parte de um organismo do qual a nação portuguesa é, de longe, o principal accionista...

A RTP, porém, vai mais longe ao, em provinciano discursinho, ainda pela boca de «Nós», declarar que o juízo das crianças nem sempre coincide com o dos adultos, acontece que rubricas condenadas pelos adultos são do agrado infantil ou juvenil...

Que se pretende com isto? Procura-se a assinatura das crianças para que lhes sejam fornecidos elementos prejudiciais á sua alma, ao seu carácter, ao seu sentimento estético. Isto é tanto mais grave quanto é reconhecido por lei, a nulidade dos compromissos assumidos por menores. Quando apenas aos 21 anos se reconhece ao cidadão o direito a escolher os seus representantes no parlamento, como se declara o menininho capaz de escolher os seus heróis, os seus programas, as suas histórias televisivas?

Não oferece discussão que as preferências, as tendências das crianças hão-de ser estudadas e avaliadas — mas sempre com o propósito de defendê-las e nunca com o fim de as explorar e prejudicar. Nós sabemos como os gostos infantis se desenvolvem em função do meio em

(Continua na página seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 431 m — 665 kc/s — Às 16: Fim-de-semana; 18 e 05: Música de filmes; 18 e 15: Emissão infantil, por Madalena Patacho; 18 e 45: Vedetas Pop; 19 e 50: Música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 40: 35.º Episódio do Folhetim «A História da Cruz»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Música ligeira, 21 e 40: 2.ª Parte de um Serão realizado em Grandola; 22 e 30: Poesia, Música e Sonho, por Miguel Trigueiros; 23 e 05: Programa da noite, 2: Fecha.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 17: A Flor de pedra, suite de bailado (Prokofieff) — Orquestra da Suíça Francesa dirigida por Silvio Varviso; 18: Abraço da distância, por Goulart Nogueira; 18 e 20: Música de tecla, 19: O maestro Paul Kletzki — «Sinfonia Manfredo», op. 58 (Tchaikovsky) — Orquestra Filarmonia, 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de Arco; 20 e 30: Ciclo de Melodias — Cinco Poemas de Maria Stuart, opus 135 (Schumann) — solistas; 20 e 43: Poema Sinfónico; 21: Concerto preenchido com obras de Schubert, que tem a colaboração do soprano Jennifer Smith, do trompista Acácio Pestana, e do pianista Helena Matos; 21 e 31: Romance op 11 para violino e orquestra (Dvorak) — Issac Stern e Orquestra de Filadélfia sob a direcção de Eugene Ormandy; 21 e 45: «O gosto pela música pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 15: Música coral sinfónica; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecha.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 m/s — As 3: Mato de Versalhes de 1968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão — Televisão Francesa; 23 e 23: Intervalo — 7 Canções de Schubert pelo tenor Hugues Cuenod; 23 e 36: 2.ª parte — Obras de Purcell, Britten, Vivaldi, Corelli e Stamitz; 0 e 15: Música de Piano — Sonata n.º 3 em lá maior op. 20 (Schubert) — André Krust; 1: Fecha.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 9 e 0: Rádio Universidade.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 18: E a e o seu mundo, 18 e 20: A. L. Nyltrance; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Rabbialac, 19 e 30: Teatro trágico, 19 e 45: Rádio Jornal; 20: Nota de abertura, 20 e 15: Orquestras famosas, 20 e 30: Jornal dos Espectáculos; 20 e 45: Vozes que são êxito, 21 e 02: Sucessos; 21 e 15: Música tradicional e popular regional, 21 e 32: Impacto, 22 e 30: Quando o telefone toca, 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 07: A noite é nossa; 6 e 02: Diário matinal, 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 m/s — As 16: Da Philipps para si, 16 e 15: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 Gó Gó, 0 e 02: Alta Fidelidade Philips, 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor do Miramar — 434,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Elo e o seu mundo, 18 e 45: Presença Singer, 19 e 03: Miscelânea; 19 e 22: Sonata, 19 e 30: Rabbialac; 19 e 45: Vozes de Itália, 20 e 07: Rádio Piccard, 20 e 21: Norte da cidade, 21 e 02: Conjunto, 21 e 15: Só Rádio, 21 e 30: Produções Rádio Tudor, 21 e 45: Hora Luterana, 22 e 02: A orquestra de ... 22 e 15: O mundo de amanhã, ... e 30: Presença coimbrã, 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,7 m — 1286 kc/s — As 16: Radioramo, 18 e 03: Programa Sumol; 19 e 05: Música seleccionada; do S. C.; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando, 21: Verdade e Vida; 21 e 30: Música para o seu fim-de-semana, 21 e 45: Grande Plano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartas a ninguém, 22 e 45: Música variada, 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 6: Radioramo; 18: Sonadesporto, 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 03: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando, 21: Fecha.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 m/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 14 e 30 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 12 ás 14 e 30.

Posta-Restante

Nova abertura da nossa «caixa do correio». Mais respostas a leitores, às suas perguntas e reparos:

A. V. P. (Viseu) — «Pode-me explicar porque razão o programa «Nós as mulheres» inclui rubricas de medicina, quando a R. T. P. tem o dr. Ramiro da Fonseca em «Vida sã em corpo são»?»

Não está a ser justa. Atente bem nos temas que são focados nessas rubricas. Repare, também, que essas rubricas acabam sempre com o conselho sensato «mande chamar o médico...» E, além disso, não reparou, ainda, na razão fundamental e evidente da existência de tais rubricas?!

J. C. L. (Porto) — Não temos conhecimnto de que se realizem nos estádios do Porto quaisquer eudições para novos valores da música ligeira portuguesa. Inscreva-se directamente, por carta, no Serviço de Programas de Variedades, Alameda das Linhas de Torres, 95, Lisboa - 5. Esteja onde estiver, na sua devida altura será chamada.

A. N. C. (Lisboa) — Embora o leitor não aprecie a «Feira Literária» há outros que apreciam esta rubrica. Ao que parece, a R. T. P. tem de contar com outros telespectadores, além dos A. N. C. Não concorda connosco? Os autores, pelo menos, são desta opinião. Clarissimo!...

C. G. P. (Lisboa) — Tenha esperanças, que muito em breve (é quase certo) terá no emissor de UHF o folhetim que tanto apreciou: «David Copperfield».

L. C. S. P. (Porto) — Lenita Gentil estará, qualquer dia, no «TV Clube». Bairrista, hem? Até lhe podemos dizer que ela cantará, e muito bem, duas canções de êxito. Sabe quais são? «Céu de estrelas» e «Tu és quem és».

F. V. O. (Lisboa) — Ainda bem que gostou. Podemos dizer-lhe que a cenografia desse programa foi de Eduardo Lemos. Pode escrever-lhe directamente para a R. T. P. e felicitá-lo, como deseja.

M. T. P. (Santarém) — Num «play-back» não é forçoso dispensar-se a orquestra. Muitas vezes, por necessidade de realização, é necessário recorrer-se ao «play-back», todavia, anteriormente recorreu-se aos serviços dos músicos que gravaram os seus números e ganharam o seu «cachet» como se estivessem presentes no estúdio. Como vê, o «play-back», aparentemente detestado por certos artistas, não roubou «pão» ao músico português.

J. PIMENTA S.A.R.I.

ANDARES

AMADORA (FRENTE À ESTAÇÃO DO C. F.) E REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS ESPARGAL LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

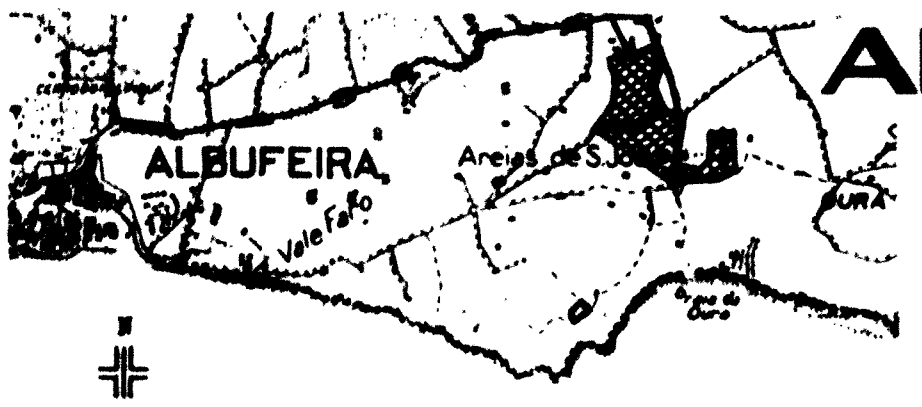
190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 · 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 80 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 86 70



ALGARVE

Na Aldeia Turística das Areias de S. João em Albufeira a 200 metros da magnífica praia da Oura

ALUGAM-SE VIVENDAS E APARTAMENTOS MOBILADOS

PRAIA DA OURA

APARTAMENTOS PARA VENDA

Compre um apartamento na zona mais valorizada do País. Explore de sua conta ou arrende à Organização obtendo um rendimento de 5,5% a 6% gozando ainda gratuitamente um mês de férias por ano

Preços desde 175.000$00

APARTAMENTOS

RESTAURANTE-BAR

SELF SERVICE

CAMPO DE TÉNIS

PISCINA

SAUNA

PISCINA

VIVENDA

SALA-RESTAURANTE

Tratar directamente com ALGARVE DEVELOPMENTS (Portugal) — EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS, LDA. — Telefone 39 — Apartado 7 — ALBUFEIRA

MACEDO E ARTUR RAMOS NO COLÓQUIO DO ABC

Na sede do ABC Cine-Clube de Lisboa (Rua Conde de Redondo, 20, 3.º, dir.) há hoje, pelas 18 e 30, o anunciado colóquio sobre o filme «*Quem tem medo de Virginia Woolf?*». Intervêm como orientadores os cineastas António de Macedo e Artur Ramos.

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

que vivem. Mas há normas, princípios, que podem ser tomados como podendo servir utilmente ao maior número das crianças.

Claro que, ficámos a saber, os programas infantis e juvenis constituem grande preocupação da RTP. Isto significa haver na RTP departamento especializado e responsável pela programação em causa. Muitos dos mal-entendidos desaparecerão no momento em que os componentes desse departamento se disponham a, publicamente, discutir as bases da sua actuação. Os pais com televisão em casa ficariam decerto muito satisfeitos se soubessem a quem poderiam dirigir-se.

Variedades (desculpem, não sei dizer «variedades» em alemão)

Do sector ocidental de Berlim nos veio ontem aquilo a que se chamou «a segunda parte» da grande gala do disco.

Chamem-lhe o que quiserem: segunda parte, ou primeira, ou nenhuma. Por mim, em velocidade adquirida, prefiro chamar-lhe «TV Clube alemão federal». «TV Clube» com alguns grandes nomes da pequena canção, que apareciam e desapareciam no esplendor mentirosamente dourado do seu meteorismo de 45 rotações...

Durante a primeira emissão desta «gala do disco» ou lá o que era, criticou-se ásperamente a televisão portuguesa por não se dignar prestar-nos o menor esclarecimento. Este julgamento tem de ser rectificado. Ontem, houve esclarecimento, houve legendas, houve tudo. É claro que as legendas, tal como os esclarecimentos, também eram em alemão. Lucrámos muito com a legendação alemã dos nomes das canções. Tem tanta graça, tanta, tantinha, a língua germânica! Fica tão bem nos nossos televisores. Aí são tão decorativos...

Finda aqui o meu sermão. Ainda vi essa miséria em episódios que dá pelo nome de «O Grande Vale», esse monumento à mais elementar falta de inteligência, de nexo, de originalidade. Será esta uma daquelas séries que «Nós» dizemos possuir grande audiência universal?

Vi essa miséria mas finjo que não, passo de largo. Crítico honrado não tem olhos.

M. C.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na café e cervejaria Sabino Faria, 18-A.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias do Largo, Misericórdia, Fun, Avenida da Rainha, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua da Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Sete Rios e Anjos, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ELEIÇÕES NO BENFICA

HOJE, DAS 15 ÀS 22 HORAS

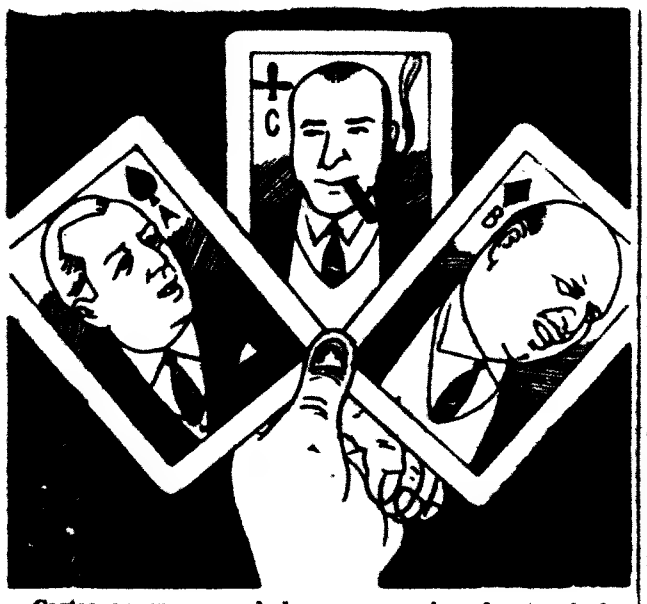
A partir das quinze horas de hoje o Benfica passou a escolher — com os seus sócios a exercerem o legal direito de voto — a direcção que, durante dois anos, irá guiar os destinos do clube.

Três listas se apresentam a sufrágio, todas encabeçadas por nomes respeitados e prestigiosos de dirigentes, acompanhados por outros homens que a colectividade, na grande maioria, conhece bem e admira. Dr. Borges Coutinho, Fernando Martins e Ramão Martins, são os «cavaleiros» em causa.

Depende, agora, dos sócios a sua eleição ou o seu afastamento.

O Benfica, com todas as suas responsabilidades de grande clube, pesará, através das necessidades, todos os prós e contras. Depois, decidirá.

Nuno da Académica, voltou a ser figura destacada no treino das selecções nacionais. Aqui o vemos a conduzir um ataque da equipa de «Esperanças»



Cartas na mesa: qual dos «ases» será o de «trunfo»?

ATLETISMO

SANCIONADO O REGULAMENTO GERAL COMPETIÇÕES E SUA ORGANIZAÇÃO

O subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, dr. Elmano da Cruz Alves, sancionou as alterações ao Regulamento Geral «Competições e sua Organização», aprovadas no último Congresso Extraordinário da Federação Portuguesa de Atletismo.

«Nacional» de basquetebol

Sporting e Desp. L. Marques —primeiros vencedores

Foi um êxito, a primeira jornada da fase final do campeonato nacional de basquetebol, que se realizou no Pavilhão da Ajuda, perante um público numeroso e entusiasta.

O primeiro jogo da noite pôs frente a frente os campeões de Moçambique e Angola, jogo esse que não teve história dada a supremacia dos moçambicanos em toda a partida. Sinceramente o desnível verificado entre a equipa angolana e as demais equipas participantes, pelo que nos foi dado observar, é muito acentuado.

Árbitros — A. C. Silva e Orlando Rebelo.

Ao intervalo: 39-23.

DESPORTIVO L. MARQUES (71) — Lopes (6), Runa (14), Pedro Carvalho (11), Lima (5), Alemão (7), Morgado (2), Vicente (17), Cruz (2), Alves (4) e Aurélio (3).

SPORTING LUANDA (39) — Carvalho (6), Barbosa (4), Guimarães (2), José Maria (2), Cardona, Macedo (4), Santos (2), José Santos (15), Barroso (2) e Guerreiro (2).

Belo jogo, o que se disputou entre o Sporting e a Académica. Iniciando a defender homem-a-homem os «leões» começaram por adquirir ligeira vantagem, para depois os estudantes equilibrarem a partida. Assim, o marcador passou de 2-0 favorável aos «leões» para 4-0, 4-2, 4-4, 7-7, 9-9 e 11-11, até ao quarto de hora, altura em que o Sporting se adiantou ligeiramente, acabando a primeira parte a vencer por 33-29. No reatamento, a dúvida quanto ao desfecho da partida persistiu até final se bem que quase com o Sporting sempre no comando, apesar de não estar a efectuar um bom jogo. Até que aos 10 minutos a Académica que vinha sendo a equipa mais certinha, conseguiu adiantar-se no marcador, com realce para Bagonha e Guy, dois elementos que tiveram grande influência, na reviravolta, passando a vencerem por 56-50, 56-51 e entraram nos 5 minutos finais a vencerem por 57-56. O Sporting sentindo o perigo nessa altura cresceu, e conseguiu passar para 57-56. A arbitragem lisboeta (não se percebe porque «apitaram» árbitros de Lisboa) que até então tinha tido bastantes irregularidades que prejudicaram ambas

(Continua na página seguinte)

ENSAIO PARA DUAS SELECÇÕES

A DÚVIDA CHAMA-SE TORRES

EXCESSO DE FUTEBOL DE «MEIO-CAMPO» E POUCO FUTEBOL DE ATAQUE

Ao fim da tarde (mas ainda com um sol quente, quente de anúncio de Verão) houve ensaio para as duas selecções nacionais de futebol que vão estar em acção na próxima quarta-feira: a equipa principal, que defrontará os suiços em Alvalade, e a de «esperanças» (jogadores com menos de 23 anos) que em Corentry (Inglaterra) terá de bater-se com as «esperanças» inglesas.

Pode dizer-se que teve aspectos agradáveis esta sessão de treino, no Estádio Nacional. Houve bons lances de futebol de uma e outra equipa; jogadores em evidência, num e noutro lado; despique interessante, quase sempre, entre as duas selecções que começaram por formar assim:

SELECÇÃO A — Damas; Conceição, Humberto, José Carlos e Hilário; Rolando, José Maria e Peres; Eusébio, Figueiredo e Jacinto João.

«ESPERANÇAS» — Fonseca; Barros, Caló, Murça e Murraças; Mário Campos, Pavão, Vítor Baptista e Nené; Camolas e Nelson.

Foi assim numa primeira parte em que a selecção principal marcou três golos, por Rolando, Figueiredo e Eusébio.

A nota saliente foi, todavia, o excesso de futebol de meio-campo e a penúria de lances de ataques. Isto aconteceu principalmente em relação à selecção de «esperanças», que se apresentou com quatro jogadores (quase todos bons jogadores, sem dúvida) numa linha intermediária, deixando muito sós na frente Camolas e Nelson. Poderá tratar-se de um plano que tem em conta a capacidade do futebol inglês, pretendendo-se «amarrar» o jogo a meio-campo. É possível que dê bom resultado pelo que se aceita com naturalidade essa ideia, para tal equipa e para tal jogo.

Simplesmente, parece estar a enraizar-se em todas as nossas equipas a tendência para esse futebol de muita gente junta, em jogadinhos de pontas sem nó. Bonitas jogadas, agradáveis triangulações, começam e acabam aí, a meio-campo, sem o rasgo respectivo, o golpe subtil a caminho da baliza. É verdade que há falta de bons avançados, mas mesmo quando eles lá estão... também recuam para o meio-campo. Onde, durante muito tempo, ficam agradàvelmente entretidos a passar a bola uns para os outros.

...Até na selecção principal, viu-se que Jacinto João também esteve muito preocupado com o meio-campo, e raramente foi o extremo que pode e sabe ser.

Na segunda parte do treino (menos significativa) houve alterações. Nas «esperanças» Rodrigues, o de Guimarães, ocupou a baliza (que não tardou a ceder a Vítor Cabral) passando a defesa a jogar com Murraças, Caló, Adriano e Murça, o meio-campo com Toni, Pavão e Nené, passando o ataque a ser de três: Diamantino, Nelson e Chico.

A selecção A passou a apresentar: Armando; Pedro Gomes Pinto, Joaquim Jorge e Carriço; Jacinto, Calado e Peres; Simões, Figueiredo e Jacinto João.

Em relação ao ataque da equipa que defrontará a Suíça, o problema chama-se Torres, jealousou-se no Brasil, não se treinou ontem e não se sabe quando o poderá fazer. Outro ausente foi Manuel António, devido às suas obrigações militares. Parece que não haverá problemas com os extremos: Simões e Jacinto João são duas «gamas» capazes de abrir qualquer defesa. Isto se o angolano do Vitória não for desviado dessa posição para reforçar mais... o meio-campo. Esperemos que não aconteça.

M. Z.

COMPREENSÃO PARA UM «RÉU»

Jacinto, futebolista e pai

Está concluído o inquérito instaurado pela direcção do Benfica ao jogador Jacinto que depois da «falsa partida» da equipa para o Brasil se afastou dos companheiros, não comparecendo, vinte e quatro horas depois, no aeroporto. E o Benfica seguiu sem o Jacinto, prevendo-se para este, severo castigo. Ao que parece, no entanto, as razões muito respeitáveis apresentadas pelo jogador (que é homem e é pai) serão tidas em devida conta.

Ontem, ao fim da tarde, Jacinto contava aos seus companheiros da selecção:

«Autorizado pelo sr. Otto, tinha ido levar a família ao Porto. Quando lá cheguei a minha filha adoeceu, com certa gravidade. Fiquei preocupadíssimo e assim continuei quando voltei para Lisboa a fim de entrar no estágio. Fomos para o aeroporto para seguir para o Brasil, mas houve aquela coisa da partida atlada. E como andava nervoso, cheio de preocupações, quando dei por mim ia a caminho do Porto...»

Jacinto disse-nos depois:

«Confio na compreensão dos dirigentes do Benfica. Reconheço que não agi mesmo mente, pois podia ter tratado do assunto de outra forma. Mas há momentos em que não é fácil ser sensato.»

«Quando dei por mim ia a caminho do Porto...»

O Jacinto-futebolista está confiado num «castigo leve». E o Jacinto-pai voltou a sorrir: A miúda felizmente, já está melhor.»

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilizou os comboios eléctricos

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

1.º GRANDE PRÉMIO RIOPELE

O SPORTING DOMINA — OS OUTROS ACEITAM...

O bom é inimigo do óptimo. Ontem o Sporting demonstrou isso mesmo. Conseguiu o bom na véspera — a vitória no Estádio das Antas e a camisola amarela para Emiliano Dionísio, mas a partir daí quedou-se na defesa legítima, dos seus interesses e esqueceu o óptimo: de aproveitar esta corrida em terrenos sempre planos para habituar os seus homens a um ritmo mais consentaneo com as suas reais possibilidades e até com as exigências que certamente para alguns deles, vão ser feitas na próxima Volta a Espanha. Porque, em boa verdade, quer os 130 quilómetros do Porto até Coimbra percorridos durante a manhã como os 110 que ligaram a cidade do Mondego a Aveiro foram vencidos mais em jeito de cicloturismo do que verdadeiramente com o ar de competição velocipédica.

É claro que o Sporting pela voz dos seus responsáveis poderá argumentar que á equipa apenas cabe defender a posição conquistada e que um ritmo de ataque irá provocar o maior desgaste entre os seus estradistas e poderá até dar azo a despiques internos sempre desaconselháveis.

E poderemos em princípio aceitar como válida essa presumível tese dos «eleões». Mas e os outros? Sim os outros, aqueles conjuntos que como o Benfica e o F. C. do Porto se têm votado ao mais completo conformismo ante a hegemonia evidenciada pela equipa verde-branca?

Com efeito nas duas tiradas de ontem, quer os benfiquistas como portistas apenas se limitaram a seguir «na roda» dos quatro, cinco e por vezes seis corredores sportinguistas que normalmente pedalavam na «cabeça» do pelotão. Nenhuma iniciativa, nenhuma rebeldia, antes uma crença profunda de impossibilidade, completamente inadmissível no desporto em geral e no ciclismo em particular.

E gloriosamente os «eleitos» que se têm observado na caravana devem-se, na generalidade, aos amadores da Coelima, o que levou um nosso camarada a observar muito judiciosamente, em Aveiro:

— Isto não é uma corrida de profissionais que admite amadores; é antes uma competição de amadores que envolve profissionais.

E que apesar das facilidades do traçado em que pareceu ter havido a preocupação de fugir aos terrenos acidentados — Jorge Lara afirmou ainda no Porto que, em sua opinião, os ciclistas portugueses precisavam era de rolar, pois nunca haviam ficado para trás na montanha. Isto em relação á Volta a Espanha — os participantes chegaram a Aveiro com assinalável atraso sobre a hora prevista, não cumprindo a média exigida de 38 km horários, em estradas, que nalguns troços mais pareciam pistas.

Voltando ainda aos homens do Sporting, inegávelmente que estes têm comandado a corrida a seu bel-prazer. Primeiro por equipas, individualmente e até na classificação das metas volantes, os sportinguistas limitaram a sua acção a impor o ritmo mais conveniente. Nada de aventuras nem de audácia. Economia de esforço? Aceitável, de considerarmos as perspectivas que se deparam aos mais cotados no plano internacional, mas reprovável no que esse comportamento encerra de desperdício de oportunidades para um autêntico aquilatar de possibilidades de resistência a aturados esforços.

O que convenhamos só muito dificilmente os corredores do Sporting, no momento actual serão coagidos ao sacrifício. E pode dar-se o caso de que essa falta de hábito no sofrimento lhes venha a ser funesta nos despiques com outros estradistas mais experimentados.

Reportando-nos ás duas etapas de ontem não será difícil ao leitor, depois do que dissemos atrás, aperceber-se da forma como as mesmas decorreram: domínio total do Sporting sem réplica adequada. Tiradas, portanto, sem uma verdadeira história. Esperemos que hoje tudo seja diferente. Será melhor, cremos, para todos...

De salientar na etapa da tarde de ontem a desistência do benfiquista Américo Silva. Numa competição que tem decorrido sob o signo da monotonia, que se passa com o vencedor da última Volta a Portugal?

Também no Sangalhos se verificou na mesma tirada a desistência do corredor Luís Santos.

A partida para Guimarães as classificações eram as seguintes:

1.º	E. Dionísio,	Sp.	6 38	26
2.º	L. Miranda,	Sp.	m. t.	
3.º	J. Agostinho,	Sp.	m. t.	
4.º	João Roque,	Sp.	m. t.	
5.º	Vítor Rocha,	Sp.	m. t.	
6.º	F. Bernard.,	Sp.	m. t.	
7.º	S. Páscoa,	Sp.	... m. t.	
8.º	M. Correia,	Sp.	m. t.	
9.º	José Vieira,	Sp.	m. t.	
10.º	Vítor Ten.,	Sp.	m. t.	
11.º	N. Timóteo,	Sp.	m. t.	
12.º	F. Mendes,	Bf.	6 38	41
13.º	Pedro Mor.,	Bf.	m. t.	
14.º	Fern. Vieira,	Bf.	m. t.	
15.º	João Pinhal,	Bf.	m. t.	
16.º	Aug. Fortes,	Bf	m. t.	
17.º	P. Rodrigues,	Bf.	m. t.	
18.º	V. Cardoso,	Bf.	m. t.	
19.º	A. Cardoso,	Bf.	m. t.	
20.º	H. Niel,	Porto	6 38	45
21.º	J. Leão,	Porto	m. t.	
22.º	C. Oliveira,	P.	... m. t.	
23.º	J. Azevedo,	P.	... m. t	
24.º	M Silva	Porto	m. t.	
25.º	J Leite,	Porto	m. t.	
26.º		Sousa,	Porto	6 38 52
27.º	J	Andrade,	Sg.	6 38 55
28.º	C.	Oliveira,	Sg.	m. t
29.º	J.	Fonseca,	Sg.	m t.
30.º	H.	Oliveira,	Sg.	6 39 39

Seguem-se mais 38 corredores.

Por equipas

		H.	M.	S.
1.º	Sporting	19	55	18
2.º	Benfica	19	56	03
3.º	F. C. Porto	19	56	15
4.º	Sangalhos	19	56	45
5.º	Tavira	19	57	18
6.º	Ambar	19	57	48
7.º	Coelima	19	58	09

Por Encarnação Viegas
o nosso enviado especial

Leonel Miranda, do Sporting, ganha em Aveiro

Nacional da II Divisão

Faltam dois domingos e está tudo por decidir...

A duas jornadas do seu termo, o Campeonato Nacional da II Divisão nas suas questões essenciais (os que sobem e os que descem) ainda só tem uma resolvida: a do Sporting da Covilhã, que nem nada, nem ninguém, pode evitar que baixe á III Divisão.

Quanto ao resto, subsistem fortes dúvidas, havendo, até, a ideia (muito de aceitar) que o caso dos dois «eleitos» — os que subirão á I Divisão — só fique resolvido na ronda número vinte e seis...

Quanto aos últimos é que o caso está, francamente, «bicudo».

Há muitos clubes em situação delicada: Vale-cambrense, Almada, Oriental, Sp. Espinho, Alhandra e Sintrense, estão no tremendo declive que os pode fazer escorregar em definitivo.

Anotemos os encontros de amanhã:

ZONA NORTE

Penafiel-Boavista
Salgueiros-Torres Novas
Beira-Mar-Tramagal
Famalicão-Desp. Gouveia
A. Viseu-Vale-cambrense
Sp. Covilhã-Tirsense
Sp. Espinho-Leça

ZONA SUL

Montijo-«Os Leões»
Lusitano-Oriental
Almada-Torriense
Barreirense-Sesimbra
Alhandra-Luso
Peniche-Seixal
Portimonense-Sintrense

VOLEIBOL

O TÉCNICO RENOVOU O TÍTULO REGIONAL

A contar para o campeonato regional de voleibol, em seniores, o Técnico venceu o Nacional de Ginástica por 3-0 (15-4, 15-13 e 15-10), completando-se assim a 1.ª jornada da 3.ª volta.

Sob a direcção de Oliveira Dias e Alfredo Silva, as equipas alinharam:

TÉCNICO — Carlos Canas, Costa Reis, Raul Carregoso, António Correia Luís Briz e Cunha Pereira.

NACIONAL — José Custódio, Vilar Moreira, José Pimpão, Manuel Andrade, João Silveira, Manuel Pires e António Resende.

A ausência de alguns titulares fez com que as duas equipas actuassem abaixo das suas possibilidades, sendo no entanto justo o triunfo da equipa do Técnico pelo seu maior entusiasmo e aplicação na defesa.

Apenas no 2.º «set» a equipa da Costa do Sol conseguiu equilibrar o encontro depois de uma recuperação notável mas insuficiente para levar de vencida os «engenheiros».

Com esta vitória e faltando ainda disputar dois encontros, o Técnico é desde já virtual campeão regional.

Para o campeonato de «reservas» o Técnico venceu também o Nacional por 3-0 (15-6 15-9 e 15-3).

NOTAS À MARGEM

ORA, BOTAS!

A direcção do Sport Lisboa e Benfica, sem dúvida um dos clubes desportivos mais afamados em todo o mundo, declarou guerra (suave seja) á Federação de Futebol. Sabe-se porquê: toda aquela malfadada história do jogo Sampaiomec-Benfica. E também se sabe que, inconformados com os padrões de justiça federativos, os dirigentes da colectividade «encarnada» tomaram as seguintes decisões, como represália: negar á selecção nacional o seu estádio para o jogo Portugal-Suiça, bem como negar ao seu treinador e massagistas autorização para colaborarem com qualquer das diversas equipas nacionais de futebol. O Benfica, aliás, a direcção do Benfica, está no seu direito? Pois está. Mas também não, os que efectivamente gostamos de desporto e frequentemente exaltecemos o grande clube, estamos no direito de considerar todas estas represálias como desprezíveis. E nada de bar, mesmo com a lei grandessa (inegável) do clube.

Mas a coisa ainda fia mais fino. O Benfica, isto é, a direcção do Benfica, não pôde (ah, os pudores...) negar ás selecções os seus futebolistas, mas recusou-lhes as botas!

A verdade: os jogadores benfiquistas que vão defrontar a Suiça e um ou outro que possa vir a jogar pela equipa de emergência em Inglaterra não poderão utilizar as botas a que estão habituados. E sabe-se como isso é importante para um jogador de futebol. Aliás, idêntica medida foi tomada em relação aos juniores, e os do Benfica que jogaram em Itália tiveram a mesma proibição.

Francamente nos parece que, mesmo não se tratando de botas mas sim de atitudes, há coisas no desporto português que já não têm conserto. O que não nos impedirá de um desabafo desaprovador, pelo menos quando se desce ao nível do caiçado. Não será caso para dizer «ora bolas» mas é-o sem dúvida para que exclame: «ora, botas!».

M. Z.

P. L. M. nos quatro jogos mais importantes da 2.ª Divisão

Produções Lança Moreira apresentam amanhã, com a habitual colaboração do «Diário de Lisboa», os relatos directos e integrais dos seguintes encontros:

Almada-Torriense — através do emissor de Lisboa de Rádio Clube Português

Barreirense-Sesimbra — pelos Emissores Associados de Lisboa.

Penafiel-Boavista — no horário dos Emissores do Norte reunidos

Famalicão-Gouveia — pelo emissor do Porto de Rádio Clube Português.

Desta forma, P. L. M. estarão presentes nos quatro mais importantes encontros do Campeonato Nacional da Segunda Divisão, agora em fase decisiva, pois em qualquer desses encontros se joga o primeiro lugar das respectivas séries e, portanto, o ingresso na Divisão principal.

Como habitualmente, durante estes relatos, P. L. M. estarão em permanente contacto com a redacção do nosso jornal, de onde serão fornecidas frequentes e completas informações de toda a actividade desportiva do dia, tanto do País como do estrangeiro, resultados *em cima da hora* dos jogos que se efectuam nos outros campos e, ainda, a *chave* do Totobola.

No intervalo, será irradiada mais uma edição da rubrica «O Caso da Semana», amanhã a cargo do comentador desportivo Vítor Ferreira de Melo.

BASQUETEBOL

(Continuação da pág. anterior)

as equipas, teve neste período final deslizes, que prejudicaram altamente a Académica, e assim, quando faltavam apenas 30 segundos para o jogo terminar e as equipas se encontravam igualadas 62-62, os árbitros deixaram passar em claro uma falta flagrante de Sobreiro sobre Baganha, quando este driblava isolado, para o cesto. Esse momento, foi culminante, para o desenrolar do jogo, pois os «eleões» aproveitando-se do facto, rápidamente fizeram o contra-ataque, e marcaram os dois pontos da vitória.

No final geraram-se várias manifestações, por parte dos estudantes, contra a nomeação de árbitros de Lisboa para este jogo, quando a dupla de arbitragem deveria ser neutra.

Árbitros: Angelo Salgado e A. Cardoso.

SPORTING (64) — José Mário (8), Encarnação (8), Sobreiro (19), J. Valente (11), Sousa (4), Augusto (4), Monteiro (8) e Guimarães (2).

ACADEMICA (62) — Reis Pires (10), Baganha (16), Guy (24), Gomes (2), Hilário (10) e Sequeira.

•

A segunda jornada realiza-se hoje com os seguintes [illegible]

... Para lençois.
coelima

CARTAZ DOS CINEMAS

EDEN
(Adultos) Tel. 328888
Às 15.15, 18.30 e 21.45
STEVE MCQUEEN (o actor que alia a aparência descontraída de Cary Cooper à tranquila obstinação de Humphrey Bogart) em
BULLITT
TECHNICOLOR

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 726006
Às 18.30 e 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
O filme que deu significado à palavra suspense
AS DIABÓLICAS
A obra-prima de H. G. Clouzot
com Simone Signoret, Paul Meurisse, Vera Clouzot e Charles Vanel

EUROPA
(Adultos) Tel. 661836
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
uma comédia picante e maliciosa! c/ David Niven e Lois Allbright
A MINHA FILHA É UM PROBLEMA
SCOPE — COLOR

CONDES
Telefs. 328883 - 328710
Às 18.15 e 21.15 (Adultos)
3.ª SEMANA
70 mm — Metrocolor
E TUDO O VENTO LEVOU
c/ Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser exibido 20 minutos depois do início das sessões

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 987886
As 21 e 30
QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?
com Elizabeth Taylor e Richard Burton

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 268729
As 17 e 21.30
A MAIOR BOLADA DO MUNDO
c/ Robert Wagner, Raquel Welch

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 322772
Às 15.15, 18.15 e 21.30
STEVE MCQUEEN, aliando a aparência descontraída de Gary Cooper com a tranquila obstinação de Humphrey Bogart, é Vocês jamais o esquecerão!
BULLITT
TECHNICOLOR

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
STEVE MCQUEEN aliando a aparência descontraída de Gary Cooper com a tranquila obstinação de Humphrey Bogart é
BULLITT
Você jamais o esquecerá!

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
2.ª SEMANA
As 15.15, 18.15 e 21.30
Uma verdadeira pandega cinematográfica
A FESTA
com Peter Sellers e Claudine Longet

MUNDIAL
Às 18.30 e 21.45 (Adultos)
Edward G. Robinson e Janet Leigh na empolgante história de um roubo audacioso
O ÚLTIMO TRUNFO
Cinemascope — Technicolor
Um filme que é um êxito!
Metro: Estação Picoas

ROMA
(Adultos) Tel. 787778
As 21.15
3.ª SEMANA
O FILME DOS 10 OSCARES!
E TUDO O VENTO LEVOU
70 mm — Metrocolor
c/ Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
Atenção: o filme projecta-se 10 minutos após o início de cada sessão

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 49933
As 21 horas
BANDIDOS EM MILÃO
BOING BOING

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 58086
Às 3 e 6 da tarde e 9.30 da noite
Em 2.ª SEMANA
CHITTY, CHITTY, BANG BANG
com Dick Van Dyke e Sally Ann Howes

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 885121
Às 15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada com Barbra Streisand e Omar Sharif

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326365
HOJE: 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA: UM ÊXITO SENSACIONAL, com
UM HOMEM SEM MEDO
A posse de uma mulher disputada a tiro por dois pistoleiros
— TECNICOLOR —

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 67168
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Invencível! Invulnerável!
ARGOMAN SUPERDIABÓLICO
Technicolor — Techniscope
com Roger Brown e Dominique Boschero

RESTELO
(Adultos) Tel. 618375
As 21.30
6.ª SEMANA
do mais audacioso filme da temporada
O GRANDE MESTRE DO CRIME
com Steve McQueen e Faye Dunaway

LIZ
(Adultos) Tel. 48860
As 21 horas
A CONDESSA DE HONG-KONG
O MISTÉRIO DO CÍRCULO VERMELHO

IMPERIO
(M. 12 anos) Tel. 888134
A maior produção cinematográfica do mundo!
4.ª SEMANA
AUSTERLITZ
1.º episódio de «GUERRA E PAZ»
70 mm — Monocolor
Realiz. de Sergei Bondarchuk segundo a obra de Leo Tolstoy
Horário das sessões:

Sessão	Filme
15.00	15.12
18.15	18.15
21.30	21.42

ESTÚDIO
(M. 12 anos) Tel. 68588
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Technicolor — Technicope
CHARLY
Um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 356583
HOJE, 15.15, 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA SENSACIONAL DE GARGALHADA
com Sylvia Kescina e Robert Hirsch
A VIÚVA SOLTEIRA
(Scope-Col.)
O documentário de grande oportunidade: «Eisenhower — Cidadão do Mundo»

CHIADO TERRASSE
(M. 12 anos) Tel. 329917
Às 21 horas
ELES COM ELAS
A FLECHA SANGRENTA

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MONUMENTAL — «Quando ela se despe» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Cartas na Mesa» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Tango» (17 anos)
GIL VICENTE — Às 21 e 45: «Maria Stuart» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: «À espera de Godot» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 23: «A Preguiça» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Elas é que sabem» (17 anos)

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «O grande restaurante» (12 anos).
PARIS — Às 21: «O grande mestre do crime» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «O analista do presidente» (17 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21 : «O sr. doutor» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Amor e corridas» (12 anos)
OLIMPIA — Às 9: «O roubo das jóias» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «O expresso de Von Ryan» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Beau Geste» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Punhos de ouro» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «A rainha dos Vikings» (12 anos).
A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Peter-Gum, detective especial ás "71 (12 anos)
PROMOTORA — Às 2 . «O incerto amanhã» (17 anos)
BOMBI V. LOURES — Às 21 30: «Terror no Luna Parque» (17 anos)

Festas associativas

Haverá festas, com bailes e diversos atractivos, entre outros, nos seguintes locais: esta noite, no Clube Ferroviário de Portugal, onde será eleita a «Rainha dos Ferroviários», na Casa do Minho e na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo; amanhã, á tarde, no Centro Espanhol, e, á noite, no Clube Estefânia e na Sociedade Filarmónica Alunos do Apolo

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 2 . e 30: «História de um fotógrafo» (Blow up» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 2 e 15: «O homem que valia um milhão de dólares» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Como morte Rasputine» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21: «Will Penny» e «Não lhe prometa tudo» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Selvagem é o vento» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Os ossos do ofício» (17 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 15: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS CINE — Às 21 «Gente nova» e «Furor de matar» (12 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Adeus amigo» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: A maior bolada do mundo» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O Vale do Arco Iris» (12 anos)

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O homem do golpe perfeito» (17 anos), ACADEMIA — Às 21 e 15 «Emboscada na sombra» (12 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Os 400 Golpes» e «A minha verdadeira história» (17 anos)
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Técnico de um espião» e «A rainha do Tabanem» (12 anos). CINE BARREIRENSE — Às 21: «Missão X — Acção em Celibo» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15 «A grande aventura» (12 anos)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Largo da do Ajuda, 11 (638456 e Tapada, Lda., Calç. da Tapada, 53-A (684728)
ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637568)
ALMIRANTE REIS — Antónia, Lda., Av. Almirante Reis 88-B-C (44 73) e Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALVALADE — Lima, Av. da Igreja, 4-B-C (7 68) e Marbel, Av. de Roma 31-A (716235)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (68 5 5)
AREEIRO — Lusitana, Av. de Roma, 8-A (725443) e Chinda, Rua Agostinho Lourenço 6-B (7 033)
ARROIOS — Fonseca — R. Cor. alho Araujo 46-B-C (84 08)
AVENIDAS NOVAS — Previdência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324) e Sá da Bandeira, R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41 96 - 5467) e Oliveira Viegas, R. Viriato 20-A (48966-55360)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ziza, Pr. das Casas Novas, Lote 66 (3 0 72)
BAIXA — Formosinho, P. dos Restauradores, 8 (30927) e Normal, R. do Prata, 220 (32 842-325953)
BENFICA — Bentes, Est. de Benfica, 444-A (782606) e Alegria, Est. de Benfica, 80-A-B (780501) e Progresso, Est. A-da-Mora, 64-C (702226) e Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697)
CAMPO DE OURIQUE — Lisalda — Rua Ferreira Borges 50 (660955) e Flodor — Rua D. Maria Pia, 514 (687949)
CAMPOLIDE — Reali, R. Roque da Fonseca, 53 (683438 e Zenal, R. A, 82, Bairro do Lumbrales (65 840) e Nova, R. de Campolide, 297-C (687475)
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 7-18 (953308)
ESTEFÂNIA — Délia, Rua Açores, 32 (52388)
ESTRELA E LAPA — Neves, Sec., R. da Boa Vista, 6 Lapa, 37 (66 25)
GRAÇA — Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (84436)
LUMIAR — Penalvo, Mendeiros, R. do Lumiar, 22-124 (790832) e Bento, Al. das Linhas de Torres, 98-A-B (791781)
OLIVAIS — Simão — Av. de Berlim, R. D. , 16-A (310581)
PALHAVÃ — Costa, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841)
PEDROUÇOS — Higiénica, R. de Pedrouços, 50-52 (610280)
PENHA DE FRANÇA — Batista, Av. Mouzinho de Albuquerque, 1-A (84357) e Europa, Av. General Roçadas, 27-A-B (Tel 843580)
PICHELEIRA — Matias, Cam. de Pichelaria, 40-B-C (720708) e 128395)
PRINCIPE REAL — Gonçalves L.da, R. da Rosa, 76-78 (362687)
RATO — Bento, Av. de Berna, 44-A (773568)
SANTO AMARO — Botânica, R. do Alvaiazere 38-40 (688 82)
S. BENTO — Miseel, R. de S. Bento, 380-382 (662 621) e Agerense, Largo do Conde Barão, 1 (66 330)
ST.ª MARTA — Morais Sarmento, R. Santa Marta, 5-A-B (Tel 46490)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Margem, 5-B (383470) e Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro, 36 (866 26) e Zeme Rua General Justiniano Padrel (a Carcaço dos Barbadinhos, 21 (832580)
SÉ — Santa Luzia, Rua do Saudade, 2-B (86983)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (251 234)

Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av. Cons. G. Guerra, 66 (Te 213959)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, -A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 86 (2430894)
OEIRAS — Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (2460090)
PAREDE — Grinchs, Av. da República, 87-A (847 204)
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 5 (2601 6).
CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 9 41 (2801 41) — Cascais, Rua Conde de Monte Real — Barro Caxias (282407).

Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P. D. João I, lote 46 — Bairro Janeiro (932756) e Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (932210) e Igreja, P. da Igreja, lote 1 (937740) e Jardim, Av. Conde de Obras, lote X-1 — Rebolaleira (938424)
DAMAIA — Lemos, R. da Goa, 8-A (971 41)
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 51 (950048) — Gustos, Av. Miguel Bombarda, 28-A (95 841).
CACÉM — Central R. Elias Garcia, 55 (2940084).
MEM MARTINS — Quinta, Est. Mem Martins, 485, (2910023)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (980456).
SINTRA — Marques (Vila), Lg.º Ramos O. Amélia, 40 (980 55).
COLARES — Colares Abreu, (Tel. 2990881).

Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge 19 — ALHOS VEDROS — Guerra, Rua Cândido dos Reis 60 (2240200)
ALMADA — Magalhães, R. Capitão Leitão, 0 (2702421)
BAIXA DA BANHEIRA — Alfange, Est. Nacional 14 (2248002) Leitão, 85-B (2760565).
BARREIRO — Central — Av. Alfredo da Silva, 48 (2273207)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues e 5 de Outubro, 62 (270 2)
MOITA — Silva Rocha e da República, 6 (1290429
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Te. 2300081).
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 61 (2290 8)
SETUBAL — Normal do Sol — P. do Bocage (Te 222 6)
SEIXAL — Godinho e da Igreja, 5 (22 8580

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861858 • Companhias Reunidas, 537011 • Gascidla 538821 • Gascidla dom e tarlodos 552069.
BOMBEIROS — Sapadores 522222 • Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 • Segurança Pública, 366141 • Judiciária, 535880 • Marítima, 826456 • Internacional, 362721 • Viação e Trânsito, 42205 • G.N.R. (área rural), 96865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665842 • Enfermagem permanente, 766161 • Enfermagem de urgência, 43738 • Hospital de Santa Maria, 775171 • Hospital de S. José, 860131 • Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 • Transfusões, soros e oxigénio, 538524 • Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 768456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 • Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 • Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 • Estação fluvial (T. Paço), 825845 • Estação Marítima de Alcântara, 662195 • Estação Marítima da Rocha, 672445 • Estação fluvial (Belém), 638581.

BOM APETITE

KANGAI
Av. Duque de Loulé 28-B
Telef. 5 75 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA TO LIN
e o célebre arroz CHAO CHAO

FREQUENTE
«O CONVÉS»
Av. Fontes Pereira de Melo, 45
Telef. 51232 - 51368
RESTAURANTE SNACK e PASTELARIA
E TODAS AS NOITES PARA M/ 17 ANOS VÁ AO
«PORÃO DA NAU»
AMBIENTE FAMILIAR
APRESENTA
OS ROCK'S com
EDUARDO NASCIMENTO
Telefs.: 56529 - 51598

MINI BELA
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Rua da Goa, 1
DAMAIA
(Junto ao Bairro de S. Cruz)

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA A PORTUGUESA
PRAÇA DO PORTO, 15 e 19
(ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO (POSTO SHELL) EM
AZEITÃO
ENTRADA Lisboa-Setúbal
Telef. 22 82 40
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR, TOMAR CHÁ E JANTAR

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Telef. 798211
Telheiras de Cima, 144
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo

RESTAURANTE
antónio
ABRE BREVEMENTE

RESTAURANTES
«O MANEL»
Todos os dias a famosa LAMPREIA e ARROZ DE FRANGO À MINHOTA
LARGO DO REGEDOR, 1. 1.º
TELEF. 54982
Parque Mayer

APÓS AS REFEIÇÕES CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Outro avião equatoriano desviado para Cuba

HAVANA, 12 — (R.) — Um avião comercial equatoriano com 96 pessoas a bordo, assaltado a meio de um voo entre Guayaquil e Quito, aterrou a noite passada no aeroporto internacional José Martí desta capital.

O avião um quadrimotor DC-6, seguia para Miami, na Florida, quando foi desviado da sua rota sobre o Equador, por três assaltantes.

Em Guayaquil, segunda cidade do Equador a Polícia deteve quatro jovens que afirmou, se tinham inscrito com nomes falsos na lista de passageiros do avião.

As autoridades disseram que os jovens estavam ligados aparentemente com as pessoas que assaltaram mais tarde o avião.

Foi o segundo assalto a um avião equatoriano, com desvio para Cuba este ano.

Em Janeiro, outro aparelho pertencente às linhas aéreas do Estado foi obrigado a seguir para Cuba, após um grupo de jovens, armados de metralhadoras e bombas de fabrico caseiro, ameaçarem o piloto.

De vez em quando

Fico sempre entusiasmado quando vou ao Coliseu ver as repetições para o povo dos espectáculos de S. Carlos. Mais de cinquenta por cento do público não ultrapassa a casa dos trinta — e eu arredito na juventude. Uma mocada que está na base do êxito do Ballet da Ópera de Bucarest e que deve ter concorrido para a alteração do final do clássico «Lago dos Cisnes». Em vez de ser apenas afugentado por Siegfried, o feiticeiro morre, em terríveis convulsões, e Odette e o príncipe não precisam de se afogar: encontram mesmo na terra e em vida a felicidade que merecem. Assim, sim. Eu defendo a tese de que é só fazer, só se pagam. Pelo menos as primeiras prestações. Atenção pois, feiticeiros da nossa praça.

V. B.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal Continental, o céu estava geralmente muito nublado com excepção da faixa costeira a norte do cabo Mondego. O vento era fraco, por influência de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado a norte dos Açores.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE: Máxima: Régua, 25°; mínima: Portalegre, 3°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 16°,3; na água do mar, 15°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, excepto na faixa costeira para norte do cabo de Sintra, onde se prevê muito nublado até nevoeiro, em especial durante a madrugada e manhã; vento fraco ou moderado, predominante do Norte.

Amanhã
Nascer do Sol: 7 e 4
Ocaso do Sol: 20 e 11

Dia 16 Dia 24 Dia 2 Dia 9

MARÉS:
PRAIA-MAR: Dia 12 — 0 e 40 (5,6 m); 6 e 25 (5,5 m); Dia 13 — 0 e 40 (5,8 m); 19 e 17 (5,7 m). Dia 14 — 2 e 34 (4,0 m); 5 e 08 (5,9 m). BAIXA-MAR — Dia 12 — 6 e 57 (1,4 m); 19 e 14 (1,5 m). Dia 3 — 7 e 25 (1,1 m); 20 e 04 (1,2 m). Dia 14 — 8 e 35 (0,9 m); 20 e 50 (1,0 m).

O BOM TEMPO INSTALOU-SE

O Boletim Meteorológico para a Agricultura insere a seguinte antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até 25 deste mês.

«Bom tempo, com céu pouco nublado, vento fraco que poderá tornar-se moderado de norte, durante a tarde, no litoral oeste e condições favoráveis à formação de nevoeiro ou neblina matinal na faixa costeira ocidental e nas terras baixas do interior.

De 21 a 25 de Abril há possibilidade de períodos de céu muito nublado e aguaceiros e trovoadas dispersas, nalguns locais, sobretudo nas regiões montanhosas da Beira.

Subida de temperatura, mais acentuada no fim do período.»

Assaltaram uma oficina e partiram de mãos a abanar

O guarda-nocturno ar. José Pinto Pereira ao passar alta noite na Rua Cidade de Manchester, situada na sua área, viu ali quatro indivíduos que ao sentirem-se observados, se puseram em fuga. O sr. Pinto Pereira resolveu, então vistoriar atentamente os veículos estacionados naquela artéria, bem como as portas dos prédios.

E aconteceu que no prédio n.º 28, onde está instalada uma oficina de serralharia civil, pertencente ao sr. Avelino de Almeida André, de 39 anos, casado, industrial, natural de Lisboa e residente em Loures, na Rua Padre António Veira, tinha sido serrada a grade de protecção da entrada. Pediu então a intervenção da P. S. P. que montou guarda á oficina. Esta manhã, o proprietário da oficina, ao chegar ali, logo foi examinar o interior daquela a fim de apurar se, efectivamente, a tinha roubado: havia gavetas remexidas e o cofre fora arrombado. Mas como não havia lá dinheiro, os visitantes tinham saído de mãos a abanar...

SECOL

MILÃO
Feira Internacional
14 a 23 de Abril

STUTTGART
Feira da Indústria Hoteleira

«INTERGASTRA»
20 a 27 de Abril

HANNOVER
Feira Internacional
26 de Abril a 4 de Maio.

Programas especiais para as Manifestações indicadas. Transporte aéreo e alojamento, garantido em óptima residência particular.

LOTAÇÃO LIMITADA

No interesse de V. Ex.ª consulte a:

SECOL — Sociedade de Excursões e Comércio, L.da
Fundada em 1909
Rua do Ferragial de Baixo, 68-1.º, Dt.º
(esquina da Rua do Alecrim)
Telefs.: 324622-321622, 324086 (PBX)
LISBOA-2

Em poucas linhas

● A. N. A. T. O. PROPÕE-SE EFECTUAR SONDAGENS

WASHINGTON, 12 — (R.) — Os membros da Aliança Atlântica prepara-se para sondar a União Soviética quanto á redução da tensão entre o Leste e o Oeste na Europa.

A aliança ocidental, de 15 nações, que terminou a noite passada nesta capital uma sessão ministerial de dois dias, concordou em explorar «todas as iniciativas apropriadas», para negociações com os países socialistas europeus.

● O SOSSEGO VOLTOU Á ITÁLIA

MILÃO, 12 — (R.) — O sossego voltou hoje a Itália, após mais de 120 pessoas serem detidas em consequência dos violentos recontros contra a Polícia, registados ontem em três cidades.

● INTERVENÇÃO FEDERAL EM SANTOS

BRASÍLIA, 12 — (F. P.) — O presidente brasileiro, marechal Arthur Costa e Silva, decretou a intervenção federal em Santos, chefiada pelo general Clovis Bandeira Brasil, segundo se anunciou nesta capital.

A intervenção em Santos foi determinada pelo facto do prefeito eleito daquela cidade ter sido privado dos seus direitos políticos por dez anos, estando por consequência impedido de assumir as funções.

● FILME APREENDIDO

ROMA, 12 — (F. P.) — O filme sueco «Sou curiosa», realisado por Vilgot Sjoman, foi apreendido em todo o território italiano por decisão do procurador da república de Roma.

O filme, segundo o magistrado, apresenta «sequências de actos sexuais e de nús femininos e masculinos, que ofendem o pudor».

«Sou curiosa» é o quarto filme retirado de circulação em Itália, durante os últimos dias. Um dos outros foi o «Satyricon» de Gianluigi Polidoro.

Conta Universitária

Constituídos o Secretariado e a Comissão Executiva do II Congresso Republicano

AVEIRO, 12 — Reuniram nesta cidade os signatários da petição dirigida ao sr. governador civil de Aveiro, dr. Francisco do Vale Guimarães, para a efectivação do II Congresso Republicano nesta cidade.

O governador civil já deferiu o requerimento pelo que o II Congresso Republicano se efectuará no Teatro Aveirense nos dias 15 e 16 de Maio próximo. A primeira sessão presidirá o coronel Helder Ribeiro, presidindo às sessões de trabalhos seguintes o prof. M. Rodrigues Lapa.

Na reunião de ontem foi escolhido o secretariado do mesmo Congresso. É ele constituído pelos srs. dr. Álvaro Neves, Artur Pereira Bártolo, drs. Augusto Arala Chaves e Carlos Candal, Flávio Sardo, Joaquim da Silveira, Manuel da Costa e Melo, eng.º Manuel dos Santos Pato, e srs. Hélio Sucena, João Sarabando e Jorge Sarabando Moreira. Foi também escolhida uma comissão de honra constituída pelos srs. drs. Oliveira e Silva, Strecht Monteiro, Manuel de Andrade, Teixeira da Silva, Pires Santos, José Rodrigues, Silvino Gonçalves de Sousa, Renato Figueiredo, Júlio Calixto, Eduarda Ceno, Almor Viegas, Assis Rei, Pompeu Cardoso, José Tavares, capitão José Silveirinha, eng.º Flávio Martins, arquitecto Aristeu Gonçalves e Artur Ribeiro.

À reunião não puderam assistir os srs. drs. Assis Rei, Pompeu Cardoso, José Tavares e capitão José Silveirinha pelo que a sua escolha depende ainda da sua aceitação, como é natural.

No II Congresso Republicano de Aveiro participarão personalidades de todo o País, esperando-se que sejam apresentadas teses do mais alto interesse e focando os principais sectores da vida pública portuguesa, nos seus aspectos económico, político, social, de instrução e prisões.

O secretariado e a comissão de honra irão convidar as personalidades a quem se pede que tratem destes assuntos, com a apresentação de teses para serem discutidas no Congresso.

NORMALIZADO O TRÁFEGO DA LINHA DE SINTRA

Já se encontra normalizado o tráfego na linha de Sintra, ontem afectado por um descarrilamento de material á boca do túnel da estação daquela vila.

O movimento, que se passou a fazer por uma via após o contratempo (12 e 22), só às 21 horas passou a utilizar as duas vias.

Reparações necessárias originaram esta manhã pequenos atrasos nos comboios destinados ao Rossio.

Terminaram os trabalhos dos Congressos português e internacional de Estomatologia

Terminaram, esta manhã, na F. I. L. os trabalhos dos IV e VI Congressos Português e Internacional de Estomatologia, a decorrer em Lisboa desde a passada quarta-feira.

Na sala A, sob a presidência dos profs. M. Graziani e A. Keil; e drs. Santiago Nogueira e Álvaro Torres, apresentaram comunicações os dr. Cosma Dolna e prof. Nicolae Dutescu, da Roménia; e dr. Robert Vrasse, (França).

Por seu turno, o dr. António Paul falou sobre «Portugal e Associação Estomatológica Internacional». Seguiu-se a discussão, após o que o dr. Baptista Fernandes apresentou a resposta ao relatório.

Foi, então, tratado o tema «As reacções biológicas da região periapical aos tratamentos radiculares». Foi moderador o prof. A. Brunel e participaram as profs. Zirosi (Itália), Payen (França) e dra. Smet (Bélgica), Martinez Sárdi (Espanha) e Paiva Boléo (Portugal). Na sala B, sob a presidência dos profs. B. Perzina e W. Bethman e drs. Mendes de Vasconcelos e A. Amarim, foram igualmente apresentadas diversas comunicações.

De tarde, os congressistas e as senhoras das suas famílias foram obsequiados com um passeio turístico Sintra-Cascais.

O general espanhol Garcia Valino foi destituído das suas funções

MADRID, 12 — (F. P.) — Por decreto publicado no jornal oficial de ontem, o general Rafael Garcia Valino foi destituído das suas funções de inspector-geral da Mobilização e do Reaprovisionamento do Exército Espanhol.

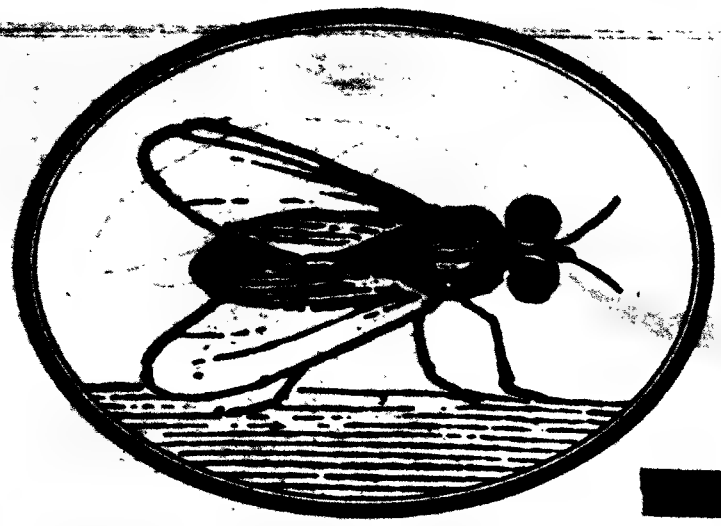
Nos círculos políticos de Madrid relaciona-se esta medida com as declarações que o general Valino, antigo alto comissário no Marrocos Espanhol, fez, a semana passada, em Rabat, ao ser entrevistado pela agência de Imprensa marroquina. Com efeito, Valino disse, nessa ocasião, que das três países que reivindicam o Sará espanhol, Mauritânia, na sua opinião, tem mais direitos.

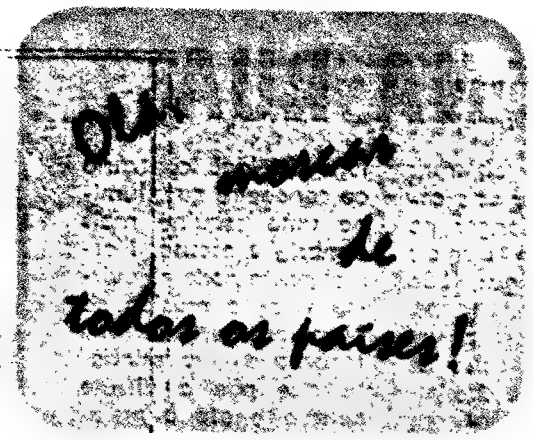
A República e Marrocos, entretanto, pediram explicações ao governo de Madrid sobre as declarações do referido funcionário.

AMANHÃ
«MATINÉE», às 17 horas
no Salão Restaurante
TAKE FIVE
● D'ANGOLY'S JR.
● ADA DE CASTRO
● LES BALLETS DE PIERRE FRANCK

MUSICA PARA DANÇAR
SEGUNDO GALARZA
E SEU CONJUNTO
PERRER TRINDADE
E SUA ORQUESTRA
JIRINA'S COMBO
(M. 17 anos)
Preços
Chá completo: 60$ (taxas e impostos não incluídos)

No CINEMA
HOJE, às 17 horas
«Matinée» Infantil
(M. 6 anos)
e às 21.30
A MAIOR REVISTA DO MUNDO
(M. 17 anos)
AMANHÃ, às 17 e 21.30
● BÁRBARA RAY apresenta
(M. 17 anos)





A MOSCA

DUAS CARTAS, UMA ESQUINA E ALGUNS «PATOS» PARA DEPENAR

o Casino na rua

reportagem de Joaquim Letria

ERA numa esquina escura e ele segurava o jornal desportivo da véspera, dobrado como se fosse um tabuleiro. Duas cartas tapadas, muitos olhos fixos nelas e uma voz a dizer forte, do meio do grupo: «Ponha lá duzentos a ver o que dá agora». Jogou e perdeu, aquela voz forte com coragem de 200 escudos numa esquina do bairro velho da cidade.

Ele é alto, anguloso, usa óculos escuros graduados, vai aos bailes do clube do sítio, cuja principal actividade desportiva é o boxe. «Chamam-me Fernando, mas as pequenas são mais meiguinhas: Fernandinho».

Das dez da noite às três da manhã percorre as ruas mais estreitas e escuras e escusas do velho bairro, sem jamais se afastar do seu centro, que conhece desde que, criança ainda, fugia aos polícias por andar ali a jogar à bola.

«Fugi sempre e por causa do jogo. Dantes a bola. Agora as cartas. É giro fugir à Polícia. Também é jogo. E jogar é das coisas mais porreiras que um homem pode fazer, além de ter uma mulher e tomar uns copos.»

Encosta-se em cada esquina e o corpo fica-lhe inclinado para fora, para a berma do passeio, ombros e um pé a fazerem força na parede. Estende a mão esquerda com o jornal dobrado como as sacristães nas aldras. Depois as pessoas mal-encaradas, com voz delinquente, vão despertar férias.

«Então não sabe a parada? Isto aqui é para homens...», e sorri. É um sorriso de vendedor amável e um sorriso de gozador consciente. Ri-se para se insinuar, para levar a água ao seu moinho (apostas mais elevadas); ri-se das «patas» que lhe aparecem para «depenar»; ri-se assustado pelo gozo de despistar a Polícia, jogando a três prédios de distância de um agente, sem se verem pela esquina.

«Não tenham medo, meus senhores. O de hoje conheço eu. É bom tipo, não há azar. Quem faz o seu jogo?»

«Claro que trabalho. Sou soldador. Estive dois anos em África na guerra e arranjei trabalho numa boa casa. Mas eram uns chatos e acabei por desistir. Não é difícil arranjar-se trabalho com a minha profissão. Não, não faço isto só para ganhar dinheiro. Faço, principalmente, porque gosto. É giro, um tipo andar aqui de cartas na mão. E depois sempre dá qualquer coisa. Perdi muito dinheiro antes. Era como eles: via um tipo com cartas e alinhava. Quando dava por mim estava depenado. Fiquei teso muitas vezes antes de começar a jogar. Sempre me deu a mania de ser banca. Arrisca-se mais se dá para o torto. Mas safa-se mais se as coisas vão bem. Sempre tive a mania das grandezas...

«Oh, vizinho! Não diga isso que a gente ainda se chateia. Aqui é jogo limpo, toda a gente sabe. As cartas é que mandam. Tão a ver este? Joga, perde e depois a gente é que o atura... Quem não pode não se mete em cavalarias altas... Façam o seu jogo, então não há aí ninguém com eles para isto ir mais alto? Olhem que é a terceira vez que perco!

(Continua na página seguinte)

O CASINO NA RUA

(Continuação da pág. anterior)

e o cavalheiro, agora, joga ou fica de fora?».

«Não, amigo. Ponha lá que nunca faço batota. O Fernando nunca faz batota. As cartas é que mandam... Claro que nem sempre volto para casa com a massa que trouxe. Mas há sempre um dia a seguir. Saio de casa para aí com uns quinhentos paus. Se dá para o torto, acabou-se. Depois ainda dou por aí umas voltas a tomar uns copos ou vou dançar no «Cingão» com umas pequenas amigas. São umas companheironas, essas pequenas. E um tipo sempre precisa de massa. A rua é dos homens...»

É um jogo simples, sobre um jornal normalmente desportivo que serve de pano verde. As pessoas rodeiam o «croupier»-banca ambulante e fazem o seu jogo do lado contrário ao candeeiro que ilumina uma esquina mais sombria e escusa. Normalmente podem ouvir-se viras e música do Norte que saem de uma taberna de um minhoto que põe a vitrola bem alta até à meia-noite.

É um jogo simples que exige poucas cartas. Nem pensar num baralho. As pessoas passam, param, espreitam, arriscam, perdem e põem-se na álheta. Atrás delas fica uma voz trocista más delicada — sempre delicada — de um homem que se chama Fernando e usa óculos escuros graduados. «Façam o seu jogo»...

«Umas vezes é o sete-e-meio, mas nunca nada mais demorado. O ideal é isto: duas cartas. Vira-se uma, vira-se outra e já está. Vê-se o que elas dão...»

E pelas esquinas escuras, escusas do bairro velho da cidade. Ou junto ao velho elevador onde a inclinação da calçada deixa embalar a fuga na descida.

«Senhores, façam o seu jogo». Convite de alguns, para outros, nos esquinas nocturnas da cidade.

A MOSCA

MAGAZINE SEMANAL DO

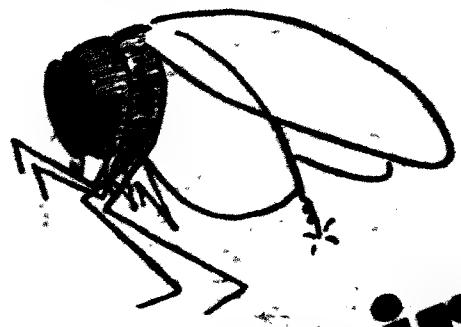
Diario de Lisbôa

O CASINO NA RUA ● LISBOA, RENDEZ-VOUS DE ESPIONAGEM ● UM ENGANO ● POLANSKI INQUIETO ● QUE SE PASSA CONTIGO, NATHALIE? ● OS SIMULADORES ● PRONTO-A-VESTIR CANTAR A MORTE ● NÃO VALE ● JOAN BAEZ OS ASTROS ● PORQUÊ SER PRESIDENTE? ● ANGUILLA EM CINCO PONTOS ● E ETC., ETC., ETC.

COLABORAÇÃO DE JOAQUIM LETRIA, PEDRO ALVIM, OLIVEIRA PINTO, MARIA AURORA, JOÃO PAULO GUERRA, SAM, CID DOS SANTOS, JOÃO RIBEIRO, SALVADOR RIBEIRO, LOBO PIMENTEL, JOSÉ TAVARES, VAREJEIRA, ETC., ETC., ETC., ETC.

O FOTÓGRAFO ESTAVA LÁ...

Quando este lobo siberiano de pequena cilindrada começou o primeiro tourniro que avançava



a Varejeira

«Uma varejeira não pode licença: abusa —» Dom Fuas, «carta dos Nazarenos» I-XIV

CADA animal colectivo tem a sua varejeira própria e cada varejeira — já se sabe — tem a cor local dos restos do colectivo. Isto é indiscutível e não se descortina porque é que se culpe a varejeira pelo simples facto de existir, quando a culpa está no resto, ou seja, no animal que a alimenta fingindo que não tem nada com isso.

Que se saiba só os chineses continentais se lembraram de pensar neste problema e a prova é que puseram setecentos milhões de cidadãos a acabar com as moscas, o que, diga-se de passagem, não foi totalmente conseguido. Como resultados dessa depuração, milhares desses insectos expatriaram-se para Taipé ou para as Novas Índias Ocidentais, aburguesando-se a tal ponto que cresceram, engordaram e tomaram a forma de varejeiras. É esta uma fatalidade das sociedades de consumo que muito preocupa os sociólogos: o aburguesamento da mosca em varejeira.

O FACTO é compreensível e está ligado directamente à produção industrial. Quanto mais moscas, mais lucros para a indústria de insecticidas. Quanto mais abundância, mais restos e mais chagas onde a varejeira possa debicar. Portanto, a culpa é do resto, nunca da varejeira. Pelo contrário, esta é um valiosíssimo radar animal para se detectar o podre mais distraído. «Segue a varejeira e descobrirás a maroa do homem» escreveu, segundo informações fidedignas, Confúcio-o-Alquimista. E por esses séculos fora a verdade mantém-se.

BZZZZZZ... Varejeira. Bzzzzzzz.. Moscalhona odiosa, esverdeada, que marra contra os vidros das janelas. Bzzzzzzzz... Insecto repugnante que vive da palavra humana (qualquer mot de Cambronne, avantajado ou raquítico, já duro e ressequido ou ainda macio e fumegante lhe serve de almoço e de jantar) Bzzzzzzzz... Companheira fiel do homem — tão fiel como o cão que o morde, o gato que o arranha, o mosquito que o não deixa dormir ou o bacilo que o põe a dormir definitivamente. Bzzzzzzzzzz... Varejeira que acusam de falta de escrúpulos, Boeing 707 dos insectos, armazém alado de veneno. Bzzzzzzzz...

Dizia, ou diz-se que se dizia (o que no país das moscas vem a dar ao mesmo) — Brito Camacho que as moscas é que mudavam, mas que o resto permanecia... Passados anos desde que Brito Camacho comentou a vida, pela última vez, é lícito admitir que o contrário também corresponda à verdade, isto é, que se possa afirmar serem as moscas sempre as mesmas embora o resto mude de quando em quando.

A questão tem pouco interesse — cada um que escolha as moscas e os restos.

Já segundo os sãos princípios da divisão do trabalho, uns produzem e outros consomem, a varejeira que hoje se apresenta nestas colunas vai dedicar-se exclusivamente ao consumo dos restos alheios. Isto porque a varejeira é, por natureza, um animal de consumo e não de produção.

A VAREJEIRA vai aparecer regularmente nas colunas deste jornal para contar o que viu e ouviu no decorrer dos seus voos. A secção da varejeira podia intitular-se, portanto, «Notas da varejeira», «Diário da varejeira», «Confissões da varejeira», «Ao ouvido da varejeira», «Onde a varejeira poisa», «Em casa de Mariquinhas» e um sem-número de outras coisas que lhe dariam um certo tom. Acontece, porém, que a varejeira não tem pròpriamente um tom que mereça ser escrito em itálico.

Para a semana, por exemplo, a varejeira vai a Portugal-o-Velho assistir às cortes da mui leal vila de Sentados-Estamos-Vendo-Passar-o-Tempo-lá-Fora a fim de fazer o relato das sessões em que falaram os distintíssimos cavaleiros e oradores D. Tenorado Palo Parvus e D. Fuas Roupinha de Nilon. O tom da varejeira terá, portanto, de ser castanho-escuro, ressequido, queimado pelo tempo, coberto de assinaturas de moscas do passado e, sobretudo, côncavo, porque o tom em que se deve falar do passado tem de ser côncavo. Quanto mais côncavo, melhor.

Isto é um facto — o resto é palavreado.

E está apresentada a varejeira.

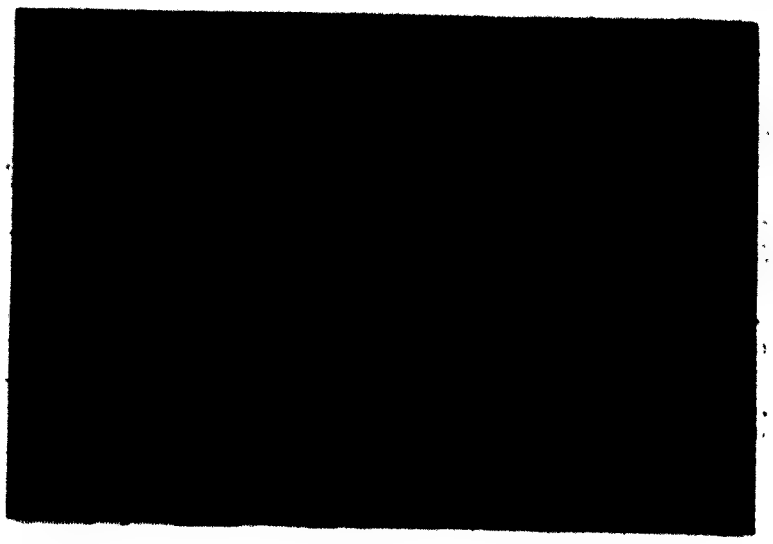
Até para a semana.

Bzzzzzzzzzzz...

LISBOA

RENDEZ-VOUS DE ESPIONAGEM

Numa guerra, as capitais dos países neutros são o entroncamento das grandes linhas da espionagem. Mas em Julho de 1940 a operação mais espectacular dos serviços secretos de Hitler tinha como alvo um palacete de Lisboa, onde se hospedava o Duque de Windsor.



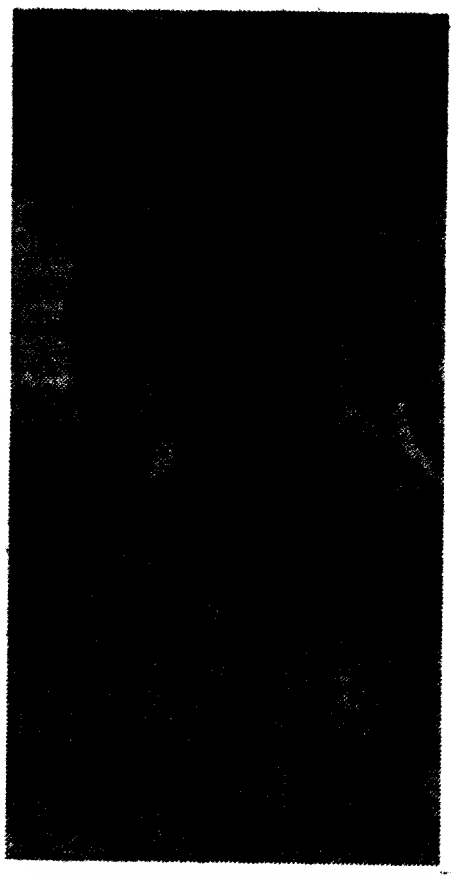
REINHARDT HEYDRICH, chefe dos Serviços de Segurança do Reich, teve nos últimos anos de guerra um poderoso concorrente na hierarquia das eminências pardas do regime. Chamava-se Walter Schellenberg e era licenciado em Direito, depois de haver vagamente cursado Medicina na Universidade de Bonn. Himmler, o todo-poderoso mestre da Gestapo, reparou nele quando ainda mal começava a trabalhar nas repartições da SS. «Temos ali um jovem audacioso e perspicaz», escreveu o tenebroso político ao *Oberführer* Müller, da Gestapo. E em 1939 Schellenberg, com 29 anos apenas, ocupava o temido e omnipotente cargo de chefe da Contra-Espionagem nazi. Canaris, Sorge, Vietinghoff e muitos outros campeões do xadrez da alta espionagem, cruzaram-se nas malhas complicadas da sua organização e foi ele quem, por ordem de Ribbentrop, preparou a célebre «Operação Duas Capelas», destinada a raptar o Duque de Windsor.

O PRÍNCIPE PRISIONEIRO

«Ribbentrop recebeu-me de pé, atrás da secretária, braços cruzados, ar grave,» — conta Schellenberg nas suas memórias. *«Explicou-me que o Duque de Windsor era um dos ingleses mais esclarecidos que ele conhecera, espírito aberto às questões sociais e de ideias muitíssimo sãs. Isso principalmente desagradava ao Governo do seu país, que o procurava neutralizar...»*

A interpretação de Ribbentrop, como ministro dos Negócios Estrangeiros tinha a autoridade dum decreto. Schellenberg não desconhecia o drama do Duque de Windsor, que onze meses depois de ter subido ao trono abdicava em favor de seu irmão, Jorge VI, para casar com uma senhora americana, Mrs. Wallis Warfield Simpson, hoje duquesa de Windsor. A resignação causara escândalo mundial, provocando uma profunda crise na corte do Império Britânico, e realmente, Walter Schellenberg tinha um conhecimento — não apenas histórico — desse facto. Algumas visitas que o irmão do rei da Inglaterra fez à Alemanha, antes do começo das hostilidades, Hitler dispensou-lhe as honrarias mais cordiais e, mesmo nos dias mais acesos da guerra, o Duque de Windsor foi sempre considerado como uma carta de lealdade a utilizar numa grande jogada.

Pois bem, era o momento. Hitler e Ribbentrop sabiam que o Duque era vítima da mais estreita vigilância dos serviços secretos britânicos e que esse assédio o incomodava profundamente. Sabiam que o cargo de governador das Bermudas, para que o irmão o acabava de nomear, era considerado pelo ex-rei como um exílio forçado, e sabiam que era a altura decisiva de lhe prestar o serviço de uma libertação. Desde 1936 — segundo declarações de Ribbentrop — que Hitler pensava acolher o duque à esfera de protecção alemã. Agora ele estava em Lisboa e preparava-se para partir Tejo fora. Schellenberg tinha que actuar eficazmente. Que não perdesse tempo nem olhasse a dinheiro. E *hell Hitler!*



PEDRAS E FLORES

Schellenberg partiu para Madrid, via Marselha-Barcelona, e na capital espanhola mandou comprar um carro americano que fizera seguir para ali juntamente com um outro, mais rápido, dos Serviços Secretos. Depois foi a vez de ele próprio atravessar a fronteira acompanhado de dois guarda-costas.

Os relatórios da contra-espionagem descrevem minuciosamente os seus passos. Visitou logo à chegada um amigo japonês, com quem actuara anteriormente em Dakar, o qual lhe prometeu obter informações precisas acerca da residência do Duque de Windsor, número de entradas de casa, criadagem, medidas de segurança utilizadas, etc. Gastou nesse encontro o resto da tarde. Seguidamente deu uma volta a pé pela capital onde, de resto, já tinha estado uma vez. *«À noite»* — escreveria ele mais tarde no seu livro de memórias — *«dei um passeio pela cidade e subi à colina onde estava instalada a Embaixada da Alemanha, e de cujas janelas se desfrutava uma vista maravilhosa sobre o porto e o estuário do Tejo...»*

Cinco dias depois, o

(Continua na 14.ª página)

UM ENGANO

Conto de **MIKHAIL ZOCHTCHENKO**

QUE DIA é hoje? Parece que é quarta-feira. É quarta-feira, claro. E a coisa aconteceu na segunda. Na segunda-feira a nossa malta esbarrigou-se toda a rir. Foi uma coisa diabòlicamente gira. Quero eu dizer: o engano.

O problema é que a malta da fábrica está toda alfabetizada. Acordem qualquer homem a meio da noite, se quiserem, e obriguem-no a escrever o nome — escreve mesmo, ora essa.

Porque a nossa «troika»? o nosso Comité Anti-Analfabetização, aquilo era gente terrível. Acabou com o analfabetismo em três meses. Os cabeças de abóbora, claro, ficaram como dantes. Baralhavam os nomes. Gusev, por exemplo, baralhava tudo. Punha um «s» onde não havia «s» nenhum, ou fazia um rabisco fora do sítio, para depois se esquecer dum «g». Mas o restante da malta saiou-se bem.

Vamos por partes: apesar deste nível médio tão alto, imaginem, surge então um caso insignificante.

E quem havia de topar esse caso senão o caixa Jeremy Mironovitch! Digamos no sábado, dia de pagamento. Ora bem, na segunda o caixa vai conferir os livros, a ver se não se enganou, pega até na régua de cálculo e de repente, claro, topa uma cruz na lista. Assinaturas por todo o lado, mas aqui, dá-me licença, uma cruz...

— O quê, uma cruz!? — O caixa dá volta ao miolo sem perceber. — Ora esta, uma cruz!

E realmente porquê aquela cruz, se o analfabetismo tinha sido liquidado de uma vez por todas e a malta em peso já sabia escrever o nome?

O caixa olha com mais atenção e vê que a cruz está à frente do nome Chlebnikov.

Vai falar ao guarda-livros:

— Já viu? Uma cruz!

O guarda-livros passou palavra ao secretário. E o secretário soprou a revelação mais para cima.

Tanto bastou para que as oficinas começassem a discutir: o que tem andado a fazer a «troika»? A «troika» não podia acabar com o analfabetismo, ora dá-me licença, em três meses apenas!

O «predzavcom» (chefe do «comité adjunto) corre à tesouraria, pede as folhas. A «troika», claro, também apareceu. E esbugalharam todos os olhos. E não há dúvida nenhuma, está uma cruz à frente do nome Chlebnikov!

— Quem é esse senhor Chlebnikov? — perguntam aos da «troika». — Porque não se alfabetizou esse senhor Chlebnikov? Porque é que toda a gente sabe ler e escrever e só o Chlebnikov vagueia como alma solitária no escuro? Como é isto possível? O que é que a «troika» andou a fazer? Onde tinha a «troika» a cabeça?

E os da «troika» ficam por ali a encolher os ombros e a esfregar os pés no chão.

Até que mandam chamar o Chlebnikov. O Chlebnikov anda a praticar para mestre marceneiro. Vem de muito má vontade.

Perguntam-lhe:

— Estás alfabetizado?

— Estou, sim, senhor: responde o Chlebnikov.

— Sabes assinar o nome?

— Sei, pois! Aprendi a ler e a escrever em três meses.

O «predzavcom» olha a cena de cabeça perdida. Os da «troika» encolhem os ombros. O caixa vai buscar o livro.

Passam o livro para as mãos do Chlebnikov. E perguntam-lhe:

— Quem fez esta cruz?

Chlebnikov apura a vista, apura...

— Pois é — diz —, a letra é minha. Fui eu que fiz esta cruz. Devia estar com um grande pifo, não conseguia escrever outra coisa...

A gargalhada foi geral. Desataram logo a apertar a mão ao Chlebnikov.

— Pronto, pronto — disseram —, isso tira-nos um peso enorme das costas! Porque chegámos a pensar, pensámos de facto que tu vaguearas todo este tempo como alma solitária no escuro...

No sábado seguinte, à hora do pagamento, o Chlebnikov — apesar da sua alfabetização — mais uma vez assinou com uma cruz muito bem bebida. Mas desta feita ninguém fez qualquer reparo. Estava tudo habituado já à ideia. E o Chlebnikov, ora essa, o Chlebnikov sabia ler e escrever!

POLANSKI INQUIETO

por OLIVEIRA PINTO

Polanski, a pomba e Françoise Dorleac num intervalo da rodagem de «Cul de Sac»

ALGUÉM com o hábito (mania) de catalogar e gostando de prodigalizar alcunhas chamou-lhe «o Rubirosa da realização» (cinematográfica, entenda-se). Sim, foi isso. E porquê? Porque lhe perguntara o que pretendia ele (dizer) com os seus filmes. E ele respondeu:

— Isso também eu queria saber, ficava bem contente se o soubesse. Mas não sei. Olhe, faço um filme, tal como Nureyev dança ou como Rubirosa amava as mulheres.

(Ele era (é) Roman Polanski, polaco talentoso, nascido em Paris (1933), realizador de «Rosemary's baby — A semente do diabo», obra notável há pouco estreada em Lisboa e que muitos lamentam não ter visto. (Mas o filme vai voltar, poderão vê-lo então). O encontro dava-se em Berlim, durante o Festival Internacional do Filme-1966. Polanski concorria com «Cul-de-Sac — O Beco», representando a Grã-Bretanha. E Berlim (o Festival) é porto amigo: Um ano antes concedera-lhe o prémio especial do juri — «Silbern Bär — Urso de Prata» — graças a «Faith (Repulsion)», com que igualmente representara a Grã-Bretanha. Em 1966, «Cul-de-Sac» veio a ser o grande vencedor, recebendo o «Golden Bär — Urso de Ouro», prémio maior do certame.

Conheci-o então. Brilhante, irónico, culto. Atrevido. Inteligente e com requintes. Desapiedado, matreiro e inquieto. Olhar vivo, raciocínio pronto, palavra lépida, cortante. Um «poderoso libertino», como diria Baptista Bastos...).

Os críticos têm razão quando gostam dos meus filmes

Outras perguntas da mesma procedência:

— Qual a corrente, em que estilo se podem incluir os seus filmes?

— Não sou nenhum crítico.

— O que é que detesta mais: críticos ou entrevistadores?

— Ambos (pausa). Excepto, você, naturalmente...

— Desagradam-lhe as interpretações intelectuais dos seus filmes?

— Sempre detestei tiradas pomposas e gente importante, «inchada».

O tiroteio continuou. Depois acabou, com vitória de Polanski. Absoluta. Total.

Mais tarde, tive uma longa conversa com ele e gravamos uma entrevista breve (tinha de ser):

— Os seus filmes são, portanto, uma imagem da vida, não é assim?

— Pretendo expressar as minhas ideias, dar uma visão da vida, a minha imagem da vida, mas também uma visão real, trabalhando com as dezenas de pessoas que compõem a minha equipa. Pessoas que levo, que «forço» a compreenderem a minha ideia, a segui-la e a concretizá-la. Não tenho outro objectivo. Assim, se há numa película minha as tais ideias ou «mensagem», elas aparecem aí naturalmente, automàticamente. Não são proclamadas por mim.

— E quanto ao êxito dos seus filmes? Existe efectivamente? (Há países que os desconhecem em grande parte, tanto nas curtas-metragens, como nos filmes de fundo que interpretou e que dirigiu...).

— Na verdade, os meus filmes têm tido êxito, têm obtido boa recepção. O que muito me satisfaz.

(Continua na 10.ª pág.)

Eurozumbido

••• OS TRAÍDOS DO FESTIVAL •••

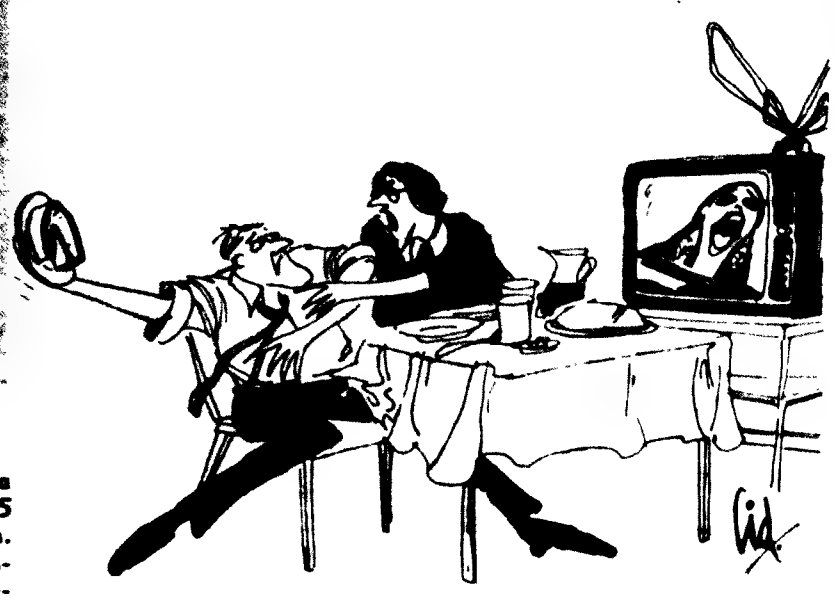
SIMONE não está só. Simone tem a pulsar com ela toda a indignação dos corações portugueses de áquem, além-mar e ilhas adjacentes. Simone foi vítima indefesa dos microfones secretos. Mas Simone não foi a única traída. Nos círculos da eurocanção começam a descortinar-se outras vítimas ocultas da grande cabala.

A CANTORA MOSCA

excluída por limite de idade. Canta pela pauta alfandegária qualquer coisa como 25 mil cruzados-ouro de excesso de bagagem.

«Para mim a grande vencedora do festival foi Amália» — declarou ela aos repórteres.

Lulu Mosca admira igualmente Estêvão Amarante e o sargento Maireles



«Cuidado, que ela não gosta de tortal»
(«Cartoon» de Cid)

EL ABUELO

Intérprete e autor da música e letra de «Avô, Por Aqui me Sirvo...» foi excluído do Festival por ter ultrapassado o tema permitido (que só vai até à geração dos pais e das mães).

El Abuelo (baritono de carga reduzida) foi avaliado em 14 cigarros diários de marijuana.

QUE SE PASSA CONTIGO, NATHALIE?

1969 — dizem os especialistas em cinema — será o ano de Nathalie Delon. Previsão fácil: não só porque a loura actriz está rodando filme após filme, mas porque também há muita curiosidade à volta desta espléndida rapariga de silhueta enigmática e modos desenvoltos.

Há pouco tempo ainda Nathalie era uma estrelinha como tantas outras, que depois se tornou conhecida porque casou com um senhor chamado Alain Delon, em Agosto de 1964. Quatro meses depois nascia Anthony, o filho do casal.

Aparentemente Nathalie era uma rapariga meiga, sem ambições, ou pelo menos assim foi durante três anos. Em 1967, contra a vontade do marido, surge como atriz em «A Face de um Anjo». Pouco depois Alain pede o divórcio. Separam-se, tornaram a viver juntos e de novo se dividiram.

«O casamento falhou, mas os nossos sentimentos são sempre os mesmos», explicava Nathalie a quem lhe perguntava como «aquilo» acontecera. E dizia coisas ainda mais desconcertantes, como por exemplo: «Quando encontro um homem que me agrada, se posso passar um mês ou uma semana ou uma hora maravilhosa com ele, faço-o. Ninguém pode viver a vida sem sentimentalismo».

Em Outubro de 1968 explode o «caso Markovic». Stepan Markovic, secretário e guarda-costas de Alain Delon, é encontrado transformado em simples cadáver num depósito de lixo dos subúrbios parisienses. Como o seu antecessor, era também jugoslavo. E os dois jugoslavos tiveram outro traço comum: foram assassinados poucas semanas depois de se despedirem do serviço de Delon.

Durante três anos Markovic viveu sob o tecto dos Delon e partilhou com ambos da vida mundana que levavam, cheia de «parties» (muitos deles duvidosos), jogos de azar, férias em Saint-Tropez e em Mégève

Investigando o assassínio de Markovic, a Polícia descobriu uma pequena agenda com nomes proeminentes — senhoras da sociedade, actores e actrizes famosos, cançonetistas e até políticos importantes. No meio deste ramalhete interessantíssimo havia figuras da notória má-vida francesa, principalmente de traficantes clandestinos que constam de registos policiais.

«A agenda é minha», declarou Na-

(Continuação da 15.ª página)

O CARRO VERMELHO ultrapassou o azul na recta, aproxima-se da curva em boa posição, pelo lado de fora O condutor acelerou já a curvar e não segurou mais a direcção A frente levantou-se as rodas giraram sem nada por baixo, o carro voltou-se, rápido, no ar para tombar pesadamente na berma da pista Três outros carros curvaram nesse momento e perderam-se na recta, uma vez mais Não houve pânico na multidão nem gritos histéricos isolados Apenas um adolescente berrou, irritado: «Vira-me lá isso depressa pá»

Os olhos dos que esperam vez poisam-se impacientes nos volantes: habituaram-se à escala menor dos «Fórmula 3» e a ilusão é quase perfeita. Pode chover à vontade que as pistas não se inundam nem os pilotos se queixam da falta de estabilidade.

«Durante dias e dias pode queimar-se tempo vendo os carros a correr ou a comandá-los». Gente jovem a preencher a vida de qualquer maneira: até que se olha para o relógio...

OS SIMULADORES

Não há paragens para reabastecimentos nem para apertar uma roda, nestas corridas de «Fórmula 3». As pistas não têm «boxes» para as meninas de calças e lenços nos cabelos se sentarem, fumando, por detrás dos óculos escuros.

Os assistentes não necessitam de binóculos. As pistas são visíveis em toda a sua extensão e as curvas não importa que sejam apertadas, pois não cobrem a visibilidade.

Durante dias e dias pode queimar-se tempo vendo carros a correr ou (melhor) a comandá-los por detrás de volantes, sem gastar gasolina

Lisboa e arredores têm diversos locais onde se pode fazer tudo isto dum modo que não envolve toxicidade de escapes nem ruídos de motores potentes. Esta nova forma de divertimento é a réplica-69 aos matraquilhos e ao «snooker» de há quinze anos Para se gozar o prazer de conduzir um carro a alta velocidade numa pista é preciso pagar. Por isso há quem também chame, a estes locais, «antros de modernos e diferentes caça-níqueis», apesar de aqui se pagar unicamente em troca de momentos de divertida e estúpida emoção. É uma emoção menor, falsificada, mas uma emoção: principalmente se houver possibilidade para competir.

Jovens sem idade para ter carta conduzem potentes bólides nas pistas ou sentem as atribulações de um percurso difícil, penalizado por uma luz vermelha sempre que os reflexos falham

Também há menos jovens que ocasionalmente substituem um «whisky» num bar pela desopilante «aventura» de volante nervoso.

Isto são os simuladores. Salas com pistas de mini-carros conduzidos à distância através de um volante, semelhante em tudo ao de um carro desportivo. Simuladores são os que simulam.

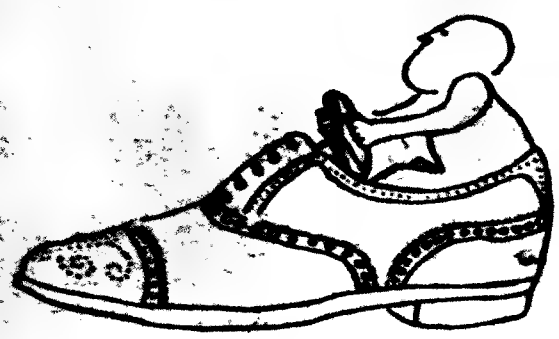
«Esta nova forma de divertimento é a réplica-69 aos matraquilhos e ao «snooker» de há 15 anos». Mas é preciso pagar para se gozar o prazer de conduzir um carro a alta velocidade numa pista

E estes, assim chamados simplesmente, são a perfeita simulação das situações que podem emocionar um homem conduzindo uma máquina em movimento. Não há muitos centros de simuladores. Mas há os suficientes para uma clientela seleccionada por um determinado «standard» de preços Os jovens estão lá. Porquê?

PERFIL DE UM VOLUNTÁRIO-TIPO DA SIMULAÇÃO

Se por acaso encontrássemos um jovem frequentador de simuladores disposto a falar de si próprio, ele fala, certamente, como a «Mosca» vai escrever, depois de os seus repórteres terem volteado, como mosquitos durante dias, nos simuladores.

— Tenho 17 anos, ando no sexto ano porque já chumbei um. A coisa este ano não vai mal. Os meus amigos lá de casa chamam-me Piconé, mas o meu pai tem um nome muito mais bonito e conhecido, que é também o meu, mas que eu não digo por ser muito conhecido. Gramo à brava os simuladores. Acho que este tempo que aqui passamos é bestialmente divertido. Os meus pais não se importam que eu venha cá. Só se chateiam quando gosto massa de mais nisto. De resto, o que se pode fazer quando não se estuda e se põe a chover? Claro que não é só quando chove ou não tenho de estudar que venho para aqui. Os simuladores entraram já nos seus horários De manhã tenho o colégio, à tarde os simuladores. Estudar? Bom, estudo de noite: às vezes. Este ano não tenho exame,



portanto não há grande problema. O que me rouba mais tempo são as explicações. Leituras?! Sim, leio de vez em quando. Mas não gosto muito. Ah, claro! Claro que vou ao cinema. O pior é que gosto de filmes policiais e de «cow-boyadas» e muitas vezes não há. Agora os simuladores são mesmo uma coisa porreira. Então para mim, que sou doido por corridas de automóveis! Não perco uma em Monsanto e vou muitas vezes à Granja do Marquês. Leio o «Motor» e compro revistas estrangeiras de automobilismo. O meu pai disse-me que quando entrar para a Universidade me deixava tirar a carta e me dava um automóvel. Quero ver se o convenço a comprar-me um «Cooper», mas ele ri-se e a minha mãe diz que tem medo. O que eu gramava era um «Cooper» ou um «Honda» de «sport». Mas por enquanto entretenho-me com isto, que é bestial. Já faço o percurso do «Lotus» sem penalidades. Não: correr, pròpriamente

«Tire o pé da embraiagem e acelere devagar»

não gostava muito. Mas queria ter um carro com dois carburadores, bem afinado e a puxar bem. Já pensaram nas garotas que um tipo arranja assim? Os meus pais é que não me deixam emancipar já para tirar a carta. Mas guio às escondidas...».

O ambiente do mais conhecido centro de simuladores lisboeta é confortável. Um bar num canto, «maples» em volta. Dá para conversar, beber e aguardar sem impaciências. Que se bebe mais? Sem dúvida que «bicas» e refrigerantes. Destes, o «spur» leva vantagem. Café e cola batem, portanto, os «records». Whisky» e «brandies» espreitam das prateleiras. Mas só de noite estes têm maior consumo, pelos clientes de idade e bolsas mais adultas. À tarde os frequentadores são demasiadamente «teen-agers».

O «LOTUS» DA ILUSÃO QUASE PERFEITA

Quem vai a uma sala da periferia da Praça do Chile — a mais conhecida de Lisboa — tem duas maneiras de se divertir: ou conduz minicarros, volante ligado a um contador-taxímetro que fecha a «ignição» depois de quatro minutos que valem cinco escudos, ou se senta numa autêntica carroçaria de um «Lotus» fórmula três.

«Tire o pé da embraiagem e acelere devagar, adiz a menina que ajuda os candidatos à ilusão quase perfeita de conduzir um bólide. E o «écran» traseiro mostra uma pista cheia de cartazes anunciadores de pneus e nódoas de óleo, porém vazia de público. E ali vai o novo Fângio correndo à desfilada, ao gosto do pé nervoso e exigente, sentindo-se um verdadeiro Graham Hill, embora o pouco treino o atire, muitas vezes, para as faixas relvadas e marginais. A sala está na obscuridade. Apenas no rectângulo branco, ao nível do chão, a pista corre, corre, contra o carro parado que vai movendo as rodas suspensas e trepidando como se no seu ventre crepitassem os cilindros que responderiam às exigências daquele rosto congestionado e atento.

Só à custa de muitos 20 escudos (quanto vale cada quatro-cinco minutos da ilusão quase perfeita se consegue fazer um percurso limpo (até parece hipismo...). Mas porque não insistir, se há tempo e dinheiro e falha de preocupações mais fortes e sérias?

«Um bar num canto, «maples» em volta. Dá para conversar, beber e aguardar sem impaciências»

BOM NEGÓCIO

Que isto dá dinheiro, garante-nos a permanência quase constante de clientes. Quanto, já é coisa que os proprietários não dizem. Mas dá para pagar a simpáticas e fardadas meninas recepcionistas e oferecer o conforto que a «qualidade» típica dos frequentadores exige.

— Salas como esta são frequentes em Londres. Só agora cá começaram, mas os jovens estão interessadíssimos. Eles querem divertimento. A gente propicia-o. Que nos podem apontar? — perguntava a um repórter da «Mosca» o sr. A. Domingues, sócio-gerente dessa casa-pioneira no ramo.

Em Cascais, no coração de uma juventude farta e despreocupada, outra sala com simuladores surgiu. Assinala novo êxito comercial.

Qualquer dia as moscas só podem poisar em salas de simuladores. São centros alienatórios, diz o leitor? Ora essa!!! Vá, amigo, vá a uma dessas salas — é a «Mosca» que o aconselha — e verá que não é bem assim. Basta olhar para a carinha composta de um desses jovens agarrados ao volante, mordendo a língua e quase pondo os olhos em bico, para verificar que não é assim.

Além disso os médicos não proíbem. Pelo contrário. No outro dia, um cirurgião cujo nome não vem ao caso até deixou um doente no bloco operatório à espera, enquanto dava umas voltinhas. E o estúpido do doente só perguntava pelo médico, e este trepidantemente curvando e endireitando a direcção, enterrado no simulador, esquecido da hora da operação. Vá, pergunte-lhe se os simuladores são alienatórios, que ele responderá (com a mosca): «Oh, que chatice, as operações...».

— Agora desculpem. Deixem-nos ir dar uma curva. É o vício...

RETRATO DE FAMÍLIA

Apesar do cargo, o general Dayan (foto Hara-Kiri) é um dos homens mais pacíficos de Israel. Ei-lo em traje civil, longe dos cuidados da guerra

PRONTO-A-VE$TIR

reportagem de
Maria Aurora
serviço fotográfico:
**João Ribeiro,
Salvador Ribeiro e
José Tavares**

O pronto-a-vestir [illegible] de hoje [illegible] mas hoje
guando as el[illegible]ia falam de
"Pronto-a-[illegible] o que não é
muito exacto [illegible]ma indústria
a exp[illegible]ma da
elegância por pouco [illegible] E muito dinheiro
para cumprir [illegible] Muito $ Muito
dinheiro [illegible] **$$$**

O homem e o pronto-a-vestir (na boutique de Paula Ribas)

A gente moça é um consumidor em desenvolvimento (boutique Tara)

HÁ mais de meio século que o pronto-a-vestir chegou a Portugal. O grande empório da indústria do vestuário que é a zona de S. Paulo, desenvolve, já lá vão uns bons 50 anos, pelo menos, essa modalidade de comércio com destino a uma clientela de marítimos e de provincianos. O «Grandella» e o «Chiado», duas casas de velha tradição, acompanharam a política dos grandes armazéns do género «Selfridge's», «Woolworth» ou «Galerie Lafayette», introduzindo o pronto-a-vestir em Portugal numa época em que o dia-a-dia da cidade tinha horas livres, vida pacata e mão-de-obra a baixo preço.

Teoricamente, o pronto-a-vestir parte de um princípio económico elementar: o de baixar o custo de produção através do fabrico estandardizado. Mas há outros aspectos que contam: a influência da alta-costura que pretende alargar o mercado das suas patentes ao vestuário em série, o fomento do poder de compra e a integração da moda nos novos ritmos da vida social.

«TRAPOS»... SEM OFENSA, MINHA SENHORA

Indústria de «trapos» — como se diz em linguagem (feminina) elegante. Trapos cosidos, aqui e ali, num quarto sombrio de costureira de bairro ou montados em grandes «ateliers», com batalhões de modelistas e aprendizes. «Trapos» prontos a usar — com ou sem Chanel — uma indústria que prospera sob a bandeira da elegância e da economia. Quem comanda esta operação? E qual a verdade do pronto-a-vestir?

A margem do «trapo americano» (muito exclusivo das tiboetas de razoável poder de compra) e o «trapo português» (leia-se: Feira da Ladra) estende-se um roteiro elegante de pronto-a-vestir. São as capelas de alta-costura, as *boutiques*, os *dugatores* da Avenida da Liberdade ou da Avenida de Roma. Algumas destas casas têm largos anos de prestígio na sociedade portuguesa, são elas que garantem o selo mágico da moda nas reuniões mais exigentes de *tout Lisbonne*.

Maria Luísa Barata-é um desses nomes venerados. Na sua *boutique* constrói-se diàriamente o sucesso feminino com criações nacionais e com todas as etiquetas de renome universal. Carnaby Street, Rue Longchamps, Ferrand, Dior, Mary Quant, Valentino — todas as eminências da moda estão representadas naqueles salões. Entre espelhos e lustres, o pronto-a-vestir desfila com o requinte das grandes tardes elegantes e Maria Luísa Barata justifica-o:

— A mulher de hoje não tem tempo para provas e recorre ao pronto-a-vestir. Mas mesmo tendo tempo, quando sonha um vestido, depois de o ver feito não o acha parecido com o que tinha idealizado. Assim, numa *boutique*, vê, prova e, se gosta, compra.

— E os preços? A nossa mulher tem, a seu ver, bom poder de compra:

— Tanto visto gente de sociedade, como senhoras e jovens empregadas. De um modo geral, estas clientes sabem o que querem e compram muito bem.

— Sendo a senhora uma modista acha que o pronto-a-vestir lhe tirou clientela?

— Penso que não. Tenho clientes muito antigas que preferem, ainda, as provas. Mas as filhas, as raparigas novas é que geralmente não têm tempo nem pachorra para prover.

— Quanto pode custar um vestido na sua *boutique*?

Maria Luísa Barata olha à volta, indecisa. E depois:

— Depende. Tanto pode custar 200$00 como vinte e cinco contos.

(Olho-me no alto espelho que tenho à minha frente. Caseco simples, insignificante, cabelo a precisar de cabeleireiro há muitos dias. Lá no alto lustres deslumbrantes e dentro de mim dois limites de fantasia: duzentos escudos ou vinte e cinco contos por um vestido. Sim, vinte e cinco contos! Tive-o na mão... uma autêntica miragem!
E o de duzentos escudos?)

«AS PESSOAS, MUITAS PESSOAS, ENTRAM SÓ PARA VER»

Chiaco. Hora do chá. A «Benard», ai, a «Benard»! É toda ela, cheiro de lacas «chics», peles de bom gosto, comezainas de maledicência (muito bem)... A «Benard» é passagem-zona das tardes na Baixa, ponto de referência para as compras e para os encontros.

A dois passos dali, num quinto a[illegible] uma ved[illegible] esclarece el[illegible]. E, fique sabendo, compram mecida instalou o seu palco da mo[illegible]aula Ribe[illegible]ue quaisquer [illegible]es.
que está deserta. Ou antes, há n[illegible]n cliente, u[illegible]centa:
mentos do conjunto «Os Rocka[illegible]n grande poder d[illegible]ra

— De resto — diz Paula R[illegible]tenho muitos c[illegible]
que são meus clientes. Um[illegible]erte das pess[illegible]
tram aqui para ver como [illegible] mesmo assim, es[illegible]
tistaria.

— Acha que a *boutique* é uma solução adequada ao nível

— É evidente que sim. Pensar-se que o pronto-a-vestir sai caro é um erro. Um bom tecido custa dinheiro e o trabalho de uma boa modista também. Há ainda a economia do tempo, que também conta...

— Antes de montar este negócio, Paula Ribas, onde se vestia? Em *boutiques*?

— Não. A minha mãe é modista de alta costura. Tinha o problema resolvido.

(Alta costura... boutique... pronto-a-vestir. A linha natural de uma evolução de gerações. De mãe para filha, a moda segue um caminho de democratização, como dizem os teóricos. Mas será realmente «democratização»? — pergunto a mim mesma, subindo o Chiado em plena tarde).

«AS RAPARIGAS EMPREGADAS SÃO AS QUE COMPRAM MELHOR»

Rossio. Os pombos esvoaçam, um fotógrafo ambulante finge que tira fotografias para captar o cidadão em trânsito. As vendedeiras de flores são ryotos velhos entre o grito colorido das bervaças...

Mas à esquina da Rua Augusta, aos balcões da Loja das Meias a beleza tem outro sinal. Uma beleza sofisticada exibida por um batalhão de lindas raparigas impecàvelmente maquilhadas. Costa sabe escolher! Um vestido precisa de belos rostos que o sirvam, que o mostrem — pelo menos. Rostos simpáticos? Bem... é conforme as opiniões. Do que não há dúvidas é que, para além da beleza, as raparigas têm aquele jeito de enobrecimento tão do agrado de certa freguesia.

Loja das Meias, quartel-general do bom-gosto, com as suas montras que adquiriram prestígio. Costa sabe escolher — repito. É uma arte que vem de gerações e que se continua pelo mais novo dos grão-mestres da moda, Pedro Costa, filho.

Um homem up-to-date. Visitas regulares aos mercados de Itália, da França, da Inglaterra e da Alemanha. Um observador atento e esclarecido que não pecisa com complicações de gosto. Segundo ele, o pronto-a-vestir é uma realidade que se impôs, é absoluta já não é apenas do gosto social, mas bem instalada.

— As raparigas empregadas recorrem muito ao pronto-a-

UM PRO[illegible]OP

A decoração é ao gosto psicadélico. Grandes painéis em arabescos garridos com óculos redondos a servirem de montra, e em letras «pop» o nome da casa: O Outro Lado da Lua. Se o outro lado é assim, os cosmonautas decerto que o não viram porque não tem nada a ver com a paisagem soturna e desoladora das fotografias que enviaram para Terra.

Não. Aqui tudo é vivo, alegre, cheio de juventude. Um verdadeiro pronto-a-vestir na linha «pop». Bolsas, cintos, fatos de cabedal, enfeites vários, expostos em formas de plástico suspensas do tecto por cadeias de metal. Ao fundo um bar e um «écran» onde se projectam filmes mudos da época Max Linder-a-redondezas.

É uma loja e é um local de convívio de gente nova. («Fizemos uma coisa diferente onde os nossos amigos se podem reunir, como se estivessem em casa...» — palavras de uma das empregadas)

(Retiro o termo. «Empregada», não. Prefiro dizer «hospedeira». Ou «recepcionista». É que o ambiente aqui tem muito pouco de comercialismo convencional e há um tu cá, tu lá de «bom tom» que marca distâncias.)

Uma jovem, a senhora Pinto Coelho, que há bem pouco tempo era apenas dona-de-casa, orienta a recepção. É ela quem põe os pontos nos i, em frases directas e seguras.

— Pronto-a-vestir? Mas é uma necessidade para os jovens de hoje. E os jovens têm um poder de compra que nos [illegible]. Se gostam dum artigo não têm problemas em dar um conto de réis por ele.

— Não têm problemas? — pergunto. — Nesse caso, trata-se de um núcleo de gente abastada, com certeza.

Que não, que não se tratava de gente tão privilegiada como isso — responde-me a voz de Outro Lado da Lua. E garante-me, com voz firme e tranquila, que todos os moços e moças («alguns que de todo nem conheço», sublinha) dispõem de excepcional poder de compra.

— Antes assim — remato eu, à maneira de despedida.

E saio. De um *Triumph* de sport esta um casal de jovens. Cruzam-se comigo à porta da *boutique*, olvidando para trás a rua pardacenta da Baixa Salgueiro.

(Regresso a pé, Avenida abaixo, e pisando terra firme, eu longe desta pseudo a escorrer chuva, capa de pingos dos ombros e dos rapazes que vendem bilhetes. O Outro Lado da Lua está longe. Inacessível. Com o seu bulango de jovens modernos a recolherem

A Outra Face da Lua: *um outro mundo (pop) para uma outra juventude*

Pronto-a-vestir infantil em plena Feira da Ladra

Matelma: primeiros passos no território da moda

uma clientela que, antes assim, vive no planeta e convive no satélite.)

UM OUTRO LADO DA TERRA

A juventude é um bom mercado. Não são só os especialistas de *marketing* que o dizem, é a demonstração prática dos factos que o confirma.

E aqui está a *Tara*, outro pronto-a-vestir para jovens, que foi estudado e fornecido com o objectivo de «tarar» pelo bom gosto. Um momento. Há uma ressalva a fazer: na *Tara* a clientela *já não é* exclusivamente jovem. Hoje as mães, quando acompanham as filhas nas compras, são tentadas frequentemente a «alinhar» por um estilo semelhante — e acabam por adquirir também.

— E os rapazes compram muito?

— Tanto como as raparigas. Muitas delas vêm com o noivo ou com um simples amigo e seguem quase sempre as opiniões dele.

— Os vossos artigos são importados?

— Não, é tudo feito cá. Temos fábrica própria. Na confecção seguimos a moda internacional e executamos depois. Assim, tudo é mais acessível, principalmente à gente nova que é, economicamente, a menos favorecida.

A Tara, embora jovem, embora optimista, tem um outro lado de ver o problema e com cores menos psicadélicas do que o pronto-a-vestir da Baixa Salgueiro. ....

DO CHIADO PARA A AVENIDA DE ROMA

Chamava-se Aripe e ficava no Chiado. Mudou-se para a Avenida de Roma e pôs grandes letras a néon na fachada: *Tutti-Mundi*. A partir de então os *tutti quanti* que pretendem um disco, uma bebida ou qualquer serviço de *drugstore* vão ali. Os jovens também não faltam: entram no bar, vigueiam pelo restaurante, de mão dada ou abraçados e por vezes sobem ao pronto-a-vestir que ocupe uma vasta área do primeiro andar.

Pronto-a-vestir para jovens? Não, para *tutti mundi*, «para gente de todas as classes sociais», como me diz a gerente.

— Donde importam os artigos [illegible] — pergunto-lhe.

— De França e da Inglaterra.

— Acha que as senhoras seguem [illegible] moda francesa do que a inglesa?

— Não. Vão mais pelo estilo ing[illegible] mais prático e funcional. Actualmente a senhora at[illegible]idade é muito mais ousada a vestir e por isso a[illegible]ssa ajusta-se-lhe mais. Tem um ar menos form[illegible]

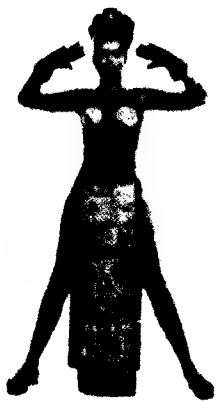
— Como a juventude, de resto [illegible]ude tem os olhos em Carnaby Street.

— Oh — exclamou o gerente [illegible] — mas esse

(Continua na página seguinte)

Os noivos e os namorados têm uma opinião decisiva no negócio do pronto-a-vestir

Um vestido (de 25 contos) pronto a vestir.
Tecido pintado e bordado à mão; lentejoulas de cor e missanga.
Modelo Jacques Esterel, boutique *Maria Luisa Barata*



moda é cara e, entre nós, só relativamente há pouco tempo é que a gente moça começou a dispor de dinheiro para se vestir com alguma independência

(Faço um balanço rápido: A Loja das Meias põe a moda francesa como linha de rumo do estilo feminino, o Tutti-Mundi aponta o norte para Londres... Entre a Baixa e as Avenidas a distância de opiniões alarga-se a centenas de quilómetros.)

DE PEQUENINO É QUE SE APRONTA O MENINO

Eles brincam, correm e saltam enquanto as mães percorrem vitrinas e despejam cabides. Depois experimentam casacos e calções diante do espelho, com ar compenetrado de pessoas crescidas. De vez em quando amuam, têm as suas predilecções muito individuais e insistem se for preciso até às lágrimas. São assim. Na qualidade de clientes mais novos do pronto-a-vestir, fazem de uma maneira muito pessoal a sua entrada no mundo da elegância. A *Materna* é para estes futuros *gentlemen* ou para estas futuras *ladies* o primeiro estágio para um dia frequentarem a Maria Luísa Barata ou o Pestana & Brito.

Materna, o pronto-a-vestir da infância, segue a corrente geral do comércio. «As mães» — diz-me a gerente — hoje em dia não têm tempo para andar com os filhos de prova para prova. Além disso provar uma criança é extremamente difícil.»

Feira da Ladra. «Um casaco para a criada...»

O resto não oferece novidade. As razões do pronto-a-vestir infantil são as que se apontam para os outros casos: economia de mão-de-obra, necessidade cada vez maior de variar o vestuário, etc

O TRAPO PORTUGUÊS

Ao contrário do «Trapo Americano» (que é de bom tom) o trapo português tem uma tradição de séculos e instala-se ao ar livre no terreiro da Feira da Ladra. Nesse bolsa do pronto-a-vestir a senhora Arminda é eminência a considerar.

— Estou no negócio há quinze anos — declara ela aos quatro ventos — vendo bem, conservo as minhas freguesas e quando digo que uma peça é boa é porque é mesmo boa

— Como se abastece?

— Ando de casa em casa. As pessoas da «alta» vendem aquilo que já não lhes interessa

Gorda e simpática, a senhora Arminda assenta as majestosas ancas num caixote de pinho. À frente dela, desdobra-se um arsenal de roupas interiores, casacos de malha de artesanato caseiro, sapatos, saias em terceira mão (mas ainda em bom estado)...

— Quanto ganha por peça?

A senhora Arminda encolhe os ombros, indecisa E depois:

— É conforme. Tanto posso ganhar três escudos como cinquenta. Mas não exploro nada. Conheço bem o ramo e as minhas clientes que são gente de trabalho. Gente modesta, compreende?

(Compreendo. Basta olhar à volta. Há, porém, uma senhora, tipo média burguesia, que se interessa por uns paninhos bordados, antigos. Olha-os atentamente, volta-os, levanta-os à luz... e acaba por levar um casaco de xadrez e uma saia de flanela.

«Não é para mim», diz ela à senhora Arminda, em tom de justificação. «A minha criada pediu-me para passar por cá...»)

PARIS-LONDRES NA FEIRA DA LADRA

— Chamo-me Purificação, vendo roupas usadas há oito anos e tenho sempre coisas muito boas para vender. Coisas de valor, minha senhora. Vestidos de gala, calças com bandas de cetim e «smokes».

Purificação, mulher magra e de grande cordão de ouro ao pescoço está dez ou quinze metros distante da senhora Arminda. Dez metros a sudoeste dela e muitos mas mesmo muitos furos na prestígio de clientela.

— Tenho vendido aqui, saiba a senhora, muitas peças que foram compradas no estrangeiro. Em Paris, é não sei mais onde...

— E quem são as suas freguesas? — pergunto-lhe.

— As minhas freguesas? — Purificação tem um breve sorriso de pessoa instalada que não teme nem deve. — Fique sabendo a senhora que não é gente rasca nenhuma. Pessoas de bom aspecto, sim, senhora. Há sábados em que chego a vender cem peças.

— Cem peças?

— Cem peças, sim, senhora. O Micas! Chega aqui, Micas, que é para não me deixares mentir.

Micas, uma rapariguinha pálida, de permanente frisada e grandes olheiras, aproxima-se com ar desconfiado.

— Diz lá, Micas, quantas peças vendeste tu hoje.

— Aí umas sessenta.

Purificação deita-me um olhar firme, de desafio Um olhar tão penetrante que mesmo quando me afasto por entre o burburinho das tendas da Feira da Ladra o sinto a pesar sobre mim, como se me perseguisse.

Evidentemente, Arminda e Purificação representam um pronto-a-vestir marginal. Não são super como alguns comerciantes de feira que vendem roupa nova e pronta a usar. Dão,, no entanto, um limite extremo de comparação — a bolsa do mercado de vestuário na vasta gama das suas metamorfoses. E também elas me afirmaram que «hoje em dia toda a gente quer parecer bem» (Purificação) e que «cada vez mais as freguesas se mostram esquisitas e querem coisas da moda por pouco dinheiro»

«Pouco dinheiro» é uma medida relativa Pode ser 15 contos numa *boutique* da moda e vinte escudos numa barraca da feira. Mas é em nome do pouco dinheiro que o pronto-a-vestir, guardadas as devidas distâncias, se instalou em toda a parte e faz carreira.

UMA SAIA-E-CASACO NO PRONTO-A-VESTIR

Na *boutique* de Maria Luísa Barata:
5 000$00 (Férraud)

Boutique de Paula Ribas:
2 000$00 (etiqueta estrangeira)

Loja das Meias:
2 000$00 (etiqueta estrangeira)

Tati:
1 200$00 (artigo nacional)

Tutti Mundi:
3 000$00 (sem etiqueta)

Feira da Ladra:
200$00 (em primeira mão)

ESTA JOVEM é secretária de uma empresa sueca. Chama-se Teresa Paula Brito e entrou em nossas casas numa noite de pompa da R.T.P. Entrou em nossas casas «buscando um horizonte», mas só encontrou a indiferença que todo o mau poema suscita. Ela, no entanto, não vai desistir da sua busca. Até porque é frágil — e a fragilidade é teimosa...

— Eu cantei por amizade. Cantei porque sou amiga de quem escreveu o poema. Não vou agora discutir o valor do poema. Direi que o poema me agradou porque falava de «esperança». Entendo que, no momento presente, todos os poemas devem falar de esperança. Todos. Cantar a morte não vale. Cantar um amor desfeito não vale. A morte chora-se. Um amor desfeito chora-se também. Mas a vida quer outras palavras, outro ânimo, outras sílabas. Outra toada. Eu não posso aceitar o fado: o fado é derrotista, é passivo, é triste. «Triste» — aqui está uma palavra que nós, portugueses, prezamos muito. Triste, tristeza, tristonho... Talvez seja uma disposição inata, talvez seja a nossa resposta a um determinado ambiente. Pois temos de aprender a cantar outras palavras! Aprender outras palavras e habituarmo-nos a elas. Atirá-las com toda a força aos ouvidos adormecidos. Utilizá-las de maneira a que as pessoas perguntem: «Que é isto?» E, por fim, compreendam que se lhes disse qualquer coisa de novo.

★ Ao colo de Vasco Santana

Teresa tinha 4 anos quando cantou em público pela primeira vez. Cantou ao colo de Vasco Santana para uma plateia que lhe dispensou muitos aplausos. A mamã e o papá ficaram muito satisfeitos — e aos 10 anos, a menina principiou a estudar canto. Objectivo: ela viria a cantar ópera mais tarde... Mas não veio. Não veio porque...

— Porque eu não gostava das aulas. Cantava, sim, mas em casa. Em casa expandia-me, era eu, podia desafinar que não tinha mal. Agora reconheço que a disciplina é necessária mas naquele tempo a aventura era outra. Era a alegria dos anos sem preocupações de qualquer espécie. Cantava porque me apetecia cantar...

— Sem competir com ninguém.

— Oh, sim! Sem competir com ninguém! Livre... Sei onde você quer chegar. Você vai perguntar-me por que motivo entrei eu no Festival R. T. P. da Canção Portuguesa.

(Continua na 15.ª pág.)

«Comecei a cantar na idade em que se tiram fotografias para o álbum...»

O prémio dos grandes: Troféu MIDEM

BOLSA DO DISCO

CONTRARIAMENTE ao que acontece nas grandes capitais os números das vendas do disco não chegam ao grande público. Ficam no segredo das contabilidades.

A Mosca pretende penetrar nessa terra proibida e dá a conhecer os êxitos que nesta semana tiveram mais procura de público. (Cotações obtidas nos Est. Melodia e Discoteca Universal).

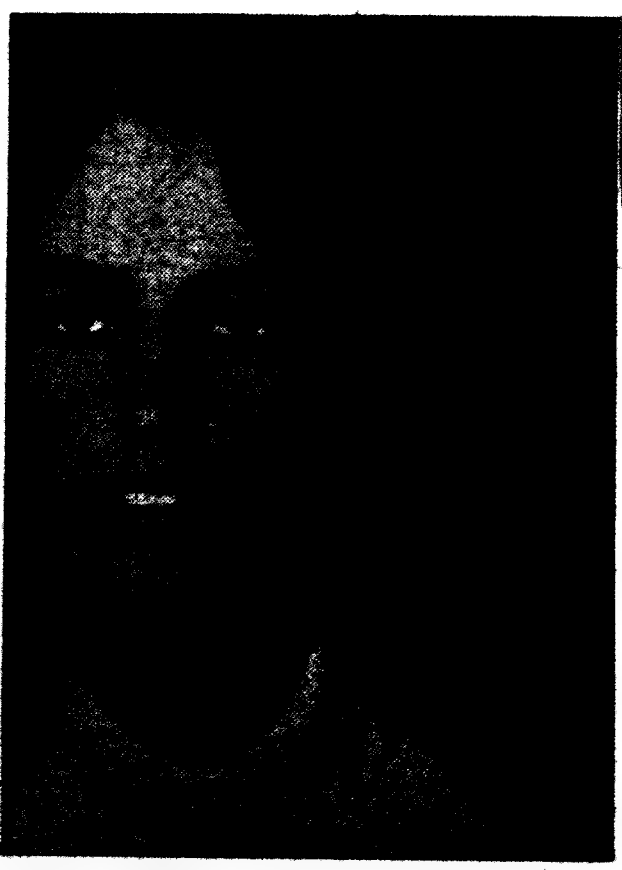
J. P. G

45 rpm

1 — *Atlantis* — Donovan
2 — *Ob-La-Di, Ob-La-Da* — The Marmelade
3 — *First of May* — Bee Gees
4 — *Destolhada Portuguesa* — Simone
5 — *Ob-La-Di, Ob-La-Da* — The Beatles
6 — *Bella Linda* — Grassroots
7 — *Hey Jude* — Wilson Pickett
8 — *Monsieur Dupont* — Sandie Shaw
9 — *Crimson and Clover* — Tommy James and the Shondels
10 — *Ai Chico, Chico* — Amália

33 rpm

1 — *Funny Girl*
2 — *The Beatles*
3 — *Oliver*
4 — *Cantares do Andarilho* — José Afonso
5 — *O Inimitável Roberto Carlos*



JOAN BAEZ

por JOÃO PAULO GUERRA

PERGUNTARAM certa vez a Joan Baez que passaria ela a cantar se as ideias pelas quais se bate viessem um dia a triunfar. Respondeu simplesmente: «Continuaria a cantar, por prazer.»

Chefe de fila, com Bob Dylan, ao movimento a que tem dado todo o seu talento, Joan alia á voz pura e extremamente melodiosa. A coragem e a sinceridade das suas decididas tomadas de posição. Joan tem participado em todas as marchas de protesto, organizadas com o fim de chamar a atenção para as condições de vida do negro americano; participou em todas as grandes manifestações contra a guerra do Vietnam; recusou-se a pagar os impostos para o armamento; foi peça par. incitar os jovens a não comparecer ás juntas de recrutamento enquanto durasse a guerra. Por várias vezes tem declarado que, antes de ser cantora, é uma militante pacifista, integracionista e adepta da não-violência.

A escolha do seu repertório obedece antes de mais á coerência do texto com as ideias que defende, já que, principalmente em cena, ela pretende combater.

Os espectáculos de Joan Baez caracterizam-se pela sobriedade e pela economia de meios usados. Nada mais que a sua bela voz de soprano e a razão dos poemas que canta, opondo-se assim á tradição musical norte-americana do grande espectáculo, ainda hoje mantida por artistas como Sinatra, Sammy Davis Jr. ou James Brown. Sem o disfarce da maquilhagem, nem o apreço do vestuário, sem o recurso á expressão gestual, Juan é apenas voz e razão. Nunca fez a mais pequena concessão ao género de vida da vedeta como jamais se recusou a colaborar, sem qualquer espécie de remuneração que não fosse o satisfazer o seu desejo de comunicar, em qualquer espectáculo.

Nascida em Staten Island, perto de Nova York, filha de mãe escocesa e pai mexicano, foi na Califórnia que viveu a sua juventude e sentiu o drama de habitar um país onde a cor da pele pesa nas condições de vida. A necessidade de comunicar, a consciência de ter algo para dar aos outros, levaram-na a cantar nos «coffee houses» da universidade, mais tarde a participar no festival de Folk-Song em Newport e posteriormente a gravar um L. P.

A popularidade que veio a alcançar, só comparável á de Dylan, Pete Seeger, Peter, Paul and Mary, ou Donovan, artistas que têm de comum as suas opções políticas e filosóficas, fica no entanto a dever-se não apenas ao que canta, mas á forma como canta. Joan Baez é, com efeito, a principal grande excepção á ausência de qualidades vocais que de um modo geral caracteriza a Pop Music. A pureza natural da sua voz garantir-lhe-á um lugar de relevo, um dia que uma nova corrente venha a destronar a actual, ou quando as ideias pelas quais se bate venham a triunfar.

Este ano Abril rege-se por uma carta dos astros extremamente complexa e particularmente nesta semana em que se registam nada menos do que duas conjunções de aspecto maléfico (Mercúrio-Saturno, no dia 13, e Sol-Saturno, no dia 18).
Mas nem por isso o esquema zodiacal deixará de fornecer prognósticos de bom êxito para amenizar o panorama que em princípio se afigura tão inquietante. Nada de desesperos, portanto. As moscas mudam e a sorte também.

os astros — NA SAÚDE - NO DINHEIRO - NO AMOR

OS MAIS FELIZES...

...NO AMOR

GÉMEOS (21 Maio-20 Junho) — Os naturais deste signo têm nesta semana um invulgar período sentimental, para os indivíduos não comprometidos matrimonialmente. A influência de Marte far-se-á sentir de forma extraordináriamente benéfica nas jovens e nas divorciadas. Um idílio prometedor anuncia-se no firmamento dos bons astros.

...NO DINHEIRO

BALANÇA (23 Set.-22 Out.) — Os nascidos neste signo nada têm a temer no capítulo de negócios e de assuntos financeiros. Pelo contrário, Plutão proporcionará possibilidades materiais inesperadas, que Júpiter tornará mais ràpidamente frutuosas com a intervenção de certos acasos e surpresas agradáveis. Período propício a investimentos e a audácias económicas, não exclui a possibilidade de trazer a

solução de problemas que há muito se arrastavam no campo judicial (partilhas, indemnizações, etc.).

...NA SAÚDE

SAGITÁRIO (Nov. 23-Dez. 20) — Nas primeiras semanas da Primavera Júpiter, o planeta to-

do-poderoso deste signo, garante boas protecções á saude dos indivíduos nascidos nestes meses de Inverno. Atenção, contudo, aos excessos alimentares e, muito em particular, ao fogo e aos objectos cortantes.

OS MENOS FELIZES...

...NA SAÚDE

AQUÁRIO (20 Jan.-18 Fev.) — Desde 1 de Abril, em que o paralelo Mercúrio-Urano predispõe a acidentes de certo modo graves, os indivíduos deste signo estão sujeitos a perturbações gastro intestinais e, noutros casos, a incómodos de origem gastro vascular. Atenção aos acidentes profissionais. A semana acaba, porém, com um sinal de opti-

mismo porque a partir do dia 18 (Lua Nova) as suas relações sociais ou amizades trar-lhe-ão pequenos êxitos.

...NO DINHEIRO

ESCORPIÃO (23 Out.-22 Nov.) — Decida-se por uma atitude austera e económica porque, nesta semana e até ao dia 18, a vida financeira sofrerá

reveses e dar-lhe-á uma certa sensação de instabilidade. Urano, que reina sobre os problemas domésticos, poderá trazer-lhe algumas compensações, mas não conte excessivamente com elas...

...NO AMOR

GÉMEOS (21 Maio-20 Junho) — Sim, no plano sentimental esta semana é simultâneamente feliz e infeliz para os nascidos neste signo. Enquanto os solteiros verão a vida cor-de-rosa, nos lares a harmonia conjugal sofre a ameaça de concretizar certos desentendimentos que há muito se anunciavam. Prudência e compreensão... e, sobretudo, nada de decisões caprichosas. Se exer-

ce uma actividade comercial seja cauteloso: certas intrigas e conspirações do meio começam a dar os seus frutos negativos.

RENÉ CHAPSAL

PASSA-TEMPOS

A LINHA DIABÓLICA

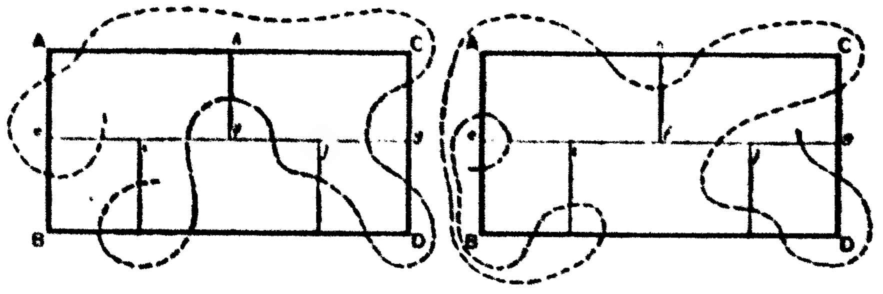
Desenhe um rectangulo ABCD

Divida-o em cinco partes conforme o desenho abaixo.

Veja se consegue passar UMA SÓ VEZ, e SÓ UMA, por todos os sectores com um traço contínuo.

Não importa as voltas que dê com esse traço, desde que não se cruze nunca com ele mesmo

A título de xemplo, damos duas tentativas que, como se vê, resultaram falhadas visto que, na figura da esquerda, a linha não passou pelo sector hC e, na figura da direita, ficou de fora o sector if.

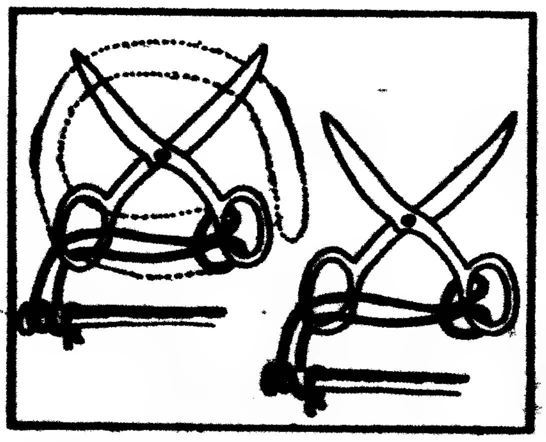


Este problema é uma autêntica obsessão. Uma vez tentado, dificilmente conseguirá escapar à tentação de o resolver. E fará dezenas de experiências antes de desistir. Disso estamos nós certos.

COLABORADORES

A Mosca convida os seus leitores a colaborarem nesta secção de Passatempo (excluem-se charadas, hieroglifos, anagramas, xadrez, saltos de cavalo, palavras cruzadas, etc.) com o envio de problemas geométricos, matemáticos, paciências e labirintos, que serão remunerados contra publicação.

AS TESOURAS

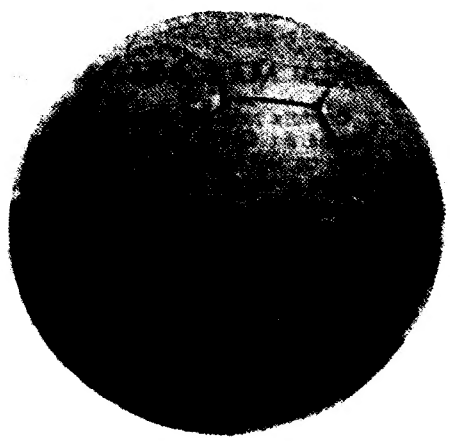


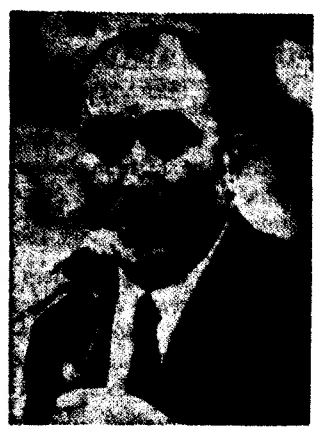
Temos à esquerda uma tesoura atada com um cordel, cujas pontas estão por sua vez amarradas a um cabo de madeira (ou podem ser seguras por um interveniente no jogo). O truque consiste em libertar a tesoura do nó sem a desatar — nem cortar — o cordel.

Solução? Muito simples: passa-se o extremo do nó pelo orifício da pega contrária e dá-se uma volta completa (ver figura da direita).

O jogo tem mais piada se for feito com uma tesoura grande, de alfaiate. Um dos intervenientes segura as pontas do cordel, outro segura bem a tesoura (que largará no momento preciso) e o [illegible], [illegible] a tesoura com um laço, [illegible] o truque sem [illegible] ver. Palmas para este senhor!

PORQUÊ SER PRESIDENTE?





Fernando Martins

Romão Martins

Dr. Borges Coutinho

TRÊS HOMENS de idade aproximada e de extracções diferentes entraram há meses numa corrida que agora e aqui, neste País, se pode considerar importante: a da presidência do Benfica.

Quem chegar primeiro à meta será o novo presidente desse «Estado» dentro do Estado Português.

(Ser presidente do S. L. B. é um cargo importante. Um forte cartão de visita. Um acesso garantido à figuração pública. É estar na liderança da mais forte máquina de relações públicas nacional. Ninguém duvida que o Benfica hoje é mais importante na projecção internacional do nome do nosso País do que as conservas de peixe ou o vinho do Porto).

As eleições de qualquer grande clube português interessam sempre, compreensivelmente, a dezenas de milhares de pessoas que se entusiasmam não só pela animação invulgar dos períodos livres eleitorais mas também pela possibilidade rara de poder exercer o direito de participar.

As mais diversas fontes, de tendências políticas, sociais e clubísticas diferentes, não vacilam em afirmar que ser presidente de um clube dá, normalmente um prejuízo financeiro considerável». Porquê, então, pessoas interessadas em ser presidentes de colectividades desportivas importantes? Porquê, então, tanto interesse?

Dois dos três candidatos às últimas eleições presidenciais benfiquistas pode dizer-se que ambos têm mais um traço comum nas suas vidas: Fernando e Romão Martins têm o mesmo apelido e são ambos «self-made-men». O primeiro enriqueceu à custa do seu esforço na construção civil; o segundo construiu a sua sólida fortuna e robusta reputação engordando e vendendo frangos. Estes dois são os candidatos da «Oposição» benfiquista. O terceiro, dr. Borges Coutinho, primogénito do marquês da Praia, bem falante, um «gentleman», encabeça a lista oficial. Este advogado de maneiras distintas e boas palavras acompanha a principal equipa de futebol do Benfica em todas as deslocações ao estrangeiro desde que o «zonze» encarnado ganhou dimensão internacional em 1961.

Que leva, nestas circunstâncias, três homens a despenderem energias, perderem tempo e empenhar-se ao máximo para serem titulares de um cargo financeiramente desvantajoso?

Qual o sortilégio da presidência do Benfica? Embora não dê dinheiro, exercer essas funções não deixa, evidentemente, de trazer vantagens. Pode não se tirar imediatamente partido de se ser presidente do Benfica. Mas, embora caro, o lucro vem depois...

Como poderia o grande público conhecer nomes como os de Joaquim Bugalho, Maurício e Adolfo Vieira de Brito se estes três homens de passado profundamente ligado à administração clubística não tivessem sido presidentes do «Glorioso»?

Nunca deixa de haver quem veja no empenho em ser presidente do Benfica uma ambição escondida, um calculismo não confessado. Mas verdadeiramente isso não corresponde à realidade. Poderá apontar-se este ou aquele de, por tabela, beneficiar de certos negócios que o facto de estar ligado ou pertencer à direcção (não obrigatòriamente ser presidente) favoreceu. Mas, repete-se, isso não é verdade. Em qualquer caso, em qualquer presidência, em qualquer mandato, jamais um presidente obteve benefícios que não fossem os da sua projecção pessoal. Aqui, nisto, é que está o principal fascínio...

AS TRÊS RAZÕES

Se os candidatos à presidência do Benfica não admitem a possibilidade de coligação das suas listas, eles são, no entanto, unânimes em afirmar que «o amor ao clube» é a principal razão da sua tentativa presente para ocupar num futuro próximo o lugar mais importante do principal clube português.

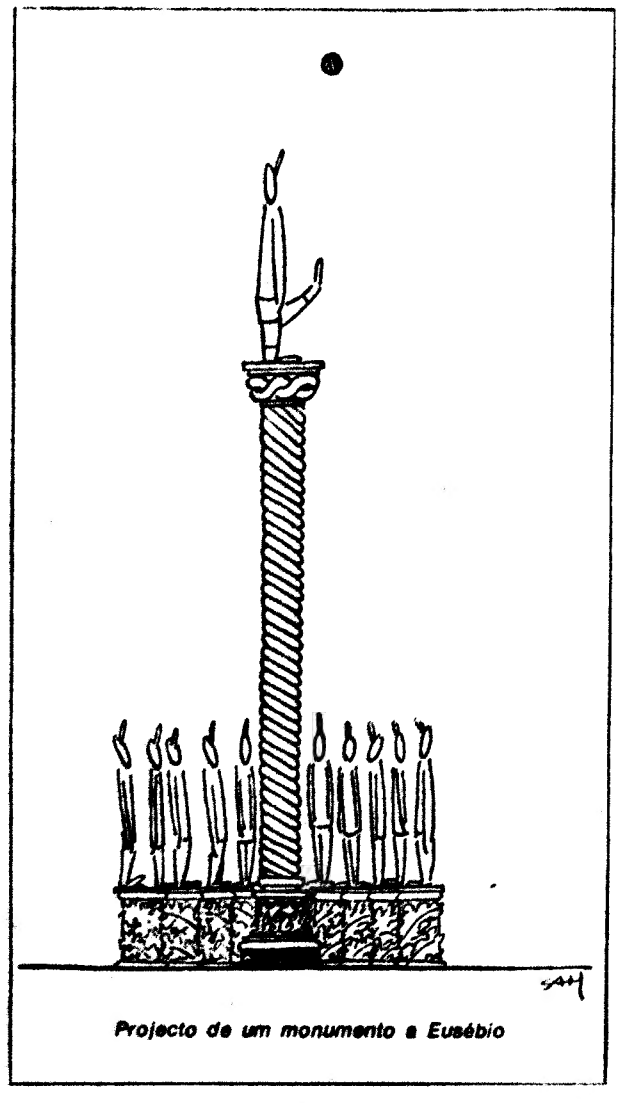
«Carolice» poderá ser a tradução popular das razões apontadas. E neste País, muitas das coisas que andam são movidas por «carolice» e muitos dos que movem coisas são ùnicamente «carolas». A «Carolice», para maior facilidade de compreensão, pode definir-se como o motor do amadorismo. E num meio amador é fácil de perceber, porque «carolas» triunfam.

Mas «amor ao clube» é coisa que não falta a mais de meia centena de milhar de sócios do Benfica. Se houvesse um concurso para apurar quem mais gostava do clube, isso seria tremendamente difícil. Basta ver-se aqueles milhares de seres enloquecidos nas bancadas dos sócios do Estádio da Luz, em dia de jogo e relembrar-se as síncopes cardíacas fatais provocadas por golos disparados pelos pés de Eusébio, Torres, Coluna e Águas para se chegar fàcilmente a esta conclusão: «Amor ao clube» não é razão suficiente. É preciso mais qualquer coisa e aí é que parece que o dinheiro entra...

Ora bem: qual a principal razão íntima, escondida, recalcada, que move um homem para as colunas dos jornais diários e para as manchetes e parangonas da imprensa desportiva se não a necessidade de uma promoção social?

Qual a principal razão íntima, escondida, recalcada, que leva um homem a gastar dezenas de contos num «cocktail party» para apresentar a sua lista (Fernando Martins)? Qual a razão íntima, es-

(Continua na 15.ª pág.)



Projecto de um monumento a Eusébio

ESPIÕES EM LISBOA

(Continuação da 2ª página)

espião, que viera do fogo[illegible] estrava-se deleitado com a calma da cidade em que a vida se lhe afigurava fácil e as pessoas extremamente cordiais» Dispondo de uma rede extensa de contactos («de tal modo que arranjou informadores entre os criados e estava ao facto de todas as palavras pronunciadas em casa do Duque») tendo na mão uma planta detalhada da habitação e jogando com as policias paralelas Schellenberg procurou em primeiro lugar fazer crescer o descontentamento do Duque de Windsor em relação à protecção dos serviços secretos britanicos até os transformar num pesadelo irrespirável Com esse objectivo organizou um acidente no jardim da residência: pedras atiradas contra os vidros e, consequentemente uma busca à casa a que se seguiu uma barragem de boatos lançados pelos criados no sentido de fazer crer que o atentado fora organizado pelos serviços secretos britanicos que, assim criavam um pretexto para reforçarem a vigilancia e apressarem a partida do Duque de Windsor para as Bermudas. Não faltou, até o clássico ramo de flores anónimo, dirigido à duquesa com um bilhetinho bem expressivo: «*Cuidado com as maquinações da Intelligence Service*».

«O RAPTO, PARA JÁ»

«*Tudo isto, é certo, não tinha grande importancia, mas contribuia para criar uma atmosfera de suspeita e de mal-estar*» — confessa Schellenberg «*Tinha de agir de uma maneira ou de outra, pois de Berlim reclamavam noticias a toda a hora (...) até que de repente, ao fim de uma quinzena chegou um telegrama de Ribbentrop. O Fuhrer ordena que o rapto seja organizado imediatamente.*»

Panico do embaixador alemão em Lisboa, von Huene que antevia nesta operação consequências graves para as relações diplomáticas germano-portuguesas. Perplexidade por parte de Schellenberg, que, ao cabo de vinte dias em Lisboa, compreendia que o Duque de Windsor não estava de maneira nenhuma disposto a aceitar um exilio de compromisso, tanto mais que a influência que a mulher exercia sobre ele era decisiva e francamente contrária a essa solução. Um rapto sem colaboração aberta do raptado seria uma operação sem frutos válidos — e Hitler e os seus conselheiros insistiam, como sempre, no lado optimista das informações que lhes chegavam. Aos 30 anos de idade Schellenberg sabia isso de perto. Sabia como Himmler era obcecado por superstições e por palpites misticos, sabia como Von Ribbentrop raciocinava a partir de factores falíveis como «surpresa», «sorte» e «circunstancias de momento» expressões que aplicava frequentemente nas reuniões do Reichstag. Sabia, inclusivamente, como Hitler era crente dos horóscopos e como se guiava por caprichos de grafologia.

Por tudo isso, Schellenberg, embora temendo a ira dos superiores e o desprezo do seu concorrente mais directo Heydrich, decidiu encerrar a questão. No seu palacete de Lisboa o Duque de Windsor resistia às determinações do rei, seu irmão, e adiava de dia para dia a partida para as Bermudas. «Sir» Walter Monckton veio de Londres para o convencer e as medidas de segurança reforçavam-se espectacularmente de dia para dia. Entretanto os espiões de Walter Schellenberg mudavam as suas baterias para outras posições e com vista a outros objectivos. Inexplicavelmente a «Operação Duas Igrejas» tinha sido cancelada mas, como elos de uma cadeia que se perde na sombra, aceitaram o facto como uma vitória ou como uma manobra de diversão necessária.

Só o Chefe da Contra-Espionagem de Hitler sabia as razões desse fracasso. A sua missão em Lisboa tinha acabado e foi com melancolia que comentou mais tarde:

«*No dia da partida do duque, eu estava no salão da torre da embaixada alemã e dali pude observar toda a cena com um binóculo. O barco parecia tão perto que tinha a sensação de que lhe poderia tocar se quisesse. O duque e a duquesa subiram para bordo à hora marcada e vi também Mockton. Por fim, o navio levantou ferro e desceu o largo estuário do Tejo.*»

Casal famoso na rede dos espiões: os Windsor

ANGUILLA EM CINCO PONTOS

ANGUILLA — (do latim «anguilla,ae» — serpente) — Uma das mais pequenas ilhas das chamadas Indias Ocidentais. Tanto a sua extensão como a sua população são [illegible]: [illegible] quilómetros quadrados, [illegible] habitantes. Está situada [illegible] quilómetros a leste de Porto Rico. Descoberta por Cristóvão Colombo, é colónia da Coroa Britânica desde [illegible]. Pequeno e ignorado território situado nos confins do mundo dos homens, a ilha, diz-se, não tem estradas, nem telefone, nem electricidade, nem água canalizada...

UMA MÃE ACTUALIZADA

[illegible] mãe de uma família espalhada pelos quatro cantos do Globo, nenhum Governo inglês subscreveria hoje as palavras [illegible] de Isabel, a Católica, rainha de Aragão e Castela: «[illegible] grandes [illegible], [illegible] provincias e reinos. Mas foi por amor de Cristo e da Sua Santa Mãe».

É pois, enquanto porta-voz de um Governo que prega e pratica a não-violência, que o ministro inglês George Thomson afirmou há dias que «as questões da Anguilla e da Rodésia não podem comparar-se.» «No primeiro caso», explica o ministro, «o uso da força evitou que o sangue corresse, no segundo provocaria sangue».

A FEDERAÇÃO

A Federação das Indias Ocidentais, delineada em Londres pelos quadros do Whitehall, deveria agrupar todas as colónias inglesas das Caraibas. A autonomia politica, concedida em 1958, seria o primeiro acto de um processo paralelo ao que (salvas as devidas proporções geográficas) conduziu na Nigéria à chamada guerra do Biafra, e na Rodésia ao que se sabe. Em 1962, a Trindade e a Jamaica proclamam uma independência à margem da Federação e, a partir de então, o ambicioso projecto britanico fica reduzido a uma associação [illegible] entre três ilhas minúsculas: St. Kitts - Nevis - Anguilla.

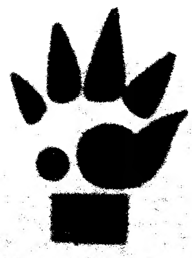
O RATO QUE RUGE

Desde 62, um pequeno rato ruge ao leão britanico. Anguilla acusa o «Governo federal», presidido por Roberto Bradshaw, de «colaboracionismo», de «neocolonialismo» e de «corrupção» popular, proclama a Republica e elege um presidente em Fevereiro de 1969. Por 1792 votos contra 4, a ilha passa a constituir uma entidade politica independente — a Republica de Anguilla.

«Os chefes de Anguilla», diz Bradshaw, «querem a independência para fazer da ilha um antro de vicio e para a entregarem aos traficantes americanos». Segundo Londres, a própria Mafia investiria na independência de Anguilla.

TRAGICOMEDIA

Em 12 de Março o subsecretário do Foreign Office, enviado para inspeccionar e debelar «in loco» a rebelião, é forçado a abandonar a ilha. No dia 21, pára-quedistas desembarcam em Anguilla e entregam o Poder a um comissário régio — Anthony Lee. Nesse mesmo dia, Ronald Webster, o presidente da Republica de Anguilla — negro, [illegible] e protestante na vida real — abandona a ilha a caminho de Nova York, onde procura obter da O. N. U. uma platónica condenação da Inglaterra.



DISSOLVER UM IMPERIO

...E ela como, com os seus negros, os seus [illegible], os seus pastores protestantes e (porque não?) os seus [illegible], Anguilla luta, mais do que pela independência, por um lugar na História e no Mundo. [illegible] (desta vez ou até agora), de [illegible] «não» apoiou uma independência [illegible]. E ela, também, como as [illegible] inglesas [illegible] nas Caraibas mais uma página [illegible] da História do British Empire. O que [illegible] «[illegible]» comentar: «Construir um Império é um esforço. [illegible] é uma [illegible].»

Porquê ser presidente?

(Continuação da 11.ª página)

sondita, recalcada, que leva um homem a dizer que o seu programa será feito a conhecer através da «entrevista à imprensa» sem que este se peça (Romão Martins)? Qual a razão íntima, escondida, recalcada, que leva um homem a deixar em suspenso as notícias para anular o encargo de concorrer como candidato oficial (dr. Borges Coutinho)?

Aqui, «A Mosca» espeta o ferrão, os melhor, torna pública a sua opinião em qualquer dos casos, a promoção social é essa razão íntima, escondida, recalcada. Talvez mais nos dois primeiros casos — Fernando e Romão Martins são homens que triunfaram, que têm dinheiro como há alguns anos talvez não pensassem vir a ter — mas sem dúvida que o advogado de maneiras distintas e boas palavras também sentirá do certo modo mesmo por essa razão íntima, escondida, recalcada. E, até fundo, que homem hoje não tem ambições?

DIFICIL TAREFA

Sejam quais forem as razões, os motivos, os desejos, as esperanças, estes três homens correm para alcançar uma tarefa difícil, espinhosa, que não é de invejar. Toda a gente sabe que a situação de qualquer clube português, mesmo dos chamados «grandes», não é famosa no plano financeiro. Isso tem obrigado até, num passado recente, certos presidentes a abrirem os cordões à bolsa. O futebol de clube, como se sabe não está na melhor fase. As relações clube - jogador poderão agravar-se em qualquer momento se uma revisão necessária aos processos de treino e concentrações não for feita. A grande equipa dos últimos oito anos envelheceu. Aquisições são necessárias no fim desta época. É fundamental manter o nível internacional do «team» para que as receitas continuem proporcionais a essa grandeza. E como? Sim, como o fazer para que um mandato árduamente, dificilmente conquistado não resulte num fiasco?

«Gastar dinheiro no futebol para ganhar dinheiro com o futebol» parece ser o único caminho, e mais certo, a jogada mais em profundidade e esta faz parte do programa de Borges Coutinho. Mas não resulta? Como colmatar a brecha dessa saída de cobres se ela não for recompensada? Como evitar a grande crise? Não é nada desejar, isso que estes três homens de idade aproximada e de extracções diferentes tanto almejam agora.

Apontam-na como a futura Bardot

Nathalie Delon

(Continuação da 5.ª página)

thalie. «Servia de guia a Stepan para fazer os convites para as estrelas dos filmes de Alain», acrescentou.

O guardas-costas? um excelente rapaz, embora um pouco ingénuo e um pouco imprudente. Entretanto, foi tornada pública uma carta do jugoslavo na qual ele exprimia o receio de ser assassinado. Era dirigida a um irmão. Acusava o casal Delon e deixava perceber que Nathalie estava enamorada dele.

«Era um mitómano», disse Alain. «Sinto-me culpada só por não ter sabido a tempo dos seus sentimentos por mim.» confessou Nathalie. A Polícia declarou o casal Delon alheio ao facto. Lentamente o caso foi-se encerrando perante a hipótese de uma vingança do «milieu». Todavia, diz-se que Alain ainda não se refez do duro golpe. Entretanto Nathalie, mais fascinante do que nunca, mostra-se sorridente, arranjando, por outro lado, vantajosos contratos cinematográficos.

Apontam-na como futuro Bardot. Uma hereditariedade difícil, pois à sua frente tem ainda a beleza de Catherine Deneuve e os «strip-teases» de Jane Fonda. Mas em Nathalie há qualquer coisa: ela é uma personagem. E esta importância surgiu com um denso mistério do qual está longe de se afastar.

Polanski inquieto

(Continuação da 4.ª página)

evidentemente. Mas também lamento que, em certos lados, a minha obra só muito parcialmente seja conhecida.

— E quanto aos críticos?

— Bem, acho que eles têm razão quando gostam do meu trabalho e não a têm quando não gostam...

(Em 1959, vi «Deux hommes et un armoire», curta-metragem de Polanski realizada um ano antes e que não poucos consideram como sendo, verdadeiramente, o seu primeiro filme, muito embora ele tenha rodado duas películas anteriormente. Data daí o meu conhecimento com a sua obra. Aliás, admirei deveras «Deux hommes et un armoire», virulento panfleto, autêntico libelo contra a sociedade moderna. Polanski ama profundamente esse filme e definiu-o assim:

«Dois homens chegam, saem do mar com um guarda-fato e penetram na cidade, que o mesmo é dizer na vida. Mas, precisamente por causa do guarda-fato, eles não podem aproveitar o quer que seja da vida, não viver ali. Com isto, quis mostrar, apresentar, uma sociedade que rejeita o ser humano não conformista ou perturbador, segundo a sua lógica, de um defeito, de uma taxa moral ou física. Consequentemente, à volta dos dois homens passam-se coisas terríveis, cruéis, mas ninguém os vê ou quer ver. Ninguém lhes presta atenção ou ao guarda-fato. Nem a linda rapariga, nem o hoteleiro, nem o guarda, os vádios ou quem quer que seja acolhe em bloco o singular trio que se vê dirigindo a pulso e a rodar no mar depois vinda.

Esses homens só nos parecem fazer sentido se uma vítima do seu ódio individual pelo inconformismo realizado do ser-

gustia e cinismo, humor negro, tons bizarros e a obsessão do quotidiano. O seu autor encara a vida friamente, com sarcasmo e apreensão. A inquietação é, não há dúvida, condição básica da existência.)

Quem tem coragem (e talento) para apresentar outros «O mundo a seus pés»?

Polanski detesta a catalogação comummente usada quando se fala de neo-realismo, «nouvelle-vague», cinema americano, cinema europeu, etc., etc....

—Sim, até porque aprecio imenso alguns filmes da chamada de «nouvelle-vague» e abomino outros. O mesmo se diga quanto ao neo-realismo, um movimento que teve bons e maus filmes. Não se deve compartimentar o cinema. O cinema é universal.

— Mas, de uma maneira geral...

— De uma maneira geral, gosto do cinema americano, admiro o seu apuro técnico. E admiro, claro, filmes como «O Mundo a seus pés», obras feitas com talento e com coragem, hoje muito difíceis de descortinar.

Ah!... Não se pode esquecer, também, é evidente, o cinema japonês, onde admiro, profundamente, Akira Kurosawa. Acontece, porém, que é difícil falar-se com amplitude de conhecimento, da cinematografia japonesa, dado que a sua produção anual atinge cifras impressionantes. Mas, sempre se pode ver dois ou três filmes inesquecíveis.

Uma derradeira pergunta no registo breve de longa entrevista:

— Inspiradas durante as filmagens? (Godard [illegible]...).

— Não. O argumento mantém-se inalterável. Mas quanto à planificação acontecem muitas coisas. É claro que não vou lá escrever que a câmara fica aqui ou ali. Isso é improvisado por mim na altura. Mas, ocasionalmente: Improvisação é um misto de Imaginação e Disciplina.

CANTAR A MORTE NÃO VALE

(Continuação da 11.ª página)

Penso que já dei uma explicação clara... Dir-lhe-ei, no entanto, que a arte não deve ser competitiva. Não sou partidária dos festivais competitivos. Todos os esforços saem amesquinhados. Cantar não é jogar futebol. Cantar é outra coisa — e merece outro aplauso... Talvez os aplausos que ouvi quando cantei ao colo de Vasco Santana.

★ Cantar é um problema de todos e cada um

—As suas palavras são já um testemunho de opinião. Que pensa das chamadas canções de protesto ou das «canções de opinião» como lhe chamou Nara?

—Quando o protesto se transforma em canto, isso significa simplesmente conscientialização de certos problemas. E é muito importante que tal suceda: o público adormecido acaba por acordar. Acaba por acordar e aplaudir. É o que acontece, entre nós, com Zeca Afonso, Manuel Freire, Adriano Correia de Oliveira. Lá fora, as plateias levantam-se quando ouvem certas canções de Bob Dylan, Jacques Brel, Brassens, Paco Ibáñez... Protestar, porém, não é descurar a música nem o poema. Protestar é ser rigoroso na palavra e na melodia. É dizer só o essencial, comunicar aos outros uma expressão salutar, corajosa. Emoção, sim, mas não piegas...

★ Não interessam histórias com princípio, meio e fim

—O baixo nível das nossas canções fica-se, quase sempre, na ausência de qualquer espécie de cultura literária. Um cançonetista que não lê não poderá dar-se conta de certos vícios mais que se soltam das capas dos discos nacionais. Os textos, então, quando os versos são correctos, não se apercebe da sua pieguice. «A casa da Mariquinhas», por exemplo, dirige-se ao sentimentalismo do nosso público, um sentimentalismo que o faz aceitar, com lágrimas nos olhos, situações deploráveis...

— Pode ser mais clara...?

—Posso. «A casa da Mariquinhas» é uma história com princípio, meio e fim — e o que interessa é apontar um fim. Buscar um horizonte... Não se trata de fazer uma revolução: trata-se de acompanhar humanamente as pessoas, abordando os problemas de todos os dias. Só isso.

★ «Não lamentarei a vida»

Teresa Paula Brito (leitora de Régio, Gomes Ferreira, Manuel Alegre; e também Ferreira de Castro, Cardoso Pires, Abelaira; e ainda Prévert, Eluard, Tagore; e também ainda Jorge Amado, Vailland Sartre, Steinbeck...), Teresa Paula Brito, como iamos dizendo, como ela ia dizendo, não se propõe fazer uma revolução. Cantou, aliás, uma canção pobre na noite de pompa da R. T. P. Mas tem a força da sua própria fragilidade — uma fragilidade que possui nomes que lhe são pontos de apoio, que a fazem estar no mundo de olhos abertos, que, com o correr dos dias, lhe vão corrigindo a hesitação da vida (artística) portuguesa.

—Estou novamente a estudar canto e música. Não para ser uma profissional, não para competir. Sim porque me agrada dar vida às palavras que a rotina foi matando no decorrer dos nossos tristes dias. Cantarei com plena confiança na vida. Nunca a lamentarei. Louvá-la, amá-la, é a única opção humana.

«BUSCANDO UM HORIZONTE»

Esta é a letra de Vítor M. Diniz e António Leitão (sobre música do primeiro) que Teresa Paula Brito tentou defender no São Luiz. O horizonte ficou resvés com a indiferença.

A luz que ilumina o céu...
O mar que recorda a fonte...
É vida a pulsar
És tu... sou eu
Buscando um horizonte.

Se a dor quase já venceu
E o longe traz solidão
A vida responde:
Amanheceu!
Acorda o teu coração!

Ainda que a alma de cansaços
Pareça vergar sob uma cruz
Há sempre mais sol para os teus passos
Tens sempre na vida um céu de luz.

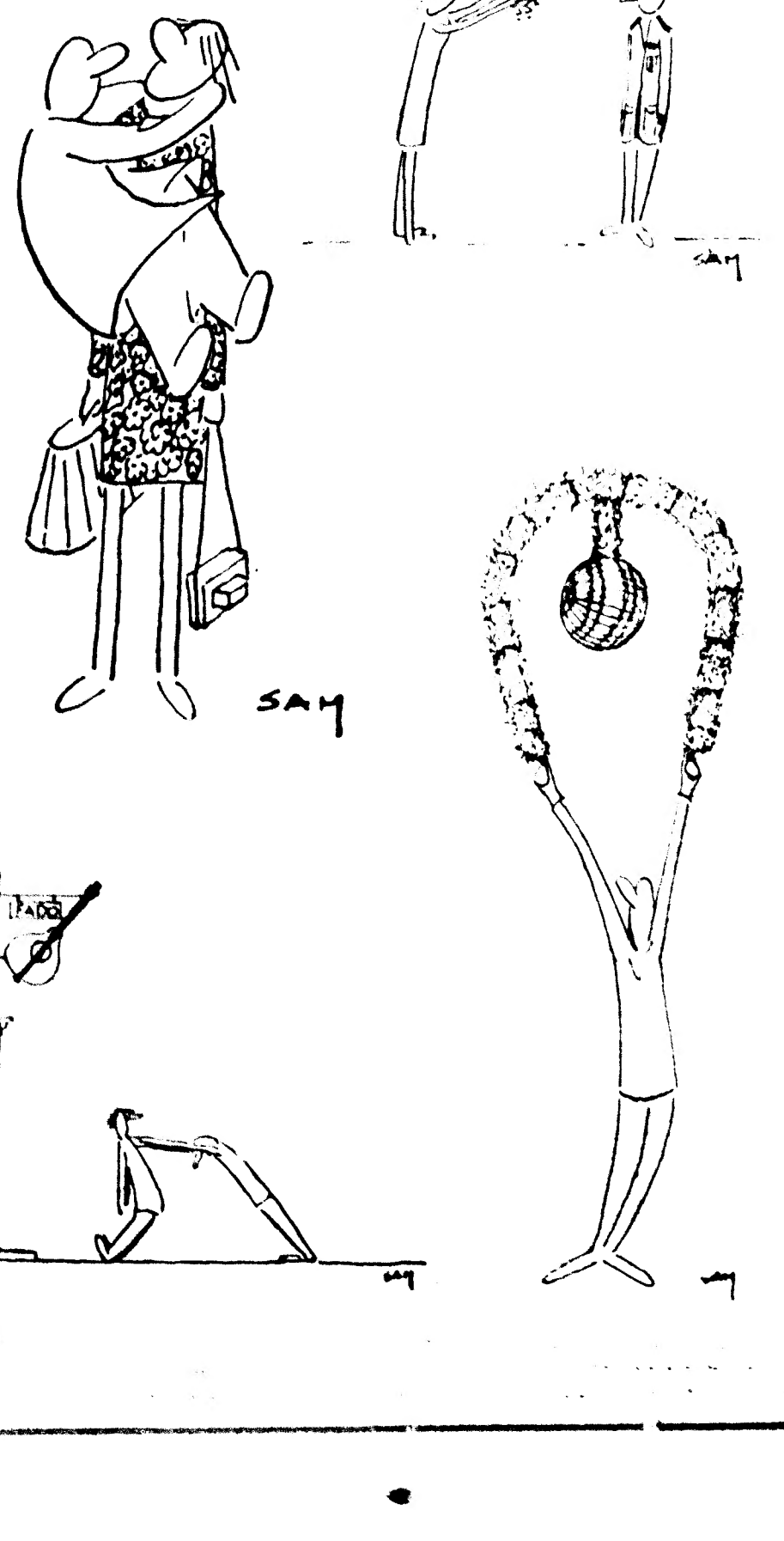
Um sorriso, um abraço, uma esperança
A ternura de um momento de carinho
É promessa, é lembrança,
É semente que se lança
De mãos dadas é mais fácil o caminho
Se o Amor desenha os traços
Que o destino traduz,
Há sempre mais sol para os teus passos
Tens sempre na vida um céu de luz.

O tempo que o tempo deu
Sem ter força que o defronte
É vida a pulsar
És tu... sou eu
Buscando um horizonte
Se a dor quase já venceu (etc.)

Português. Engenheiro de profissão residente em Lisboa. Há anos estudou arquitectura na Suíça. Recentemente decidiu estudar (sòzinho e na sua casa das Avenidas Novas) a difícil arte de desenhar «cartoons».
Resultou: a exigentíssima revista *Plexus* publicou alguns dos seus desenhos — o que representa um triunfo de significado internacional.
SAM vem de Samuel. É uma abreviatura que tem a simplicidade e o poder de síntese característicos das linhas sumples de um bom «cartoon».

SAM

ABRIL EM PORTUGAL



A CRISE MONETÁRIA

A CRISE MONETÁRIA A CRISE MONETÁRIA A CRISE MONETÁRIA A CRISE MONETÁRIA A CRISE MONETÁRIA